

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



BELEZA NOS DETALHES

AMPLIFICADOR DE POTÊNCIA
MARK LEVINSON N°5302

E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS HARBETH M30.2 XD

CABO USB ARGENTUM DA
VIRTUAL REALITY

HI-END PELO MUNDO

COBERTURA DA FEIRA
HIGH END MUNICH 2023

OPINIÃO

O SOM DE PA ESTÁ INVADINDO
A AUDIOFILIA

É PRECISO SABER O BÁSICO PARA NÃO
COMETER ERROS TOLOS - PARTE 5

FALÁCIAS AUDIÓFILAS 2



MINIMALISTA E EFICIENTE

TOCA-DISCOS PRO-JECT X8

ORIGIN LIVE

Raramente somos o primeiro toca disco do audiófilo.
Mas nos credenciamos a ser o definitivo.

 DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

@WCLRDESIGN

Swift



Sovereign



Zephyr Mk4



Enterprise Mk4

Escolher o toca-discos perfeito para nossas expectativas é uma tarefa tão árdua como definir nossas caixas acústicas. São inúmeras as opções existentes.

Qual o critério devemos utilizar ?

- Design
- Histórico do fabricante
- Robustez
- Custo / benefício
- Versatilidade
- Longevidade nas opções de upgrades
- Performance

Se você assinalou todos os critérios acima, a Origin Live certamente estará na sua lista de escolha final. Pois temos a melhor solução para você. E com um enorme diferencial: satisfação plena de todos audiofilos que nos escolheram.



FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR



KW HI-FI



@KWHIFI



KW HI-FI



(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

DISTRIBUTOR.KWHIFI.COM.BR/



AMPLIFICADOR DE POTÊNCIA MARK LEVINSON N°5302

90

E EDITORIAL 4

Respire fundo e sincronizado antes de você ouvir seus discos

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 12

Novidades

HI-END PELO MUNDO 14

Cobertura da feira High End Munich 2023

OPINIÃO 28

O som de PA está invadindo a audiófilia

OPINIÃO 32

É preciso saber o básico para não cometer erros tolos - parte 5

OPINIÃO 40

Falácias audiófilas 2

PLAYLISTS 44

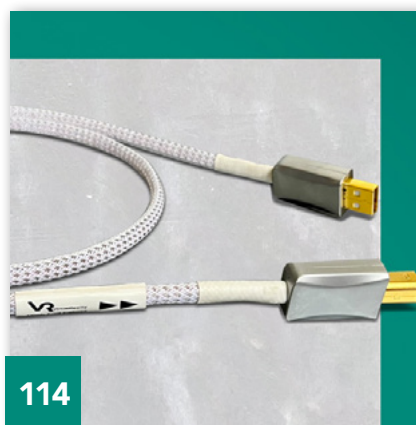
Tributo à Ella Fitzgerald



100



106



114

VINIL DO MÊS 48

Holst: The Planets - London Philharmonic (EMI, 1979)

INFLUÊNCIA VINTAGE 52

Walkman Professional Sony WM-D6C

MÚSICA DE GRAÇA 56

Jazz em violino, sexteto & vocal!

AUDIOFONE 61

Volume 36

TESTES DE ÁUDIO

90
Amplificador de potência
Mark Levinson N°5302

100
Toca-discos Pro-Ject X8

106
Caixas acústicas
Harbeth M30.2 XD

114
Cabo USB Argentinum
da Virtual Reality

ESPAÇO ABERTO 118

Minha book preferida

ESPAÇO ABERTO 120

Não existe música "velha"

VENDAS E TROCAS 122

Excelentes oportunidades de negócios



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

RESPIRE FUNDO E SINCRONIZADO ANTES DE VOCÊ OUVIR SEUS DISCOS

Um artigo publicado na Scientific Reports, retifica outras pesquisas de que a respiração tem um papel crucial na coordenação da atividade cerebral pré frontal, durante a vigília. Essa nova pesquisa fornece novas evidências sobre a importância da respiração sincronizada e todo processamento cognitivo. Não é de hoje que a neurociência estuda a relação entre padrões respiratórios e o aumento de concentração em determinadas áreas do nosso cérebro. Para esse novo estudo, os pesquisadores se debruçaram em uma estrutura específica chamada núcleo reuniens (REU), que atua como um elo entre o córtex pré-frontal e o hipocampo (os participantes do nosso primeiro Curso de Percepção Auditiva, em novembro de 1999, ouviram uma longa explanação minha sobre a relação do hipocampo com a Memória Auditiva de longa duração), e como a respiração controlada estimula a frequência do ritmo gama para uma sincronização da atividade neural. A importância dessa nova pesquisa é que o ritmo gama é um padrão específico de atividade elétrica no cérebro, caracterizado por oscilações na faixa de frequência gama, em torno de 30 a 80 ciclos por segundo (Hz). Sendo uma característica proeminente nos processos cognitivos, que abrangem a atenção, percepção, memória e consciência. Notou-se nesse novo estudo, que a respiração é um comportamento que estimula um conjunto surpreendentemente grande de sentidos, passando por sensações mecânicas, térmicas e sensitivas, como olfato e audição. A principal conclusão desse novo estudo é que a respiração é um importante marcapasso nas áreas cognitivas do cérebro acordado, e pode ajudar a nos tornarmos mais atentos, ampliando nossa capacidade de percepção pelos sentidos.

Pois como descreveu um dos autores do estudo Diellor Basha: “O nosso cérebro está constantemente monitorando as sensações que evocamos por nosso próprio modo de pensar e agir. E a cada respiração que você dá, cada movimento que você faz, cada vínculo que você quebra, o cérebro está observando você”.

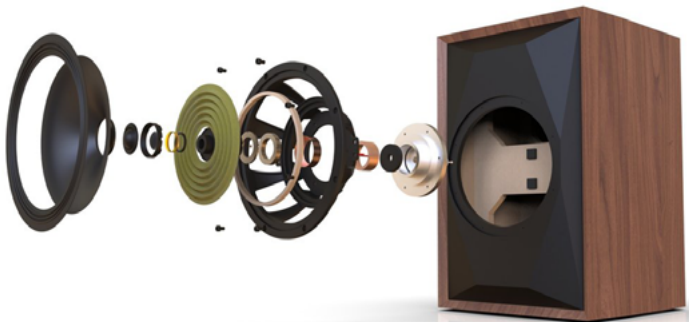
Já escrevi algumas vezes que jamais entro em nossa sala de trabalho se o grau de preocupação ou cansaço não me permitir ter a atenção devida para avaliação dos produtos em teste. E outro procedimento que também faço uso, é o de repetir ao menos uma faixa de cada quesito no outro dia, em horário distinto da primeira rodada de notas, para observar se existem alterações no que foi observado. E antes de iniciar a avaliação final, sempre utilizo o exercício de inspirar e expirar sete vezes para deixar minha mente mais leve e concentrada. Essa técnica aprendi nos anos 70, em um Curso de Musicoterapia em que o instrutor utilizava o método flow, a famosa teoria do fluxo criada pelo psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi, que consiste em se atingir um estado mental em que você está tão envolvido que perde a noção de tempo e espaço, e o prazer em estar nesse estado é pleno. Sugiro a todos que desejem imersões intensas em suas audições, pesquisar tanto o exercício de respiração sincronizada como a técnica flow.

Ambas melhorarão sua Percepção Auditiva e diminuirão sua ansiedade incrivelmente.

Experimentem! ■



O SourcePoint 10 é o inovador sistema magnético de neodímio de alto fluxo Twin-Drive do renomado projetista Andrew Jones. Com esse novo projeto, Andrew conseguiu um incrível falante de 10 polegadas com impressionante impacto, clareza, correção timbrica e resposta de graves que nenhuma outra book jamais conseguiu. Instalado no centro desse woofer de 10 polegadas, existe um tweeter de domo macio de 1,25 polegadas, que trabalha de 1,6 khz a 30 hhz. Os dois juntos, soam como um só falante! O MoFi SourcePoint 10 está surpreendendo o mundo audiófilo, e em breve irá surpreender você.



A verdadeira *experiência* da música.

MoFi

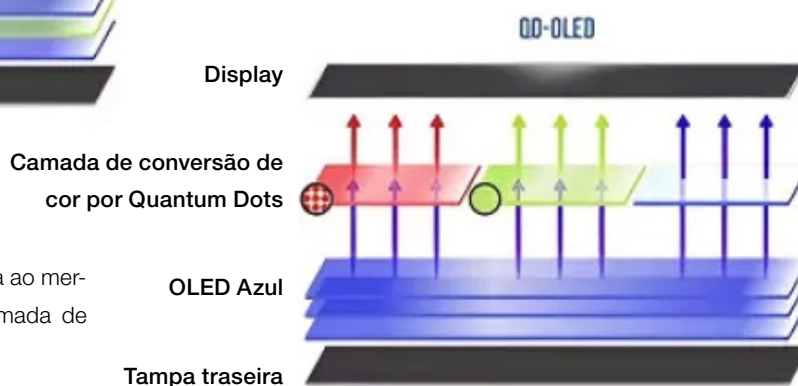
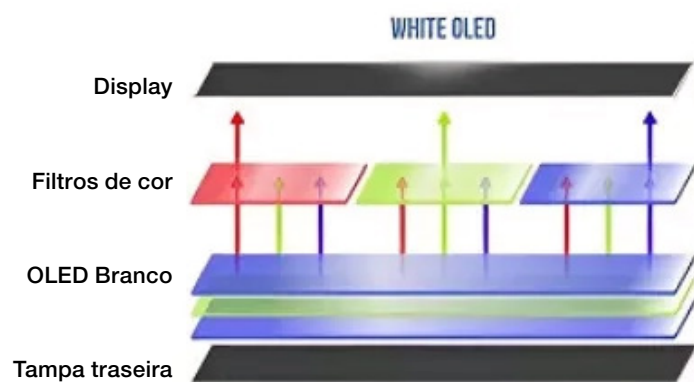
SOURCEPOINT 10

PREPARE O SEU CORAÇÃO
PARA FORTES EMOÇÕES

german
curitiba • são paulo • san diego
contato@germanaudio.com.br



NOVA TV QD-OLED MODELO S90C DA SAMSUNG



A tão esperada TV S90C tipo OLED da Samsung chega ao mercado, usando a tecnologia de painéis diferenciada chamada de QD-OLED - a primeira no Brasil.

A Samsung optou por desenvolver e fabricar painéis OLED de maneira diferente do mercado, chamando-o de QD-OLED: Quantum Dot Organic Light Emitting Diode.

O diodo produz luz azul, que passa por uma camada de Quantum Dots nas cores verde e vermelha, resultando em uma imagem na tela - pulando uma etapa usual de filtragem de luz. O resultado promete uma imagem com mais brilho que o WOLED tradicional.

A TV Samsung S90C de 55 polegadas já está disponível para a venda no Brasil, por um preço estimado em R\$ 6.649. ■

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com/br/



Platinum Series 3G

@WCJRDESIGN

A definição da elegância

O Platinum Series 3G é o culminar de inovações acústicas revolucionárias reunidas em vários designs habilmente elaborados que celebram o rico legado da Platinum Series. A linha cimenta o lugar merecido da Monitor Audio no espaço de alto-falante premium de alta qualidade e representa uma pureza de som e design lindamente entrelaçados - o lançamento, um ponto alto no 50º aniversário da marca.

A Platinum Series sempre representou a proeza de engenharia e design da Monitor Audio e a 3ª geração não é exceção. Nossa equipe de design baseada no Reino Unido trabalhou em estreita colaboração com nossos engenheiros acústicos para oferecer uma estética que celebra os componentes de alto desempenho sem dominar o ambiente.



Sua conexão com o melhor som.

DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

mediagear.com.br | (16) 3621.7699
contato@mediagear.com.br

PRIMEIRA OLED 8K DO BRASIL PELA LG



Durante a CASACOR 2023, a LG apresentou a chegada do primeiro televisor OLED 8K do país. A TV LG OLED Z3, se destaca por vir com os pixels que se auto-iluminam, o que permite uma melhor reprodução de cores e aprimora o nível de brilho do televisor.

Lançado no exterior com tamanhos 77 ou 88 polegadas, este modelo vem equipado com o processador $\alpha 9$ AI 8K Gen6, que traz refinamentos de imagem e som, além de permitir o upscaling de resoluções inferiores a 8K.

A LG também renovou a sua linha OLED 4K no Brasil, nas três famílias da marca. A G3 em 55" e 65", a intermediária C3 em 42", 48", 55", 65", 77" e 83", e a linha de entrada B3 em 55".

As G3 e C3 se destacam pelo design premium, com molduras de 6 mm, e pelo processador $\alpha 9$ Gen6 4K AI, com Super Upscaler IA, para remover ruídos e dar maior definição aos objetos e rostos.

A G3 ainda traz um suporte chamado Zero Gap, para diminuir a distância da TV para a parede. E a C3 vem com uma borda diferente da chanfrada que vinha nos antecessores.

A LG também apresentou detalhes sobre a nova versão do sistema operacional das suas TVs: o webOS 23 chega com uma interface mais limpa e moderna, com criação de até 10 perfis para customizar cada com diferentes preferências.

Outro destaque consiste no suporte ao GeForce Now, que permitirá jogar por meio da nuvem, com melhor imagem graças à tecnologia G-SYNC.

A LG ainda não divulgou uma data para início das vendas de suas novas TVs, assim como os preços. A OLED Z3, porém, deverá chegar no final de agosto. ■

Para mais informações:
LG
www.lg.com/br

AUDIO RESEARCH É OFICIALMENTE COMPRADA



A Audio Research Corporation foi adquirida pela AR Tube Audio Corporation, uma empresa privada com sede em Delaware, que inclui como diretor Valerio Cora - da canadense fabricante de caixas acústicas Acora Acoustics Corporation, da qual a Audio Research operará independentemente. A aquisição foi aprovada por um juiz depois que um acordo de compra de ativos foi feito com o Lighthouse Management Group.

Grupos de investimento de capital privado e capital de risco não estão envolvidos na nova corporação - ela é composta por audiófilos apaixonados dedicados à boa reprodução musical.

A Audio Research foi fundada em Minneapolis em 1970 e permanecerá em suas instalações em Maple Grove, Minnesota, onde projeta, constrói e dá suporte aos produtos valvulados feitos à mão pelos quais é conhecida. A equipe de funcionários permanecerá inalterada, e a rede de revendedores e distribuidores selecionados da Audio Research permanecerá estável e continuará a receber o suporte total da empresa, assim como os milhares de proprietários de equipamentos Audio Research.

Esta aquisição deve fornecer a estabilidade financeira necessária para retomar o crescimento, assim como trazer novos produtos que estão no horizonte, como o amplificador Reference 320M

“Estou emocionado por me juntar à fantástica equipe da Audio Research em sua jornada rumo a um futuro muito brilhante. Como alguém cuja jornada de áudio foi construída com base na Audio Research, estou profundamente honrado por ter a oportunidade de contribuir para uma marca tão inovadora e com visão de futuro. Mal posso esperar para trabalhar ao lado dessas pessoas incríveis e ajudar a levar o sucesso da empresa a patamares ainda maiores!”, declarou o novo CEO, Valerio Cora. ■

Para mais informações:
Audio Research
www.audioresearch.com

NOVOS MONITORES PROFISSIONAIS 4K DA SONY



A Sony Electronics anunciou 16 novos monitores profissionais BRAVIA 4K HDR, das séries BZ50L, BZ40L, BZ35L e BZ30L.

São monitores otimizados para ambientes comerciais, que requerem confiabilidade, qualidade de imagem e compatibilidade. Os monitores BRAVIA 4K profissionais oferecem opções que atendem às necessidades dos usuários de gama alta, média e padrão, e os novos produtos oferecem opções de tamanhos de 43 a 98 polegadas.

De acordo com a Sony, um diferencial exclusivo da nova linha é a brilhante série BZ40L, que apresenta um tratamento de painel com revestimento antirreflexo preto profundo, que oferece alto embaçamento e baixo reflexo, enquanto mantém pretos profundos e alto contraste.

A principal série profissional BRAVIA 4K são os monitores BZ50L. A empresa enfatiza que esta tela de 98 polegadas incorpora o processamento Sony XR e a capacidade de produzir até 780 nits de brilho. Os destaques adicionais do BZ50L incluem uma redução aproximada de 22% no peso e uma largura de moldura 28% mais fina em comparação com a série profissional BRAVIA BZ40J. Para ajudar a tornar o modelo grande mais portátil e fácil de instalar, alças horizontais ergonômicas são incorporadas na parte inferior da tela, enquanto alças verticais são apresentadas na parte superior.

A série BZ40L de alto brilho e antirreflexo com processamento X1 é capaz de produzir até 700 nits de brilho, sem perda de contraste. A série BZ35L apresenta maior armazenamento e a capacidade de produzir até 550 nits de brilho, também com o processador X1 da Sony. E a série BZ30L que traz até 440 nits de brilho.

Atendendo o respeito ao meio ambiente, a empresa diz que todos os 16 modelos incorporam elementos de sustentabilidade que vão desde o uso de plástico reciclado SORPLAS, e menos uso de tinta nas caixas, até um suporte opcional para menos desperdício, e o ECO Dashboard para melhor compreensão do consumo de energia com base nas configurações.

Os monitores também permitem operação 24 horas por dia, 7 dias por semana, fácil configuração e personalização, recursos de espelhamento, além da tecnologia Pro Mode para simplificar as operações, instalação flexível para montagem vertical e inclinada e suporte para instalação de vários monitores combinados. E fornecem armazenamento interno de 32 GB.

Além disso, a nova linha de monitores profissionais BRAVIA 4K também oferecerá suporte à Alliance Partner Network da Sony, permitindo ainda mais integração e compatibilidade com provedores de soluções estabelecidos em aplicativos corporativos, educacionais, de transporte e de varejo.

Nos EUA e no Canadá, os novos modelos de 98 polegadas, séries BZ30L e BZ40L, estão planejados para lançamento em julho de 2023, enquanto a disponibilidade esperada da série BZ35L é outubro de 2023. Não há previsão para lançamento no Brasil. ■

Para mais informações:
Sony
www.sony.com

SME

MODEL 60

SENTE E SE EMOCIONE

@WCJRDESIGN



É isso que sugerimos a todos os nossos clientes faz 77 anos. Cada novo produto que lançamos, temos o cuidado permanente de fazê-los para durar uma vida. E cada upgrade nos produtos em linha, só são aprovados se for concretamente uma evolução significativa do original. Por isso que cada toca disco SME atravessa décadas sem alterações. Mas quando fazemos, acredite, estamos estabelecendo uma nova referência analógica. Descubra toda a série MK2, escolha, sente e se emocione.

THE NEW
SYNERGY



THE NEW
MODEL 12



THE NEW
MODEL 15



THE NEW
MODEL 20



THE NEW
MODEL 30



TELEFONE: (11) 98369.3001
(11) 99471.1477

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica



CAIXAS ATIVAS A10 DA BUCHARDT

A fabricante dinamarquesa de caixas acústicas Bucharardt Audio está comemorando 10 anos de existência com o lançamento de um par de caixas acústicas ativas. As A10 - Anniversary 10 - têm os gabinetes feitos de madeira de verdade, de 19mm de espessura, usinada por CNC, trazem um woofer de 6.5 polegadas de baixa distorção da Purifi Audio, um tweeter de domo de alumínio com guia de ondas para melhor dispersão, têm com amplificação digital com DSP e conectividade sem fio. Os preços começam em 3.600 euros o par, a partir de agosto. ■

www.bucharardtudio.com

VÁLVULAS 'SOLID STATE' MOSTUBE ONE DA SOUNDSMITH

A americana SoundSmith, especialista em cápsulas para toca-discos e retip de agulhas, acaba de apresentar as 'válvulas' MOSTUBE ONE, que substituem válvulas de potência como 6550, EL34, 6L6, e de KT66 até KT150, com alta longevidade. Seus circuitos internos são solid state, mas prometendo manter uma sonoridade tipo valvular, trazendo aumento de potência em 30 à 50%, e sem necessidade de ajuste do amplificador. Os valores ainda não foram divulgados pelo fabricante. ■

www.sound-smith.com

SoundSmith



TOCA-DISCOS MAGNEZAR DA KLAUDIO

Sediada na Califórnia, a KLAUDIÓ é conhecida mais por suas máquinas de limpeza de LPs por ultrassom. A empresa acaba de anunciar o toca-discos de vinil superlativo Magnezar, que traz um braço que corrige a tangencialidade - provendo zero de erro de tracionamento. O Magnezar é um sistema direct-drive (tração direta) com rolamentos magnéticos sob um prato estabilizado por líquido, com um peso total do conjunto ultrapassando 50 kg. Como o Magnezar ainda está em fase final de desenvolvimento, seu preço é apenas estimado: 68 mil dólares, completo. ■

www.klaudio.com



CD-PLAYER VIKING DA HEGEL

Apesar de ser uma ideia antiga da norueguesa Hegel, de lançar um CD-Player, ela está se concretizando somente agora. O CD-Player Viking tem inserção do disco via slot, e usa um chip conversor AKM 4493SEQ, sem o uso de resampling ou de up-sampling, com um sistema de clock desenvolvido especialmente para ele, encampando a tecnologia de circuito SoundEngine da marca. O CD-Player Hegel Viking - que não tem entradas digitais, e traz saídas analógicas XLR e RCA e uma saída digital BNC - tem uma etiqueta de preço estimada de 4995 euros, a partir de setembro. ■

www.hegel.com

CD-PLAYER CD-1000 MKII DELUXE DA GOLD NOTE

A célebre fabricante italiana Gold Note acaba de lançar a nova versão de seu CD-Player. O CD-1000 MkII Deluxe DSD, que é também um DAC que reproduz DSD256 via USB (ele não reproduz discos de SuperAudio CD) e PCM 32-bit/384kHz, traz uma mecânica e unidade ótica JPL-2800 da Stream-Unlimited, saídas analógicas solid state e valvuladas, e entradas digitais coaxial, USB e ótica. O CD-1000 MkII Deluxe DSD, que possui também uma conexão para upgrade usando fonte de alimentação externa da própria marca, tem uma etiqueta de preço de 5.190 euros, na Europa. ■

www.goldnote.it



PLUGUES RCA WBT-0120

A conhecida alemã WBT, especialista em plugues RCA, e para cabos e bornes de caixas acústicas, acaba de lançar o modelo WBT-0120 RCA, em um ângulo oblíquo que facilitará - em alguns sistemas - a organização de cabos e posicionamento de equipamentos, e cujo corpo é feito em um plástico especial garantindo leveza. Eles têm um sistema de travamento através de uma alavanca, e seus contatos são do mesmo estilo tradicional 'nextgen' da WBT, além de folheados à ouro por um processo que a empresa chama de WBT-PlasmaProtect. Os preços dos plugues RCA WBT-0120 ainda não foram divulgados. ■

www.wbt.de



HIGH END MUNICH 2023 - PARTE 1: IMPRESSÕES GERAIS E TENDÊNCIAS

XX Por Roberto Diniz, com fotos de Fred Bonatto
revista@clubedoaudio.com.br

Desde 1982, o *HIGH END Munich* cresceu muito e se consolidou como principal evento mundial no segmento de áudio de alta qualidade. Com mais de 22 mil visitantes e 800 expositores, em quatro dias, a feira de 2023 sinaliza várias tendências de mercado e tecnologia. Só o futuro nos dirá quais serão mais relevantes ou duradouras. Por ora nos cabe observar.

1. OPÇÕES CONSTRUTIVAS, FORMAS E FUNÇÕES

Progressos em tecnologia da informação, ciências de materiais e métodos de fabricação têm favorecido melhorias acentuadas na qualidade de construção e acabamento dos equipamentos de áudio. Tornou-se comum oferecer gabinetes de formas e materiais exóticos. Antes raros e caros, os gabinetes monobloco em alumínio são agora amplamente utilizados, fabricados pela usinagem CNC. Hou-

ve grandes avanços em projetos técnicos e processos industriais por software, algoritmos para simulações mecânicas de formatos, desempenhos, temperaturas e vibrações, assim como plataformas de projetos e testes eletrônicos por software. Em materiais ampliou-se o uso de madeiras tratadas, resinas especiais, sanduíches de fibras, materiais compostos e metais antes considerados 'difíceis'.

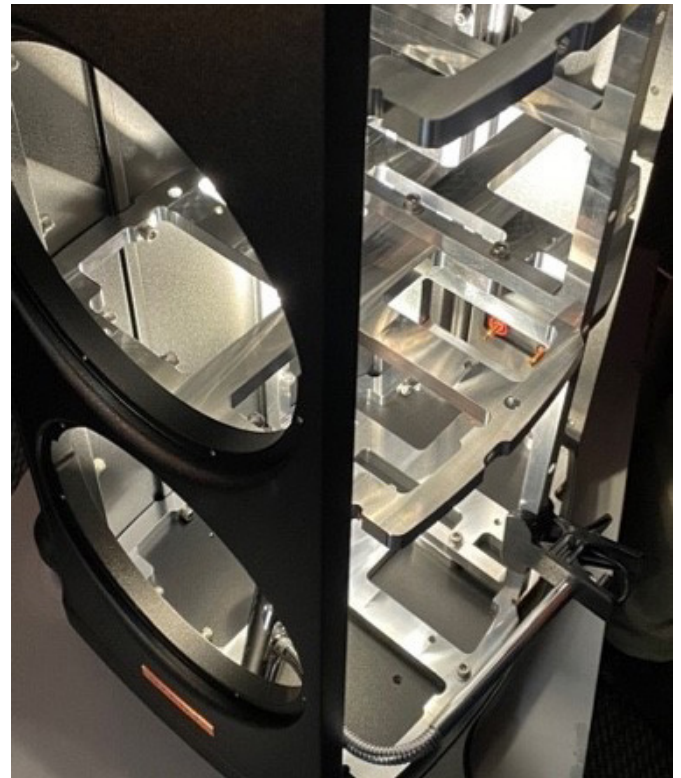
Se o básico de um equipamento é ser confiável, funcional e oferecer som de qualidade, ser bonito ou caro pode decorrer de outras qualidades como, por exemplo, ser algo especialmente bem construído. Já o luxo e ostentação podem desvalorizar produtos a médio prazo, desgastando a confiança do consumidor. Um termômetro é o preço de revenda do usado. Outros podem ser índices de falhas, qualidade dos serviços, peças e assistência técnica. ▶



Acima à esquerda, a italiana Riviera produz qualidade em cores customizáveis. No meio um toca-discos AMG, como o que uso aqui em São Paulo, cercado por amplificador integrado e caixas em madeira maciça da Wiener Lautsprecher Manufaktur, e um móvel combinando. Muito chic o sistema, som agradável, visualmente compacto e fácil de integrar em ambientes. À direita um toca-discos TechDAS Air Force III preto, de alumínio e aço, com cápsula TDC-01 Ti de titânio, base em pedra polida, prato em cobre, tocando os eletrônicos Constellation em alumínio usinado, com digitais dCS monoblocos pretos, condicionador cinza e caixas Wilson Audio Alexx V (fora da foto) - que são um mix de materiais compostos, revestidas em preto automotivo. O principal é que o som estava ótimo, mostrando a eficácia de se focar na função e na finalidade, mesmo que os meios ou elementos sejam grandes, custem caro, misturem vários materiais ou estilos.



Abaixo modelo em corte da caixa Magico mostra sofisticada estrutura interna em duralumínio aeronáutico com curvas e dimensões otimizadas. Em seguida, na Thrax, que fabrica incríveis eletrônicos valvulados e toca-discos de tração direta, com braço Schröder, cápsula Koetsu Blue Lace e monitores Thrax Lyra. Pedestal, phono, pré e amplificador são feitos em alumínio, e lá era uma das melhores salas com bookshelf. À direita, a YG Acoustics em sala grande com vários produtos, lançando a série Reference 3 e linha Peaks, outros exemplos de construção com monoblocos super-rígidos, vibrações controladas e superfícies curvas para menor difração.



HI-END PELO MUNDO - COBERTURA DA FEIRA HIGH END MUNICH 2023



Abaixo, a Rockport mostrou o modelo Orion, com estrutura maciça de relevo nervurado em alumínio fundido e recortes usinados. Nada disso aparece no produto final, porque recebe por fora uma camada de resina que preenche os espaços, dando um acabamento liso de pintura automotiva. O som estava excelente, bem integrado, com textura natural e excelente dinâmica. Certamente se beneficiaram da fonte de vinil Kuzma com braços cônicos em cristal de safira, cápsulas ZYX e eletrônica Absolare.





Na terceira foto acima vemos marcenaria de altíssimo padrão nas caixas alemãs Kawero! modelo Grande, em folhado similar a jacarandá, envernizadas com qualidade de instrumento musical e alimentadas por eletrônica Ypsilon. Cada uma tem dois gabinetes, construídos em sanduíche de material composto *tankwood* com borracha. Usam tweeter ribbon RAAL, transformadores Kondo em prata, falantes high-tech dinamarqueses, pés Stillpoints e outros sistemas de controle de vibrações. Algumas salas no show, usavam esses interessantes difusores acústicos nas paredes, em fibra pintada com relevos arredondados, de visual suave.

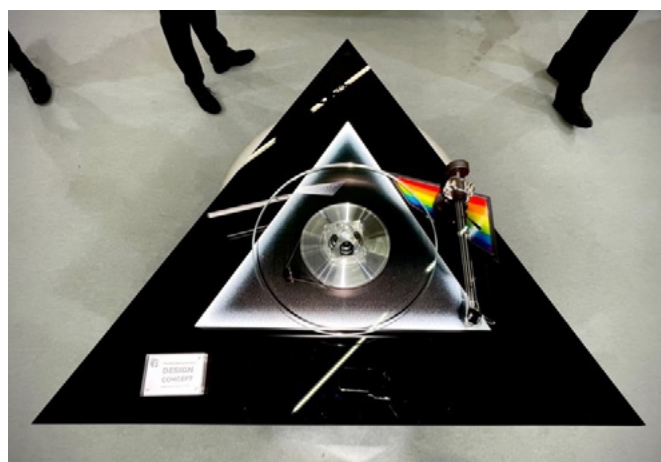
É uma questão de tempo para que os custos incrementais baixem. Em algum momento, fabricar em preto, cinza, liso ou quadrado sairá ao mesmo preço que fazê-lo em azul, laranja, texturizado ou redondo. Gradativamente os diferenciais passarão a ser outros detalhes.

2. UPGRADES E CUSTOMIZAÇÕES MODULARES

Abaixo amplificadores gregos hART Lab, e caixas italianas AirTech: clientes escolhem cores e acabamentos entre dezenas de opções, LEDs mudam de cor comandados por celular.



A Pro-Project prestou homenagem ao disco *The Dark Side of The Moon*, do Pink Floyd, clássico de 1973 e anunciou versão semelhante, disponível em breve ao público. Entre outros designs conceituais, chamou especial atenção um RPM 12 Direct Drive Concept que remete aos Micro Seiki das décadas de 70 e 80, clássicas referências históricas em áudio high-end.



HI-END PELO MUNDO - COBERTURA DA FEIRA HIGH END MUNICH 2023



Apesar de estáticos, sem música, os stands Pro-Ject e EAT estavam dirigidos ao fenômeno de customização, com múltiplas opções de cores e texturas para toca-discos e acessórios. Na Pro-Ject criaram um atraente display giratório, em forma de esteira de sushi, como aquelas usadas por restaurantes no Japão. Passam o conceito de que fazer upgrades é fácil e divertido. Ficou claro o direcionamento à nova geração que entra no mundo do vinil. O EAT roxo era conceitual e único, mas sabemos que foi vendido - sempre há alguém em busca de exclusividade.



3. CROSS-MARKETING ENTRE ÁUDIO E MERCADO DE AUTOMÓVEIS

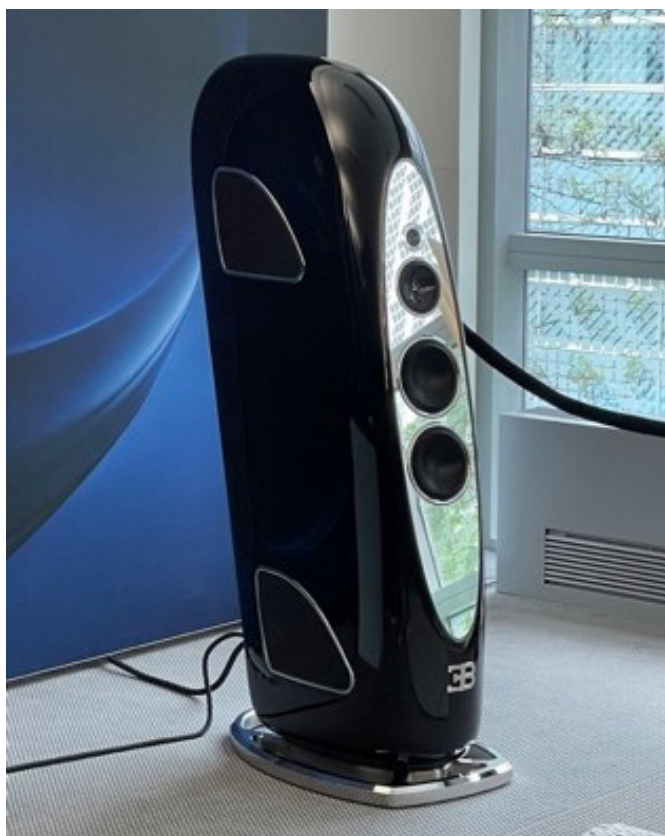
Essas indústrias buscam trazer públicos de um campo ao outro, licenciando designs e marketing por associações cruzadas. Abaixo um *boombox* Ixoost (estilos Lamborghini, AMG, etc) e kits Focal de upgrade de alto-falantes para algumas marcas de carros. Já no topo da pirâmide audiófila, há as caixas de som Tidal by Bugatti. Além da unidade controladora externa inteligente, as caixas contam internamente com quatro canais de amplificação, pré-amplificador, DAC e conexões de rede. Detalhe: esta Tidal é a fabricante alemã de caixas de som desde 1999, e não o serviço sueco-norueguês de streaming de música desde 2014. Não conseguimos ouvi-las porque a sala estava lotada, e depois fecharam a demonstração. Alguns acharam excelente. Notamos que a sala não tinha tratamento acústico especial. Conforme as opções de acabamentos, ficam entre 260 e 503 mil euros. Elegantes, não parecem pesar 430 kg. Já o sistema Ixoost custa US\$ 45 mil, e pesa 53 kg. Nesse ritmo, o carro Porsche azul sai bem mais barato por kg, incluída a maleta customizada P60 com os ótimos falantes Focal.





soluções fazem *cross-marketing* entre áudio e prestigiadas marcas de moda ou de decoração.

Abaixo, as caixas amplificadas wireless Audio Pro mostram um visual muito simpático. As DeVore Fidelity estavam tocando muito bem com o toca-discos da neozelandesa The Wand. As Micr/O - na foto o modelo quadradinho - foram projetadas para eventual montagem dentro da estante de livros. Em branco, a recém-lançada Meridian DSP9 segue a linha chic de desempenho superlativo, custo à altura, mas opções de acabamentos que agradam famílias e arquitetos. A Chord trouxe séries com visuais interconectados, mini-separados da linha *Table Top*, e os micro-separados da linha *Qutest*, que cabem na palma da mão mas tocam bem: DAC, phono e amplificador de headphones.



4. LIFESTYLE PRODUCTS

Havia muitas ofertas para o público jovem que entra no mercado de trabalho, com algum dinheiro para gastar, focadas em aspectos culturais e estéticos. Outro nicho era o público de meia idade em busca de boa música, mas sem tantos aparelhos, cabos e acessórios de um sistema tradicional. Para tais públicos prevalecem as soluções visualmente elegantes, sejam sofisticadas e portanto caras, ou produtos compactos, atraentes e de bom custo-benefício. O conceito de soluções estilizadas para nichos de mercado é chamado *Lifestyle Audio*, focado em estilos de vida. Algumas dessas





5. ESTÉTICA VINTAGE ANOS 70

De uns anos para cá, o espírito de estilos *vintage* migrou da década de 60 para a seguinte. Das faces sóbrias, formatos de racks com alças, muitas marcas estão usando estéticas angulosas, contrastes entre preto e alumínio, frisos, botões, mostradores analógicos com ponteiros e iluminações que remetem à época. Outra convergência é a volta dos *receivers*, que podem ter nome e cara parecidos com os populares equipamentos dos anos 70 e início dos 80, mas são agora digitais com streaming, rádios internet e também conectam fontes analógicas.

A Naim lançou uma edição do amplificador integrado NAIT 50, em homenagem aos 50 anos da marca, num lote de 1973 unidades em alusão ao ano. Adorei o visual (foto do fabricante), fiquei até com vontade de comprar um, mas já tenho coisas demais. Assim funcionam as vendas por impulso, mexendo com os sentimentos dos clientes. A alemã T+A lançou na R Serie, um receiver moderno e multifuncional, além de mini-systems de visuais coordenados, botões e ponteiros lembrando os anos 70. A mesma tendência visual na Quad, com toca-discos Luxman e caixas Castle (fora da foto), fazendo um clima visual vintage de som agradável e moderno. ▶



Outro recurso bastante utilizado por fabricantes em painel frontal, são telinhas LEDs com animação gráfica simulando ponteiros VU, iluminação antiga e outras opções programáveis.

6. TRICKLE DOWN: ÓTIMOS DESEMPENHOS EM MODELOS INTERMEDIÁRIOS

Reunir boas virtudes de forma e função adequadas dentro de orçamento razoável continua exigindo as competências de projetistas, engenheiros e marketing. Nos equipamentos 'estado da arte', é mais fácil apresentar avanços pioneiros, em forma e função, porém a altos custos. Com tempo e experiência acumulada dos fabricantes, os avanços se consolidam em qualidades técnicas bem mapeadas. Tecnologias e processos de manufatura são revisados e passam às linhas e marcas mais acessíveis. Tal processo é conhecido como *trickle down*.



Na feira, conferimos excelentes resultados alcançados por soluções intermediárias de vários fabricantes. Reunimos aqui três exemplos: caixas Magico S3 seguindo tecnologias da série M, as Stenheim Alumine 2.5 seguindo a 3, e as MoFi SourcePoint 8 seguindo as modelo 10.

Em ótimas salas, a Magico ficou entre as melhores do show. As Stenheim não estavam longe, apesar do custo menor. Quando fabricantes querem realçar desempenho de um produto, o fazem em 'super-configurações' de alto desempenho e salas bem tratadas acusticamente.



No caso da Magico, além de subwoofers casados e eletrônica Wadax com Piliun, a equipe trouxe um conjunto de paredes internas e bastidores acústicos, recriando características da sala de referência na Califórnia, EUA. Já as pequenas Stenheim 2.5, estavam tocando super bem com cápsula ZYX montada sobre toca-discos Thales, digitais Nagra e Ferrum, amplificação dARTZeel, cabos Way e tratamentos acústicos na sala, apesar de não ser uma 'sala transportada'.



HI-END PELO MUNDO - COBERTURA DA FEIRA HIGH END MUNICH 2023



As caixas MoFi SourcePoint 8 foram um dos melhores custo-benefícios mostrados no show. Por 3 mil dólares o par, desaparece no espaço sonoro com ótimos ritmos e equilíbrio. Em sala sem tratamento acústico especial, rodavam dois toca-discos MoFi Ultradeck: um com cápsula ótica e outro com moving coil Hana ligada ao novo pré MoFi Ultraphono, com regulagens via painel frontal e VUs amarelos em estilo anos 70. Ouvimos a MoFi SourcePoint 8 com DS Audio Master 3 e eletrônica Aesthetix, sistema caro e sofisticado em proporção ao valor das caixas, mas por outro lado elas não ficaram para trás. Noutro setup, a SourcePoint 10 com integrado italiano Mastersound de duas válvulas 845 por canal, mais um CD Luxman.



7. FABRICANTES DO LESTE EUROPEU

Cada vez mais fortes, essas regiões são polos produtores de equipamentos de alta qualidade. Por razões econômicas e geopolíticas, o comércio de Europa e EUA com a China sofreu restrições nos últimos anos, dando espaços para a expansão progressiva dos países do antigo bloco soviético e leste europeu no segmento de áudio high-end. Segundo comentários ouvidos no evento, essa tendência se deve à combinação de relativo baixo custo de mão de obra com altos graus de educação técnica e a cultura humanista de boa parcela desses povos, inclusive o apreço por música de câmara, orquestral ou coral. O hábito de se escutar música não amplificada, em concertos ao vivo, treina ouvidos de boa parte da população.

Se nos baixos preços e grandes volumes a China continua imbatível, na União Européia as livres fronteiras se unem a fatores culturais para comunicação mais transparente e homogênea com os maiores mercados consumidores, facilitando entregas de alta qualidade por fornecedores. As marcas são muitas: Ypsilon, Piliun e Lab12 (Grécia), Thrax (Bulgária), Absolare (Turquia), Lampizator, J.Sikora e Ferrum (Polônia), Estelon (Estônia), Reed (Lituânia), Trafomatic (Sérvia), Qualiton (Hungria), Kuzma (Eslovênia), e Meze Audio e Rockna (Romênia). Certamente havia outras, mas o fato é que podemos montar sistemas inteiros, e de classe mundial, exclusivamente utilizando produtos dessa região.

Globalizado e colorido, mas tocando ótima música: amplificador sérvio Trafomatic Rhapsody, fontes digitais romenas Rockna e condicionador grego Signal Poseidon, tocando cornetas gregas Tune Audio Epitome. O som iguala ou supera algumas configurações mais caras de marcas tradicionais.



8. EXCELÊNCIA SUL-COREANA EM HIGH END

Esse país vem crescendo em espaços tecnológicos e culturais dentro do áudio high-end asiático, que antes eram exclusivos do Japão. Tendo abraçado o regime democrático, a liberdade econômica e a educação de qualidade como vetores de fortalecimento nacional, desde a década de 70, a Coreia do Sul cresceu muito nesse período. Apesar de permanecer um ícone global de ética, respeito e excelência high-end, o Japão passa por um envelhecimento progressivo da população. Certos nichos de artesanato super-especializado, até patrimônios culturais de orgulho nacional, e não somente em áudio, têm perdido recursos e habilidades técnicas, por falta de jovens entrantes.

A Coreia do Sul avançou tanto que os próprios técnicos japoneses já reconhecem e respeitam tais competências. Destacam-se marcas como Silbatone, Allnic, HiFi Rose, Hemingway, Astell & Kern, Aurender, SOTM, e outras. A boa educação geral da população e o respeito pela cultura musical são fatores de prosperidade: tanto melhoram a qualidade de vida da população, quanto facilitam o progresso tecnológico via mão de obra qualificada, intercâmbio de informações, produtos e serviços.

Silbatone e G.I.P. fizeram a melhor sala de som do show, em nossa opinião. E, mais que isso, um oásis de descanso auditivo e aprendizado técnico, apresentado pelo próprio proprietário e entusiasta de som vintage, Michael Chung. Em Seul, ele contratou o arquiteto japonês Kengo Kuma e vem construindo um enorme edifício (poster na foto abaixo) para sediar o Museu do Som. Planeja abri-lo ao público no final de 2023, com uma história do som gravado e reproduzido, desde o início dos sistemas de sonorização ao público, da telefonia e do cinema falado.

Há aproximadamente um século, Bell Telephone, Western Electric, Warner Brothers, Victor Talking Machine, Lansing Company e outras empresas pioneiras começaram a fazer grandes projetos de sonorização e desenvolveram muitas das tecnologias que deram origem ao áudio como conhecemos hoje.



Acima à esquerda o conjunto maior é formado pelas cornetas Western Electric 12 com drivers *WE-555 Receiver*, construídas sob encomenda em 1926 para o mega-projeto da Warner Brothers que estreou em 6 de outubro de 1927, *Jazz Singer*, o primeiro filme falado da história. A trilha sonora *Vitaphone* era gravada num disco de 16 polegadas e 11 minutos de duração. As cornetas têm funcionamento natural, fullrange e sem crossovers, com drivers duplos *WE-555* e bobinas de campo (*field coils*), eletroímãs que fazem o papel do ímã permanente que conhecemos nos alto-falantes modernos. Só que o campo eletromagnético das bobinas de campo é ordens de grandeza mais intenso e ainda pode ser ajustado, com a massa móvel do falante pesando só 1 grama e suportando 2.5 Watt cada driver, 2 drivers por canal. Com massa móvel tão pequena em campo eletromagnético tão elevado, a sensação dinâmica é brutal, com texturas naturais e palpabilidade característica. Se estamos distraídos, viramos de lado ou de costas, o campo sonoro nos engana, subjetivamente parece ao vivo.

As excelentes qualidades sonoras foram muito ajudadas pela presença dos melhores DJs que alguém poderia desejar ter num hi-fi show. Os alemães Thomas Schick e Frank Schröder, dois dos melhores projetistas de toca-discos, levaram seus próprios equipamentos, coleções de vinil e ficaram lá por horas revezando e atendendo a pedidos dos visitantes.



HI-END PELO MUNDO - COBERTURA DA FEIRA HIGH END MUNICH 2023



Com cápsulas idênticas Van Den Hul Colibri GCE, os braços e bases desses toca-discos eram protótipos construídos e operados pelo respectivo projetista, como vemos o de Schick acima e de Schröder abaixo. O G.I.P. Laboratory oferece drivers novos para construtores de caixas.



Os powers Silbatone P-103 produzem 8W em triodo single-ended para cada driver WE-555, usando válvulas originais de 1918, tipo VT-2, as mais musicais segundo Michael Chung, abaixo. Cornetas

criadas para sonorizar cinemas com mil pessoas, é natural que o campo sonoro fique 'sobrando' numa sala de cem metros quadrados e cem pessoas.



9. CHINA LEVA O MAIOR SISTEMA À MAIOR SALA

Pensando gigante, a chinesa ESD Acoustics, fabricante de amplificação, drivers e cornetas trouxe um sistema de cornetas moderno chamado ESD Super Dragon, bem maior e mais complexo que os da concorrência. O valor de US\$ 3.6 milhões deve 1.1M ao acabamento em laca artesanal aplicada sobre as faces dos aparelhos eletrônicos e superfícies das cornetas. Disseram que Jack Ma, dono do site Alibaba, tem um sistema desses. No centro da maior sala disponível em Munique, instalaram uma parede de racks e uma macarronada de cabos. Havia fontes digitais, pré-amplificadores, crossovers, amplificadores single-ended de 10 Watts por via, alimentando torres com sete cornetas, construídas em fibra de carbono, mais torres amplificadas com três woofers dinâmicos, abaixo de 50 Hz. As unidades duplas são tweeters e super-tweeters, por isso sub mais 7 drivers para 5.1 vias por canal. Deixaram uns 100 m2 de sala livre, vazia, por trás do sistema de som, para controle de ressonâncias.



O som é gigante mas bem integrado com naturalidade de texturas, dinâmica e arejamento. Característica de cornetas grandes, as vibrações são sentidas fisicamente em nosso corpo, como acontece em grandes shows ou estádios quando se está perto do palco. Não conseguimos avaliar bem outros detalhes porque, quando passamos, tocavam uma sequência de música tradicional chinesa, cujas gravações desconhecemos. Considerando a grande área frontal de projeção desse sistema, os graves estavam controlados e o palco sonoro integrado para os espectadores da metade posterior da plateia.



10. ÁUDIO INDIVIDUAL EM FRANCA EVOLUÇÃO

Desde a invenção do *Walkman* pela Sony em 1979, o áudio individual só cresce. Passamos pelos *Discman* nos anos 2000, pelos *MP3-players* na década seguinte, ripamos nossos CDs, e agora temos plataformas digitais de streaming com menus inesgotáveis de música, que podemos escutar em qualquer lugar. Com os desafios da pandemia, muitas famílias ficaram com seus espaços limitados e o uso de headphones nunca foi tão grande.

No HIGH END Munich 2023, havia um setor inteiro dedicado ao som via headphones, com centenas de opções de equipamentos

e fones de ouvido de todos os tipos. Além disso, vários stands fora dessa área também mostravam opções em headphones.

Abaixo, dois destaques. Entramos na sala da dCS onde havia quatro sistemas digitais com amplificadores e headphones diferentes - peguei o único vazio. Notem na foto que outras configurações tinham duas ou três caixas, e o meu só tinha uma. Mas adorei o som e aí olhei o fone, era o YH-5000SE, novo lançamento Yamaha. O player dCS Bartok faz streaming, upsampling, DAC, pré e amplificador de fones, tudo em um box. Bem acostumado a fones eletrostáticos e amplificadores valvulados com vinil, achei outro ponto alto: a sala da Stax, com o último lançamento SR-X9000 com amplificador a válvula SRM-T9000, à direita. Excelente o som, apenas não conseguimos identificar a fonte digital, algum player atrás do balcão.



Se comparados a sistemas de caixas de som, os headphones têm pontos fracos em palco sonoro e espacialidade, além de não transmitirem vibrações físicas para o corpo nos volumes mais elevados. Nos outros quesitos, os headphones oferecem mais 'alta fidelidade' a custos bem menores. Também não submetem o ouvinte aos

HI-END PELO MUNDO - COBERTURA DA FEIRA HIGH END MUNICH 2023

problemas complexos da acústica de salas. Por outro lado, o fone de ouvido representa risco de fadiga com danos à audição, porque pode tocar muito alto com baixa distorção, enganando o ouvinte. Temos o dever de fiscalizar isso sempre, em defesa própria e de nossos familiares.

Para competir com um bom sistema de headphones, em pontos comparáveis como resposta de frequência, texturas, dinâmica, resolução ou musicalidade, tipicamente se requer um sistema de pré-amp/cabos/falantes na faixa de 10 vezes mais caro.

Podem ser excelentes os sistemas de áudio individual com fontes digitais high-end, mas impressionam ainda mais os headphones quando conectados a fontes analógicas de alta qualidade, como bons toca-discos ou gravadores de rolo.

O som de headphones que mais gostei no evento foi do Meze Lyric, com o clássico LP *Body and Soul* de Billie Holiday em sistema Gold Note com toca-discos, cápsula, o pré phono PH-1000 com fonte externa. Acho que foi mais por ser vinil que pelo headphone em si, apesar que era um ótimo *closed back*, bem útil na barulheira ambiente. E certamente favoreceu o ótimo som do pré-amplificador de phono, com impedâncias, curvas e ganhos reguláveis.



Alguns dos melhores sons de headphones vinham de fitas de rolo, numa minoria de stands oferecendo tais audições - uns vendendo gravadores, outros as fitas. Mesmo num fone mediano, a qualidade musical de rolo bem gravado impressiona muito pela naturalidade.



Em breve voltaremos com mais observações e opiniões sobre o HIGH END MUNICH 2023. ■

FABRIQUÉ
EN FRANCE

elipson



A2700 / P1

uma dupla perfeita

O pré-amplificador P1 e o amplificador de potência A2700 são perfeitamente complementares. Em termos de design, eles formam uma unidade homogênea com linhas limpas.

O P1 é um pré-amplificador topo de gama. Um modelo audiófilo capaz de sublimar toda a sua música, mantendo uma relação sinal-ruído ideal e uma distorção reduzida ao mínimo estrito. O produto não é fixo no tempo, as suas placas de entrada opcionais e a sua modularidade permitem-lhe acompanhar facilmente as evoluções do mercado.

O Elipson A2700 é um modelo topo de linha capaz de fornecer uma saída de alta potência de 400 W RMS abaixo de 8 ohms no modo estéreo ou 1400 W RMS abaixo de 8 ohms no modo mono. O amplificador de potência Elipson A2700 é, portanto, capaz de dar vida e energia a qualquer par de alto-falantes de chão ou de estante. Sua associação com um pré-amplificador também é facilitada por suas entradas RCA não balanceadas e XLR balanceadas.



IMPEL

Sua vida em alto e bom som.

ESTADO
DA ARTE



DISTRIBUIDORA OFICIAL NO BRASIL

(11) 3582.3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br



O SOM DE PA ESTÁ INVADINDO A AUDIOFILIA

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

O PA traz péssima qualidade sonora, em volumes muito altos. Combinação péssima. É a antítese do que a audiofilia prega, o oposto de Qualidade Sonora - e isso é indiscutível, infelizmente, principalmente como conceito. E agora parece que os fãs de gêneros musicais que usam esse tipo de volume e 'baixa qualidade' frequente, estão começando a achar interessante a Audiofilia - como se pode notar em showrooms e feiras, assim como já é notório em sistemas de som do mercado 'consumer' e no mercado de fones de ouvido, há anos, com seus volumes estupidamente altos e suas luzinhas piscando (a ideia de 'caixas para festa'). Mobilidade, potência, baixa qualidade, mau gosto, distorção, saturação e surdez... Otimista, né?

Uma analogia: é como matar seu paladar enchendo uma comida de pimenta o tempo todo. Gordura em excesso, 128 temperos em excesso, defumação, pimentas, porções gigantescas etc. E daí, adquire-se um padrão de vida melhor e quer-se que esse cenário de

assassinato gastronômico passe a ser válido pelas mãos do que é tradicionalmente gourmet - do que é e sempre foi baseado em qualidade como conceito.

É a Quantidade invadindo o âmbito da Qualidade. É destrutivo. Percebem?

O que é "PA"? Também conhecido como Public Address, é simplesmente o pacote completo de microfonação, amplificação e subsequente tentativa de 'demolir o bairro' com uma barragem de caixas de som, pacote usado em shows que necessitem dessa amplificação. Acontece que, claro, uma apresentação da maioria dos gêneros musicais na maioria dos locais grandes necessita de um PA, para que esses músicos possam ser ouvidos por todos os milhares de presentes.

Onde está o erro, então? ▶

Ah, tem tantos, que mal dá para começar. A maioria esmagadora dos PAs têm baixa qualidade sonora, infelizmente. Um exemplo tradicional é o do rock: a maioria dos fãs não consegue apreciar rock sem ser em volumes de som que ameaçam soltar o reboco das paredes. E aí reside uma variedade de problemas. O primeiro, é claro, tem a ver com saturação da audição (e dano do aparelho auditivo), e é uma junção de vários erros, como o uso de excesso de compressão nas gravações para 'soar mais alto' em aparelhos de som de menor qualidade (que é a maioria esmagadora dos usados por seres humanos).

Ah, então o leitor aqui se pergunta se eu, o escritor destas mal traçadas linhas, não sou um velho chato que "não entende os jovens e a energia do rock". Então, para alívio desses leitores, que podem continuar lendo sem se sentirem traído seus co-roqueiros, eu tenho como um dos meus gêneros preferidos o rock, já curti muito rock pesado inclusive, e já fui em numerosos shows, em locais de vários tamanhos. E a maioria esmagadora dos PAs de shows é, sim, de um volume descomunalmente alto - como se fosse 'vencer o mundo no grito' - e com qualidade sonora abaixo da crítica, em grande parte por causa do excessivo volume. Recomendo a todos, que frequentem apresentações de música ao vivo, que sejam amplificadas, que usem protetores auriculares e protejam seus ouvidos. Te garanto que a 'energia' do show será a mesma.

Tudo acima se aplica, também, ao pessoal aficionado de música eletrônica - que têm os mesmos vícios de audição.

Mas, vocês perguntam, em um bom sistema audiófilo a qualidade sonora não será melhor quando se ouvindo esses gêneros musicais em volumes de som altos? A resposta é um parcial sim. Haverá menor distorção e saturação, e embolamento. Porém os danos causados pelo excesso de volume continuarão incidindo bastante. E, alguma saturação acontece, também, no ambiente onde a música está sendo ouvida - na sala, quarto, etc. Passar a comer um balde de bacon com maionese onde o bacon é de defumação artesanal e a maionese é feita em casa, não tornam aquilo gourmet. É preciso aprender a ter parcimônia, aprender a se conter e apreciar o que se está ouvindo.

Audiófilos mais tradicionais estão fugindo de salas, em feiras de áudio mundo afora, onde os demonstradores estão querendo agradar um público mais novo, ou simplesmente acham que é válido demonstrarem seus gostos musicais próprios, tocando música em altíssimos volumes - emulando um PA dentro de uma sala - e tocando música que não agrada a todos os envolvidos (leiam o minha seção Espaço Aberto deste mês, no final da revista). Se eu estou passando na frente de uma sala, em um grande evento de áudio de alta qualidade, em qualquer lugar do mundo, e o volume de som está tentando descosturar as minhas calças. eu nem entro na sala - minha





audição já foi maltratada o suficiente nesta vida. Agora, não vou desdenhar de um gênero musical, se ele não for dos meus preferidos, se ele for pelo menos capaz minimamente de me informar como aquele aparelho demonstrado está tocando. A maior parte das pessoas não faz o que muitos fazem, de desdenhar de um gênero musical porque ele “não se comunica” com a pessoa. Compreensão e entendimento podem vir com a idade.

Por que ouvir em volumes civilizados?

Sem querer dar a resposta do tipo “porque as outras pessoas agradecem”, vamos ver pelo lado da apreciação musical. E, claro, não se pode esquecer que seus ouvidos não foram feitos para serem abusados, e ninguém deveria querer ficar com a audição danificada ou, mesmo, ter surdez prematura, parcial ou não.

Quanto mais alto for o som, e mais ele saturar a acústica do local, ou saturar diretamente os seus ouvidos, menor será a inteligibilidade. Se você já faz isso com gravações onde há muita informação, e ainda são complementadas por uma compressão exagerada, a inteligibilidade é menor ainda. Claro que eu já ouvi de roqueiros que o que importa é a ‘energia’ que é passada. Certo... Esses querem mais qualidade naquilo que ouvem, ou acham que ter um sistema hi-end é uma questão de fetiche, ou será que só procuram validação em um mundo onde essa procura parece ser um passatempo tão válido que logo virará esporte?

É como aquela tia que cozinha mal te chamar para almoçar na casa dela, e fazer o seu prato preferido, e dizer “pus o peito de peru que você adora, meu querido!”. E você responder: “Mas, tia, eu não sinto o gosto dele - tem tanto cubinho de caldo de carne dentro

que só sinto gosto disso!”... Acredite, de um roqueiro para outro: o dia que você descobrir que, como volumes mais baixos, e um bom aparelho, começa a perceber detalhes e nuances do seu baterista preferido, ou mesmo passa a ouvir com clareza o contrabaixo e suas texturas, sem ser saturado pela guitarra, você vai sentir muito mais a ‘energia’ que passa uma grande audição de um eterno rock de qualidade.

Não posso validar ninguém por seus hobbies - não cabe a mim, cabe à própria pessoa, ou não. Entretanto, defendo até o fim dos meus dias o direito de todos de comprarem o aparelho de som que quiserem, e de ouvirem a música que quiserem, mas também defendo o meu direito de questionar motivos e não achar que validações devam ser dadas, assim, sem mais nem menos. Como digo em meu Espaço Aberto deste mês, ambos lados precisam aprender a lidar com ambos lados - e não simplesmente abraçar um ponto de vista, um estilo de vida, que não combina com os motivos pelos quais a Audiofilia existe.

O som de “PA” vai ser aceito na Audiofilia? Sinto dizer: não.

O uso de música de má qualidade sonora (para não entrar na discussão de qualidade musical) adiciona e melhora o hobby? Mais uma vez: não. Não mesmo!

Agradar ‘gregos e troianos’ é possível? Sim, é - mas demanda que todos os envolvidos comecem a ‘entender’ melhor tudo. Desde demonstradores até vendedores, até fabricantes, até audiófilos tradicionais, até audiófilos jovens e novos no hobby. E fazerem isso sem arrogância, sem soberba, sem ego.

Bom julho, e boas audições - mas com qualidade, hein? ■



estelon

X DIAMOND MKII

QUANDO A FORMA NÃO É
APENAS UMA QUESTÃO
DE DESIGN

Você já parou para pensar, a razão do formato de um piano de calda? Ou de um violino e de um clarinete? E se eles não tivessem exatamente esse formato, como soariam? Uma caixa Estelon, não foge desse mesmo conceito que é utilizado há séculos pelos luthiers de instrumentos musicais: o de buscar a forma correta para que a música soe em toda sua plenitude e fidelidade. Ao ouvir sua música em uma Estelon, instantaneamente você perceberá que não existe "instrumento" para a reprodução eletrônica, mais preciso e refinado.



@WC.JRDESIGN

A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato germanaudio.com.br



É PRECISO SABER O BÁSICO PARA NÃO COMETER ERROS TOLOS - PARTE 5



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Se o Soundstage é o quesito preferido da grande maioria dos audiófilos iniciantes e experientes, certamente a Textura é a maior 'pedra no sapato'.

Como eu sei? Observando nos nossos Cursos de Percepção Auditiva, as caras de dúvidas e perguntas feitas pelos participantes.

Textura e Timbre, para quem não tem nenhuma familiaridade com instrumentos musicais, é realmente um grande mistério.

Ao longo dos anos fui desenvolvendo inúmeras analogias com objetos, que os participantes pudessem tocar e através do tato des-

crever se aquele objeto era macio, áspero, liso como tecidos e cascas de frutas colocadas em uma caixa lacrada em que as pessoas precisavam enfiar as mãos para explorar o objeto.

Para então entrar na parte espinhosa de tentar explicar do que se trata a Textura Musical e suas diversas maneiras de serem expressas em uma obra musical.

Pois, se o timbre define que instrumento estamos ouvindo, a Textura define as características de cada instrumento soando ao mesmo tempo em uma obra musical. ▶

Harbeth

Os melhores monitores de estúdio hi end que você pode ter em sua sala de audição



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

XD Series



Muitos audiófilos acham que uma caixa hi end não pode ser um monitor de estúdio. Para todos que pensam assim, sugerimos que ouçam qualquer um dos nossos modelos da linha XD séries. E que procurem conhecer a nossa história para entenderem que nascemos produzindo monitores de estúdio para a BBC e com nossa enorme reputação e performance, rapidamente conquistamos o coração de milhares de audiófilos e melomanos. Estamos no mercado desde os anos 70, sempre buscando atender ao segmento de áudio sem fazer distinção entre o hi-end e o profissional. Se você busca um monitor de alto nível em termos de refinamento e fidelidade, a Harbeth tem o modelo certo para as suas expectativas e para o seu orçamento.

KW
Hi-Fi



KW HI-FI



@KWHIFI



KW HI-FI



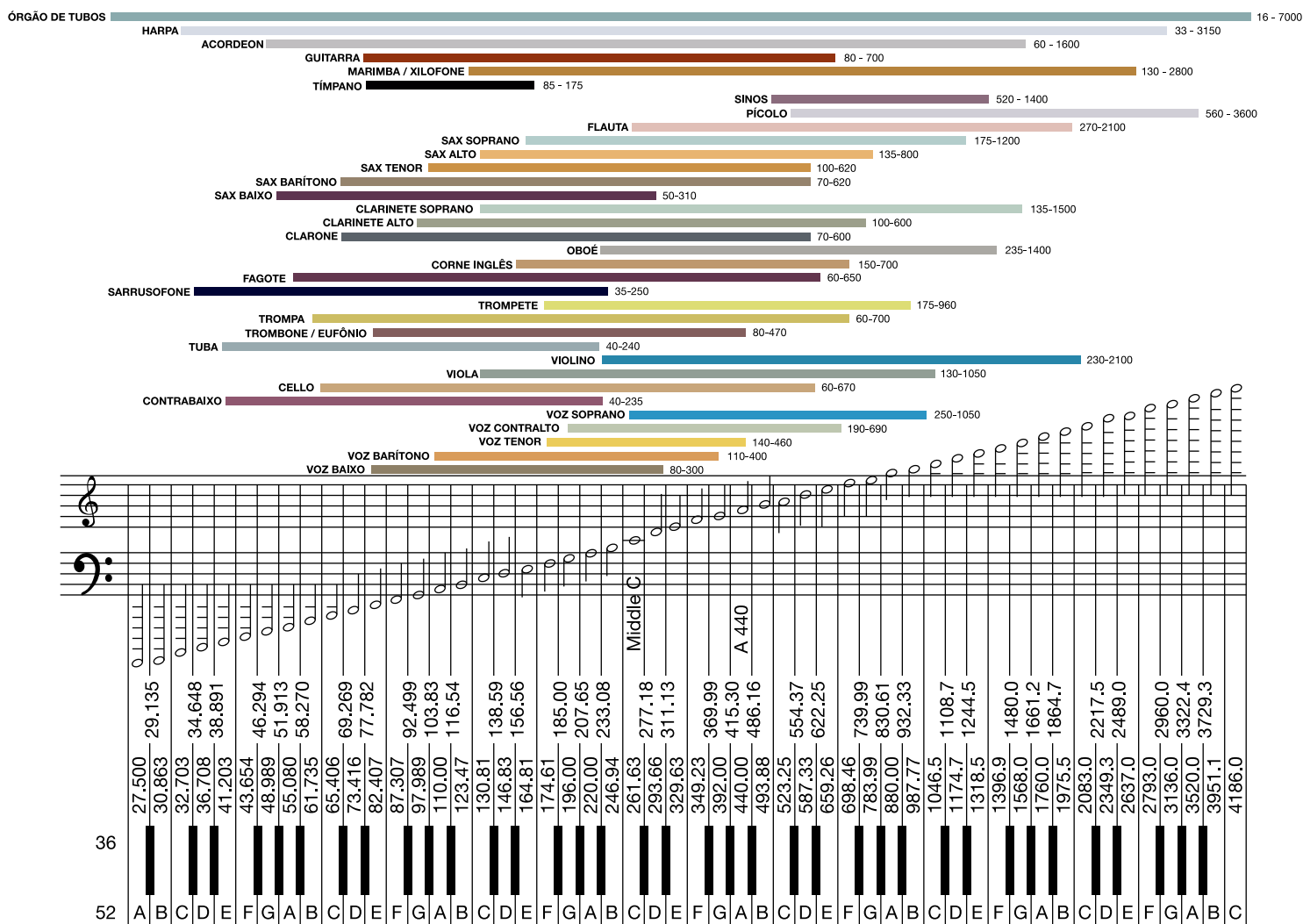
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR

DISTRIBUTOR.KWHIFI.COM.BR/

FREQUÊNCIAS DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS



Na música existe a Textura Monofônica, que é a textura musical mais antiga e primitiva que existe, quando apenas um instrumento executa a linha melódica - embora com a evolução musical essas texturas tenham passado a serem apresentadas também por várias vozes na mesma nota, mas com uma oitava acima ou abaixo da linha melódica central.

Exemplos: Canto Gregoriano, ou a música asiática principalmente da China e Japão.

É muito interessante iniciar o estudo do quesito Textura por esses exemplos Monofônicos, pois permite guardarmos em nossa memória auditiva a diferença entre um único instrumento soando e suas variações múltiplas de oitavas.

Pois em um sistema com boa reprodução deste quesito, será perceptível que não temos que fazer esforço algum para identificar quantos instrumentos estão executando aquela melodia e as oitavas distintas.

“E se o meu sistema for pobre na apresentação deste quesito, Andrette, como saberei?”

Simplesmente você terá dificuldade para reconhecer quantas oitavas acima ou abaixo da nota central estão sendo tocadas. Simples assim!

Você não terá que fazer pós-graduação em física quântica, escalar o pico do Himalaia com as unhas da mão cortadas, e nem tão pouco pular no desfiladeiro do Grand Canyon.

É colocar um exemplo de uma melodia tocada por um instrumento só, e saber que nessa gravação as notas estão dobradas ou quadruplicadas em oitavas distintas. Você saberá que as notas estão dobradas pela enorme diferença de densidade sonora (corpo harmônico e volume).

A segunda Textura é a Bifônica.

Essa Textura musical consiste de duas linhas melódicas no qual uma nota mais grave fica soando constantemente para que a melodia em tons acima dessa nota grave, possa dar sentido ao discurso musical.

Ela é muito usada na música clássica e com intencionalidades complexas e requintadas, a partir do período Barroco.

Mas a música popular também faz uso da Textura Bifônica, e um dos exemplos mais consistentes se encontra na música escocesa no uso da Gaita de Fole. Em que o gaiteiro usa o tubo principal para tocar a melodia enquanto que tubos secundários tocam as notas de acompanhamento da região grave.

Tanto na música Barroca quanto na música popular, que utilizam a textura Bifônica, a linha de grave se sustenta sempre em duas ou três notas no máximo.

Claro que se o sistema não passou pelo primeiro exemplo com canto gregoriano, da textura Monofônica, será uma perda de tempo achar que ele se sairá melhor com a Textura Bifônica.

E aí fazemos uma pausa, antes de falarmos das outras duas Texturas existentes.

Pois precisamos explicar a quem não fez nossos Cursos da importância deste quesito em nossas avaliações. Textura é sem dúvida o segundo quesito mais interdependente de outros quesitos de nossa Metodologia.

Pois se o Equilíbrio Tonal não for o melhor possível, as Texturas serão pobres, e não é só isso: se o foco e recorte não forem excelentes, as Texturas, quando tivermos exemplos musicais de diferentes instrumentos tocados em uníssono, serão difíceis de entender. E, por último e não menos importante, Texturas também precisam de uma boa microdinâmica para serem reconhecidas e apreciadas em toda sua fidelidade.

Mais interdependente que a Textura, apenas a Musicalidade que é a soma de todos os sete quesitos!

Por isso, meu amigo, que sou tão cuidadoso na apresentação desse quesito em nossos testes e procuro dar uma ideia consistente



do nível que o produto se encontra e sempre deixo claro o grau de resposta da 'intencionalidade' de cada produto avaliado.

Sem esse 'detalhe' não é possível colocar bons produtos juntos com os Estado da Arte. ▶

Quando algum engenheiro objetivista com maior flexibilidade, começa a compreender nossa Metodologia, eu sempre pergunto a ele o que nas medições poderia avaliar a qualidade da textura? E aí apresento os mesmos exemplos musicais em diferentes eletrônicos, caixas e fontes digitais e analógicas e sempre uso exemplos do quesito Textura.

E eles ficam surpresos como o mesmo exemplo soa tão distinto em produtos diferentes, sem alterar o equilíbrio tonal, transientes, soundstage, etc. São questões que eles não consideram dentro do seu universo objetivista como relevantes e, no entanto, é justamente a Textura somada aos seus pares (equilíbrio tonal, foco, recorte e microdinâmica), que irá determinar o refinamento final de cada produto.

Vejo lamentavelmente isso também ocorrer com inúmeros testes subjetivistas, em que a Textura e o equilíbrio tonal são tratados como 'gosto pessoal', e não quesitos que irão determinar o nível de fidelidade do produto avaliado. O que posso reiterar a todos vocês que nos leem, é que sem a mais correta reprodução desses dois quesitos, nenhum produto deveria receber o selo de 'alta fidelidade'!

Não existe concessão a esses dois quesitos, muito menos atalhos para se chegar do outro lado da ponte.

Feita essa explicação, voltemos às duas últimas Texturas. Temos a Heterofônica, que ainda tem como base a monofônica, mas difere desta pelo fato de utilizar vários instrumentos distintos tocando a mesma melodia, mas com diferentes variações de altura, pausa e colocação de notas em pontos distintos.

Os melhores exemplos de Textura Heterofônica estão na música tradicional do oriente médio, e de inúmeros países da Ásia. Soam estranhas a nossos ouvidos ocidentais, mas se o amigo tiver um sistema Estado da Arte, hiper bem ajustado, você se surpreenderá com a riqueza de texturas e o grau de inteligibilidade (se a gravação tecnicamente permitir), que se pode escutar sem nenhum esforço adicional.

Não indico essas gravações pois a grande maioria tem muitas variações rítmicas e que, para se poder desfrutar dessas obras, a qualidade de resposta de transientes também tem que ser de alto nível.

Então chegamos na textura Homofônica, sendo a mais utilizada e conhecida na música ocidental. Consiste em uma linha melódica principal acompanhada por vozes ou instrumentos solo, que executam a melodia e são acompanhados por instrumentação de apoio secundário. A diferença para a Polifônica se dá pelo uso de várias linhas melódicas que se entrelaçam, ao contrário da Polifônica que sempre é uma única linha melódica.

Encontramos a Textura Homofônica em quase todos os estilos musicais contemporâneos.

Ninguém precisará 'decorar' esses quatro tipos de textura para aprender a avaliar esse quesito em seu sistema. A única coisa que todos precisam saber é que a Textura musical é a maneira pela qual melodia, ritmo e harmonia se combinam em uma composição, nos mostrando o resultado dessa soma na qualidade da obra musical. E quando essas obras são reproduzidas em um sistema hi-end muito bem ajustado, perceberemos auditivamente o grau de criatividade e complexidade no arranjo e na execução.

Porém existe um terceiro elemento chamado intencionalidade, que apenas os sistemas superlativos e as gravações tecnicamente de alto nível registram.

E aí a 'porca torce o rabo', pois bons sistemas não têm a menor dificuldade de nos mostrar a criatividade da música.

E excelentes sistemas mostram a criatividade e a complexidade do que ouvimos e apreciamos.

Mas apenas os sistemas 'Superlativos' nos apresentam em todo seu esplendor a criatividade, complexidade e a intencionalidade.

O interessante é que nos meus 30 anos como editor de revista de áudio, jamais vi nenhum RCA (revisor crítico de áudio), sequer citar a intencionalidade como o ápice da reprodução deste quesito.

E muitos até descrevem subjetivamente, com adjetivos, essa 'intencionalidade' como algo mágico, sedutor, cativante, etc. Sem no entanto compreender a magnitude de podermos 'observar' sorrateiramente as intenções existentes por trás de um tema, de uma complexa harmonia de difícil execução, ou das interpretações distintas pela técnica de digitação do solista ou do vocal.

Você só irá se familiarizar com a 'intencionalidade' se tiver a oportunidade de ouvir, em um sistema Estado da Arte, a mesma obra gravada por solistas com níveis de virtuosidade distintos.

Eu sempre recomendo, para exercitar a memória auditiva para a intencionalidade, solos de piano, violino, saxofone e cello. E para os apaixonados por vozes femininas (como eu), ouvir o mesmo tema cantado pela Ella Fitzgerald, e por todas as outras excelentes cantoras.

E acredite, meu amigo, quando você escuta pela primeira vez em um sistema superlativo essa qualidade, de ouvir precisamente o que estava por de trás daquela passagem melódica, rítmica e de harmonia, nos mostrando como o solista resolveu aquela passagem complexa sem nenhum suor ou lágrima adicional, é que podemos separar os produtos de Referência dos grandes produtos. ▶

Algo complexo de entender na intencionalidade, é que não tem relação alguma com um sistema hiper-realista, pois não se trata de melhor transparência. Estamos falando de uma qualidade musical e não de um aprimoramento da reprodução musical.

Tentarei dar um exemplo que presenciei há alguns anos, na Sala São Paulo, em um show de lançamento de um disco da querida amiga Jane Duboc. Ela estava sendo acompanhada pelo seu trio, e de repente ela viu que o Egberto Gismonti estava na platéia e o convidou para dar uma 'palhinha'. Até aquele momento, eu estava fazendo um grande esforço para ouvir o piano junto com a voz da Jane Duboc. E no primeiro acorde que o Egberto tocou, o piano se fez pleno na Sala São Paulo.

Isso, meu amigo, é o que separa o músico esforçado e disciplinado do virtuose, pela técnica de digitação e domínio completo do instrumento. E quando ouvimos essa diferença, parte dela se explica pela intencionalidade, que ao vivo é muito mais fácil de comparar e compreender.

Já na reprodução eletrônica, é preciso que na hora da gravação, essa diferença tenha sido captada e não tenha se perdido em todas as etapas posteriores.

Darei alguns exemplos para o amigo ir se familiarizando com a avaliação de Textura de seus sistemas - mas para aqueles que gostam de explorar desafios, sugiro também, além dos exemplos que indicarei, ouvir gravações bem feitas de Canto Gregoriano (o selo Philips tem excelentes gravações) para avaliar como o sistema se comporta com textura monofônica, e os corais de Bach e suas fugas, consideradas pelo uso de quatro vozes como Textura Polifônica. Sugiro, para estudo das Texturas Polifônicas, as gravações do selo Harmonia Mundi.

OK?

E para os que preferem ir degrau a degrau, vou dar os mesmos exemplos que utilizo em nosso Curso de Percepção, e sempre os uso para fechar a nota dos produtos testados nesse quesito.

Quartetos de cordas são, na minha opinião, os exemplos mais didáticos e fáceis de memorizar. Um exemplo: Hagen Quartett, disco *Beethoven op 130 & fuga op 133*, as faixas 6 e 7 (*Adágio e Fuga* de Mozart) - uma gravação primorosa de se ouvir silenciosamente, do selo DGG - Deutsche Grammophon.

Se você tem um bom fone de ouvido, sugiro que ouça primeiro no fone antes de passar para o sistema. Pois será importante memorizar a melodia antes de sair buscando acompanhar as quatro vozes - que estão distribuídas da seguinte forma: primeiro violino soando



◆◆◆ OUÇA HAGEN QUARTETT - BEETHOVEN OP 130 / FUGA OP 133, NO TIDAL.

🎵 OUÇA HAGEN QUARTETT - BEETHOVEN OP 130 / FUGA OP 133, NO SPOTIFY.

dentro da caixa esquerda, segundo violino atrás do primeiro, mas soando fora da caixa esquerda, viola paralela ao segundo violino com mais de um metro e meio de distância atrás da caixa direita, e cello dentro da caixa direita.

Não existe, para esse quesito, melhor gravação para avaliar textura de qualquer equipamento (até para cabo eu uso).

Atenção às dicas: se você, assim que entram os quatro instrumentos, tiver dificuldade em acompanhar os dois violinos a sua esquerda, sua textura está comprometida. Se algum dos quatro instrumentos se perde no meio da execução, mas depois você recupera todos sem esforço, pode ser posicionamento errado das caixas, dificultando o foco e recorte. Antes de arrancar os pelos do nariz com as unhas, tente reposicionar as caixas! E, a última dica, se o primeiro violino soar estridente, com brilho, e duro, 'volte seis casas' e repense seu Equilíbrio Tonal.

Essa gravação, em um sistema com equilíbrio tonal correto, soundstage bem feito, silêncio de fundo ótimo para as variações de microdinâmica, permitirá você acompanhar essa obra sem esforço algum e, ao final, suspirar de alívio e torpor de ouvir algo tão sublime! ▶



◆◆◆ OUÇA GENUINAMENTE BRASILEIRO VOLUME 1, NO TIDAL.

☰ OUÇA GENUINAMENTE BRASILEIRO VOLUME 1, NO SPOTIFY.

Lembra do nosso disco *Genuinamente Brasileiro Volume 1*, do mês passado? Agora você vai ouvir o quarteto da faixa 5 - *Tristeza do Jeca*. Aqui os mesmos procedimentos do primeiro disco são válidos.

O primeiro violino está dentro da caixa esquerda, o segundo violino atrás do primeiro, mas já fora da caixa, a viola está na mesma linha do segundo violino com uma distância entre eles de 2m (foi assim que estavam na gravação) fora da caixa direita, e o cello está dentro da caixa direita.

Interessante é que se pode perfeitamente ouvir a reverberação de fundo atrás do segundo violino e da viola.

Dicas: se os violinos soarem estridentes, ‘volte as seis casas’ e corrija seu Equilíbrio Tonal. Se o segundo violino some e depois volta, assim como a viola, estude o ajuste da posição de suas caixas, para melhorar foco, recorte e planos. E quando tudo estiver ajustado, esforço zero para ouvir o ‘todo’ sem perder as partes.

E no belo arranjo do pianista Amilson Godoy, ele ‘intencionalmente’ potencializou a beleza do pizzicato em determinado momento dos quatro instrumentos, criando uma leveza rítmica graciosa.

Eu uso justamente essa faixa e destaco esse momento para os engenheiros objetivistas, mostrando que essa ‘intencionalidade’

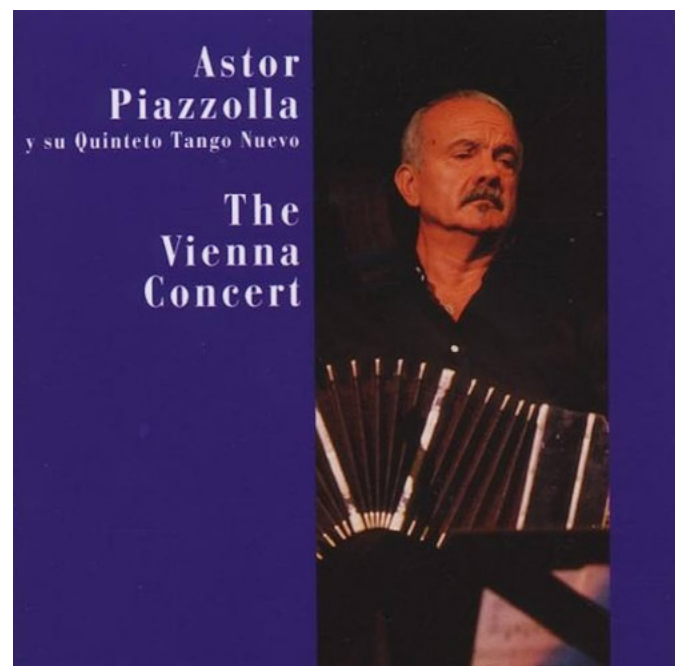
pode soar apenas formal e raramente graciosa, ou, tão leve e ao mesmo tempo precisa!

Isso meu amigo, é um singelo exemplo de intencionalidade. Mas existem milhares e milhares de gravações com esses sutis momentos sublimes!

Para os afoitos para saber o grau de textura de seus sistemas, que querem os desafios maiores, aqui temos uma gravação limitada tecnicamente e uma gravação primorosa.

Mostro ambas, pois a limitada somente soará ‘confortável’ em sistemas superlativos - no resto, esqueça.

É a gravação ao vivo de Astor Piazzolla e seu Quinteto Tango Nuevo, no *The Vienna Concert*. O problema dessa gravação é quando o bandoneon, o piano, a guitarra e o violino estão tocando em regiões muito próximas (principalmente nas duas oitavas mais altas desses instrumentos). Aí o bicho pega, e pega pra valer!



☰ OUÇA THE VIENNA CONCERT - ASTOR PIAZZOLLA, NO SPOTIFY.

Se seu sistema for superlativo, será possível acompanhar todos os instrumentos e ainda apreciar o grau de complexidade dos arranjos e a harmonização entre os músicos. Intencionalmente, Astor Piazzolla estava inspiradíssimo ao escrever esses arranjos para seu Quinteto.

E a gravação espetacular é, novamente, o *Pictures At An Exhibition* com a Orquestra de Minnesota sob a regência de Eiji Oue. Gravação primorosa do engenheiro Professor Keith O. Johnson para o selo Reference Recordings.

Aqui, meu amigo, fique à vontade e escolha sua faixa preferida.

Para mim, Ravel foi o maior gênio na harmonização de Texturas que tivemos. Se você ler um artigo meu escrito alguns anos atrás, eu explico como foi feito o arranjo por Ravel dessa peça escrita por Modest Mussorgsky inicialmente para piano solo.

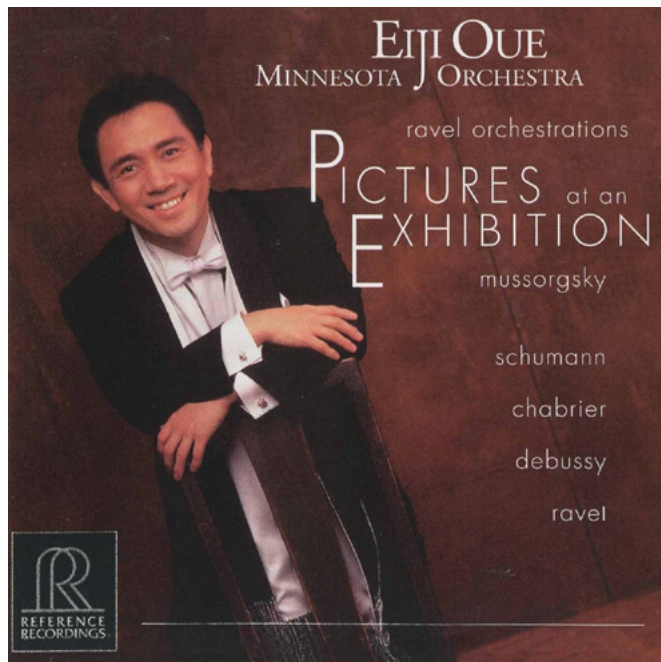
E como os instrumentos solo vão entrando para repetir o tema, tornando as Texturas cada vez mais complexas e impressionantes. O grau de intencionalidade dessa obra é magistral, e deveria ser usada por todos que querem descobrir o nível preciso de seus sistemas no quesito Textura.

Mas, lembre-se de um 'pequeno' detalhe: para ouvir essa obra em condições ideais, todos os quesitos da Metodologia precisam estar no mesmo patamar - ou seja, nenhum elo fraco pode estar presente.

Se o seu sistema está nesse patamar, divirta-se!

Mês que vem falaremos de Transientes, e o que nos leva a bater nossos pés no ritmo da música ou nos deixa prostrados como se estivéssemos caindo de sono.

Até lá façam a lição de casa e continuem o ajuste fino de seus sistemas! ■



◆◆◆ OUÇA PICTURES AT AN EXHIBITION, EIJI OUE - MINNESOTA ORCHESTRA, NO TIDAL.

🎧 OUÇA PICTURES AT AN EXHIBITION, EIJI OUE - MINNESOTA ORCHESTRA, NO SPOTIFY.

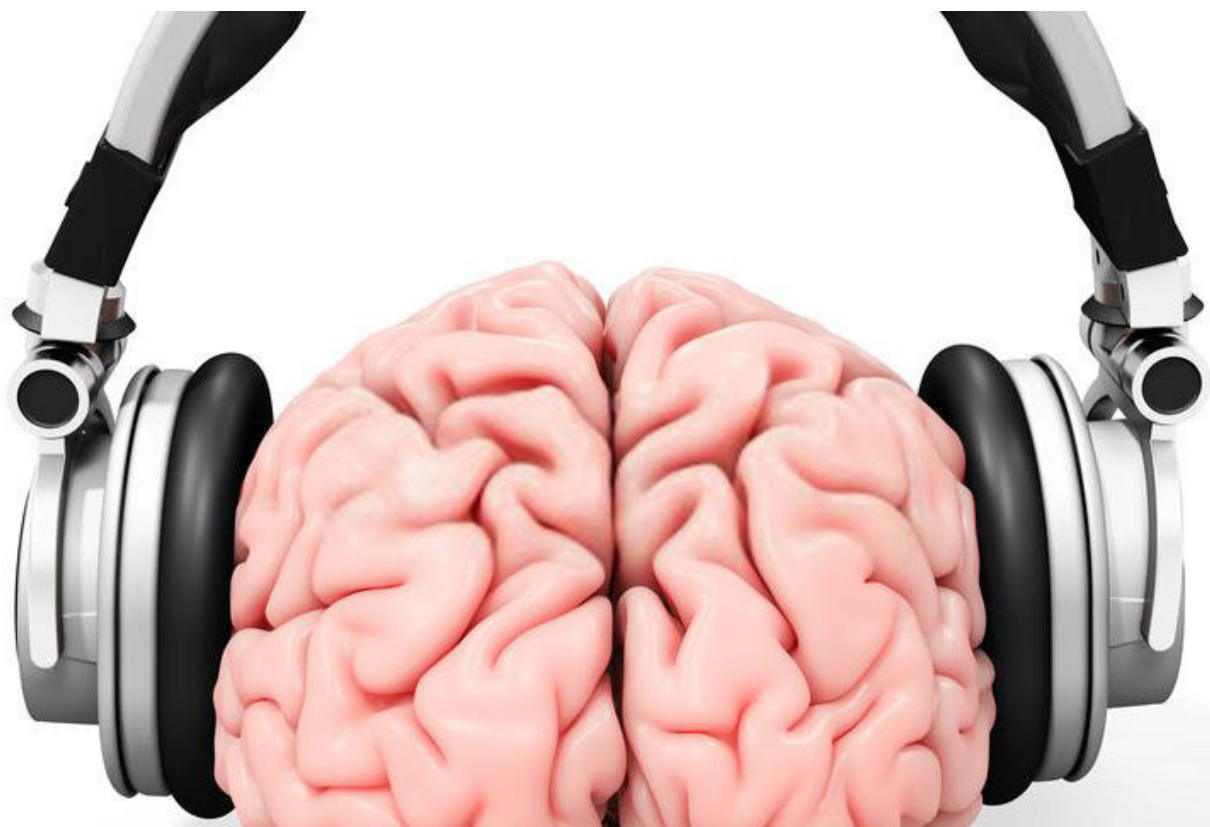


Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

Prestamos serviço de lavagem de LPs seguindo as melhores técnicas, utilizando máquinas e insumos da mais alta qualidade. Confira!

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257



FALÁCIAS AUDIÓFILAS 2

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Trinta anos escrevendo sobre áudio hi-end nos permite saber com segurança uma pauta que terá uma enorme repercussão entre os leitores.

E por ser um tema tão espinhoso, certamente é como pisar em terreno minado.

Não me lembro, nos últimos anos, de nenhum Opinião que teve tanta repercussão como a primeira parte deste artigo, publicada mês passado. E tirando duas críticas mais virulentas, os outros leitores que se manifestaram, entenderam o objetivo do tema.

Interessante que as duas críticas partem do mesmo ponto de vista: que não queremos “largar o osso” e deixar uma nova geração “ditar as novas regras” (palavras de um dos leitores). Sendo que não há de minha parte nenhum preconceito que jovens se tornem Revisores Críticos de Áudio - pelo contrário, todos serão bem vindos, desde que entendam qual é o objetivo central de um RCA.

Minhas críticas não são referentes à falta de experiência de quem está iniciando, e sim unicamente a falta de critério no que está sendo defendido. E essas críticas se dirigem não só a iniciantes como também a ‘veteranos’, que insistem em disseminar inúmeras falácias como se fossem verdades.

E o único objetivo em publicar essas ‘Falácias Audiófilas’ é dar a você, leitor que está iniciando sua jornada, a chance de questionar absolutamente tudo que lê e assiste.

E poder avaliar o que faz sentido ou não!

Como escrevi mês passado, já vivi tempo suficiente para não agir impulsivamente ou entrar em discussões em que a razão não prevalece. Mas assistir de camarote a tanta asneira e mentira sendo defendidas, também não dá. Se você deseja conhecer novas falácias escritas e faladas no mês de junho, continue lendo. ▶

DYNAMIQUE

NEUTRALIDADE

A ÚLTIMA FRONTEIRA DO HI END

@WCJRDESIGN



Todo audiófilo sabe que o caminho para chegar ao sistema ideal, dependerá de inúmeros fatores que vão muito além de conhecimento e disponibilidade financeira. E quando a questão são os cabos que farão a ponte entre todo o sistema, as possibilidades são tão grandes que muitos se sentem exaustos mesmo antes de iniciar a escolha. Você pode imaginar que os cabos também possuem uma assinatura sônica, e que se esta não for semelhante ao sistema, pode colocar tudo a perder. Todo audiófilo já viu ou presenciou essa situação, de um sistema desandar pela escolha errada de um cabo. Por isso a Dynamique Audio, desde sua fundação, resolveu trilhar um outro caminho: o da Neutralidade. Todos nossos cabos foram desenvolvidos para interferir o mínimo na assinatura sônica do sistema, e nas gravações que você tanto ama, mas o grau de Neutralidade da nossa série Apex é único. E em sistemas que tenham esse mesmo objetivo, o resultado será simplesmente primoroso! Quem ouviu, entendeu que a Neutralidade é o mais essencial objetivo a se atingir em um sistema hi-end. Ouça e descubra a razão de ser assim.



PRODUTO DO ANO
EDITOR

ESTADO
DA ARTE
SUPERLATIVO



ESTADO
DA ARTE



A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br

OPINIÃO

Todo audiófilo com certeza acompanhou com enorme interesse a cobertura da Feira de Munique, realizada em maio. E teve um panorama geral do que melhor foi apresentado no maior evento hi-end do planeta!

É absolutamente impossível em apenas quatro dias realizar uma cobertura integral de um evento desse porte. Então, o que todas as mídias fazem é realizar pautas dirigidas ao seu público alvo. Foi assim que fizemos ao enviar nosso colaborador Roberto Diniz e deixá-lo livre para sentir o que seria de maior interesse para você leitor, e ele achou que seria interessante mostrar ao mercado o que foram as principais tendências do evento e o impacto que essas tendências terão no mercado hi-end nos próximos anos (leia a primeira parte de sua Cobertura nesta edição).

E cada mídia elege suas prioridades e faz, dentro de suas possibilidades, a cobertura do evento. Pois bem, um YouTuber da Europa fez sua cobertura, e na apresentação ao seu público alvo justificou sua cobertura da seguinte maneira: “Não consegui fazer nenhum juízo de valor de nenhuma sala, pois as músicas apresentadas não são as que escuto, impossibilitando avaliar subjetivamente os equipamentos apresentados”.

UAU!

Isso é que é uma total inversão de valores, e um ego do tamanho do planeta Júpiter!

E sua crítica não se limitou a essa desculpa esfarrapada: ele iniciou uma campanha para que nas futuras feiras, música clássica e jazz sejam abolidos, pois se trata de gêneros que não interessam a ele e aos seguidores do seu canal!

Todos dessa indústria desejam arduamente que o público se renove, e possamos daqui uma década ter mais participantes com menos de 40 anos, frequentando e consumindo nesses eventos.

Porém essa não é a realidade atual. O público predominantemente, em sua maioria, está acima dos 50 anos, e os expositores precisam atender a esse público que é o que ainda escuta gêneros como música clássica e jazz, e que ‘alimentam’ esse mercado e não o contrário.

E antes que você diga que peguei um caso isolado e transformei em algo maior do que realmente é, ouça por favor essa banda japonesa: Jacks - *Vacant World*, que coloquei abaixo e está na lista de gravações audiófilas de junho de um periódico mensal americano, e que o articulista coloca em sua lista de LPs audiófilos e escreve: “Todos os discos foram testados em meu sistema e os utilizo como

referência com bastante frequência”. E continua: “A inclusão indica os mais altos padrões de desempenho, gravação e repertório artístico e musical”. Como nunca ouvi falar nesse grupo japonês e sabemos que esse povo têm um alto padrão de qualidade técnica, tive todo interesse em ouvir.

Escute, amigo leitor, e me diga no que esse disco pode ajudá-lo a ajustar ou escolher um componente para o seu sistema?



Jacks - Vacant World (excerpts)

Sabendo que um RCA (Revisor Crítico de Áudio), utiliza essa gravação como sua referência para avaliar equipamentos, eu posso confiar em suas observações? Certamente esse RCA está plenamente de acordo com o Youtuber que quer abolir música clássica e jazz das apresentações nas feiras de áudio. E não pensem que são dois lobos solitários, pois leio e escuto cada vez mais revisores propondo uma ‘repaginada’ nas músicas apresentadas nos eventos hi-end.

Esse é um discurso que vem tomando corpo, e que irá prevalecer muito em breve e determinar as regras do que é ‘cool’ e o que é ‘velho’ e ‘mofado’!

Eu não misturo gosto pessoal com trabalho profissional. São coisas distintas. O sujeito pode ouvir o dia inteiro Yoko Ono e essa banda japonesa em seu sistema, e eu não tenho absolutamente o direito de falar nada! Mas ele não pode ter a pretensão de achar que essas são gravações referenciais para se avaliar produtos de áudio. E não se pode aceitar que suas conclusões usando esse material sejam relevantes!

Essa é a questão! E essa é uma falácia que precisa ser combatida!

Outra falácia do mês de junho foi de um formador de opinião, também com um canal no YouTube, que soltou a seguinte pérola: que ▶

a caixa amplificadora que ele estava testando só respondia a partir de 50Hz pelo fato da amplificação interna na caixa ser classe D.

Imagine para quem está iniciando seu caminho, ser bombardeado diariamente com tanta desinformação e mentiras bem construídas (como que não existe certo ou errado, que cada um escuta de uma maneira, etc).

Como esperar que essa nova geração construa o interesse em ouvir corretamente e valorizar o hi-end como a melhor maneira de escutar seus discos preferidos?

Esse é o maior obstáculo da indústria de áudio hi-end: a desinformação!

E não haverá renovação de público alvo sem atacar de frente e solucionar esse entrave.

E como última falácia deste mês, mostro como uma publicação pode mais confundir do que ajudar seus leitores, na maneira de descrever suas observações sobre os produtos testados.

E aqui voltamos ao núcleo central do problema: sem Metodologia e Referência, de muito pouco nos servem os testes subjetivos! O que só alimenta e dá munição para os objetivistas nas suas trincheiras se encherem de orgulho e soberba!

Veja o que um articulista escreveu em relação a um cabo de caixa avaliado recentemente: "Tonalmente, ele toca direto no meio, sem soluços de frequência óbvios. Em uma escala de quente para frio se inclina levemente para o frio. Em passagens de metais ou solos de violino na oitava superior, é evidente essa característica. Porém ele oferece uma abundância de musicalidade".

COMO??????

Um amigo músico ao ler essa conclusão chutou o balde: "É que nem papel higiênico usado, já não serve mais para nada".

Eu confesso que sinto vergonha como RCA e Editor, de ler testes como esses escritos sem o menor critério, coerência e consistência. E me pergunto o que será que esses articulistas entendem que significa Musicalidade, Neutralidade e Equilíbrio Tonal?

O que um RCA que utiliza apenas música eletrônica, ruído rosa (não riam, existe revisor que avalia caixas apenas com ruído rosa), pode concluir do que está ouvindo? O que o cara que postou no YouTube (e coloquei o vídeo no final do Falácias 1 a música toda distorcida), pode opinar qual a melhor caixa com aquele tipo de referência? Ou os revisores de fone que adoram equalizar os fones

testados, e que falam que o fone testado só fica bom depois que for corrigido com a equalização que ele fez!?

Tem algo de muito errado amigo leitor, pois não é possível ler e assistir a tanta bobagem e achar que tudo esteja dentro da mais absoluta normalidade.

Isso me lembra os campeonatos de som SPL de carro, em que a diversão era destruir os vidros dos carros, queimar os falantes e destruir os amplificadores. Isso não pode ser levado a sério e nem tampouco servir como parâmetro para se discutir Qualidade.

E estamos falando de Qualidade e não de Quantidade, ou de gosto pessoal.

O que você precisa compreender, que está iniciando essa jornada, é que sem qualidade não se chegará a lugar nenhum.

Você gosta de música eletrônica? Ótimo, em um sistema hi-end correto você ouvirá com prazer seus discos. Agora, se o que interessa para você ao ouvir música eletrônica são os graves, meu amigo, você entrou no recinto errado. Bata na porta ao lado, de som de PA.

Aí você estará em casa!

O que assusta em todas essas falácias e tendências 'tortas', é que os defensores acreditam que tem algo importante a dizer, e não têm! Pois eles sequer sabem o que precisam ouvir e como ouvir para aprender!

Tem a arrogância e a ilusão que já nasceram com sua audição refinada e podem ser formadores de opinião. E na verdade estão desinformando e criando o caos!

Eu peço desculpa ao nosso leitor de tantos anos, que já entendeu nosso compromisso e nossa linha editorial, mas no momento que deixamos de ser uma mídia física limitada a um universo de 10 a 15 mil leitores e nos tornamos uma publicação com mais de 100 mil downloads mês, é preciso mensalmente alertar aos nossos novos leitores que se eles não separarem o joio do trigo, irão se meter em grandes enrascadas - e estamos falando de um hobby caro demais para errarmos!

Você tem todo o direito de discordar de nossas opiniões, amigo leitor, mas acredite: buscamos de todas as maneiras ao nosso alcance lhes dar o melhor e mantê-los informados de tudo o que ocorre no universo hi-end!



Ella Fitzgerald e Louis Armstrong

TRIBUTO À ELLA FITZGERALD

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Estou desde março ouvindo inúmeras novas cantoras, buscando ver se encontro talentos como o de Samara Joy, e até consegui ouvir algumas novas cantoras bastante promissoras, como a versátil e dona de uma voz poderosa Lady Blackbird (que indicarei no Playlist de agosto), porém enquanto escrevia o Opinião falando do quesito Textura de nossa Metodologia, citei como uma das maiores referências em vozes femininas Ella Fitzgerald, e isso ficou orbitando minha mente, até que decidi realizar este tributo à maior Dama do Jazz de todos os tempos!

E também a minha filha, que cada dia me surpreende mais com sua sensibilidade ao me mostrar sua playlist e ouvir Ella, Sinatra, Armstrong, entre inúmeros artistas novos que eu simplesmente desconhecia, e que me surpreenderam pelo seu talento - completamente na contramão do que a garotada em sua idade está curtindo.

Aí pensei, com meus botões: “será que nossos leitores mais jovens, que nos conheceram através da Audiofone, talvez não se interessassem também em conhecer essa voz única que um dia viveu neste planeta?”.

As pessoas se comovem com a triste história de vida de Billie Holiday (sem dúvida trágica), e se esquecem que Ella também passou por enorme sofrimento e solidão antes de se tornar conhecida e admirada. Os pais se separaram logo após seu nascimento, em 1917, e aos 14 anos perdeu sua mãe e, pouco tempo depois, também seu padrasto e seu meio-irmão.

Ficando órfã, a menina ficou tão abalada com a sequência trágica, que abandonou a escola e foi trabalhar na noite, primeiro como vigia de um bordel em Nova York e depois foi trabalhar com a máfia de apostas ilegais. Até ser presa e encaminhada para um reformatório, ►

do qual, devido aos maus tratos, fugiu para viver nas ruas, sem dinheiro, em plena depressão de 1923.

Havia, nas tardes de domingo no teatro Apollo, um show de calouros em que os ganhadores recebiam algum trocado, e Ella desesperada se inscreveu para dançar sapateado. Porém, ao subir ao palco, muda de opinião e resolve cantar uma música em homenagem a sua mãe, Judy, e os jurados ficaram impressionados com sua extensão de três oitavas, sua dicção impecável, afinação, e sua facilidade em cantar sem fazer esforço ou agredir as cordas vocais.

Atravessou a grande depressão fazendo bicos em serviços diários e se apresentando nos shows de calouros, até que em 1935 conseguiu um teste para a banda do baterista Chick Webb - que emplaca nas rádios e clubes de dança o sucesso *A Tisket A Tasket* - seria o início de sua retumbante carreira. Em 4 anos Ella, da cantora da Orquestra de Webb, se transformou na líder dessa mesma orquestra, com a morte do baterista.

O conjunto passa a se chamar Ella Fitzgerald and Her Famous Band. Foram anos de turnês por todo os Estados Unidos, e inúmeros discos gravados. No entanto, cantar e administrar uma banda foi deixando Ella insatisfeita, até que em 1941 decidiu acabar com a orquestra e seguir carreira solo.

Foi a decisão mais assertiva de toda sua carreira.

Assim que anunciou sua decisão, a gravadora inglesa Decca Records lhe ofereceu um excelente contrato em que, além de discos para o selo, ofereceu a ela participar da turnê mundial da Jazz at the Philharmonic, dirigida pelo empresário Norman Granz, e lhe deu a liberdade de participar de outras bandas, como a de Dizzy Gillespie.

Nas turnês com Dizzy, Ella aprimorou sua técnica de improvisação usando como referência o bebop e scat, para criar sons de instrumentos musicais com a voz. Lá ela conhece o baixista Ray Brown e se apaixonam. Ainda que o casamento não tenha durado muito, se tornaram amigos e fizeram inúmeros projetos e gravações, por décadas.

Ella finalmente estava lapidada para sua carreira solo, e Norman Granz, como um enorme descobridor de diamante brutos, em 1956 a convidou para fazer parte do seu selo Verve, e lhe propôs gravações de songbooks de compositores como: Cole Porter, Duke Ellington, Irving Berlin e Billy Strayhorn. Ella 'enriqueceu' as obras de todos esses compositores, ficando difícil a todos que vieram depois dela gravarem essas canções.

O compositor Ira Gershwin, em uma entrevista, disse: "Eu nunca soube como nossas canções eram boas até ouvir Ella Fitzgerald cantá-las".

Ella fez duetos maravilhosos, e cantou em inúmeros shows como convidada de Frank Sinatra, Nat King Cole, Andy Williams, Bing Crosby, além de memoráveis turnês com Duke Ellington e Count Basie.

Mas a parceria em turnês e discos mais intensa foi sem dúvida com Louis Armstrong, e nos deixaram discos memoráveis!

Seu último show foi em 1991, no Carnegie Hall, em Nova York, já muito debilitada após uma cirurgia vascular para contornar seus sérios problemas de diabetes.

Em toda sua carreira, foram mais de 200 discos! E recebeu 13 Grammys!

Pessoalmente, acho que o ápice de sua carreira foi de 1950 a 1965 - cresci ouvindo todas as gravações desse período, diariamente. Meu pai era apaixonado por duas vozes: Ella e Sinatra. E ainda que ele gostasse de outros cantores(as), esses dois ocupavam em sua discoteca lugar de destaque absoluto. Fiquei realmente surpreso ao ouvir, na Playlist de minha filha, obras exatamente desse mesmo período, tanto que comentei com minha esposa que se meu pai estivesse vivo, iria se 'derreter' pelo gosto musical da neta.

Mas, se você ouvir atentamente esse período, é fácil observar o grau de refinamento e maturidade que Ella Fitzgerald atingiu, dando vida a tudo que cantou de maneira única. A sensação é que sua voz não só enriquecia, como dava um novo sentido às letras.

Fazer uma Playlist de obras de Ella Fitzgerald é uma das tarefas mais ingratas, pois sempre se cometerá injustiças! Para aliviar 'minha barra', disse a mim mesmo que o objetivo é o de apenas criar o interesse em ouvir sua extensa obra.

Afinal, escolher 4 discos entre 200, sempre haverá injustiças monumentais!

Vamos lá?

1- PURE ELLA (GRP remaster, 1994)

Faz muitos anos escrevi: "Se tivesse que ir para uma ilha deserta com apenas um disco, esse seria sem pestanejar: *Pure Ella*, nessa magnífica remasterização do selo GRP, de 1994".

Meu amigo, essa é sem dúvida uma das gravações mais impressionantes do ápice da carreira de Ella. Sua interpretação para obras como *Someone To Watch Over Me* é simplesmente magistral!

Essa é uma compilação remasterizada do álbum lançado em 1950 - *Ella Sings Gershwin* (faixas de 1 a 8), e do álbum gravado em 1954 - *Songs in a Mellow Mood* (faixas de 9 a 20).

Dave Grusin, pianista, compositor e produtor, ao ter acesso à master original - em uma visita a Verve - dessas duas gravações, ►

PLAYLISTS



❖❖❖ OUÇA PURE ELLA - ELLA FITZGERALD, NO TIDAL.

🎧 OUÇA PURE ELLA - ELLA FITZGERALD, NO SPOTIFY.

ficou impressionado com a qualidade técnica e como ambas estavam bem conservadas. E resolveu pedir autorização para remasterizá-las e relançá-las pelo seu selo GRP. Entregou a remasterização para o seu engenheiro de confiança, Erik Labson, e ganhamos essa obra-prima!

Falei, em 1996, desse relançamento em nossa seção de discos audiófilos e disse, na época, ser obrigatório para quem buscava uma reprodução equilibrada, natural e musical de seus sistemas.

E, a partir de 1999, esse passou a ser um dos nossos Discos da Metodologia, para avaliação de foco, recorte (pois Ella está de pé obviamente, ainda que muitos sistemas o posicionamento de caixas a coloquem 'sentada', no imaginário palco sonoro), equilíbrio tonal, textura e, claro, musicalidade!

Atualmente eu o uso apenas para fechar notas de Textura e Musicalidade.

Se você não conhece esse disco, desculpe, meu amigo, mas você ainda não conhece Ella Fitzgerald em toda sua plenitude!

2- THE SONGBOOK (Verve Master Of Jazz, 1956 a 1959)

Observando as gerações de meus dois filhos, com uma diferença entre eles de exatamente uma década, noto que eles não são muito



❖❖❖ OUÇA THE SONGBOOK 1956-1959 - ELLA FITZGERALD, NO TIDAL.

🎧 OUÇA THE SONGBOOK 1956-1959 - ELLA FITZGERALD, NO SPOTIFY.

chegados a perder tempo pesquisando coisas que não sejam de seu mais profundo interesse.

Então, para facilitar (principalmente aos novos leitores da Audiofone entre 20 a 30 anos), resolvi abrir uma exceção à regra e indicar uma compilação do período, abrangendo as gravações de Ella acompanhada de várias Big Bands.

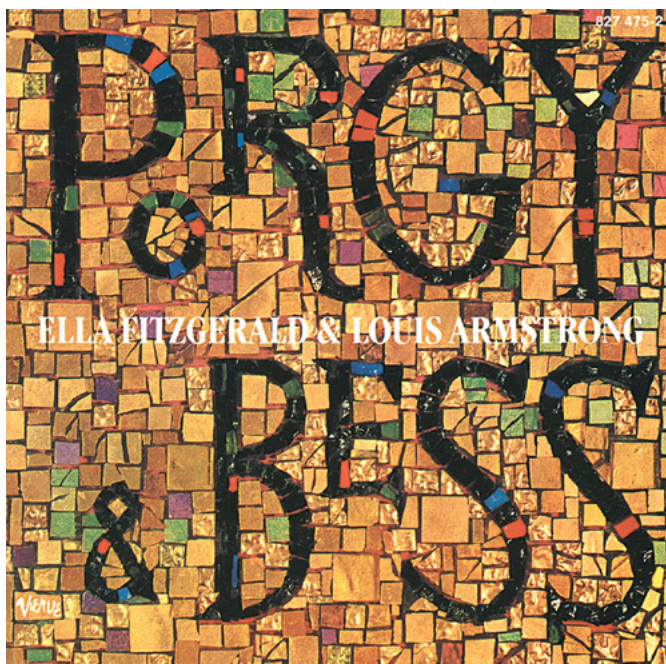
Sinatra, em uma longa entrevista dada ao New York Times nos anos 70, ao ser perguntado sobre os cantores que ele 'admirava', imediatamente corrigiu o entrevistador e disse "de todos, a mais admirável sempre será Ella". E disse que suas gravações de *Top Hat*, *Cheek to Cheek* e *How Deep Is The Ocean*, são impossíveis de serem superadas.

Todas estão nessa compilação que estou indicando.

Se aceitam sugestões, comecem por ouvir a faixa 5 - *How Deep Is The Ocean*, e entenderão minha admiração por esse período de Ella Fitzgerald.

3- PORGY AND BESS - COM LOUIS ARMSTRONG (Verve, 1958)

Esse disco fez parte da trilha sonora de minha infância, por longos seis a sete anos. Se bobear, minhas primeiras mamadeiras e banhos foram feitas com meus pais ouvindo esse disco. ▶



◆◆◆ OUÇA PORGY AND BESS - ELLA FITZGERALD,
NO TIDAL.

🎧 OUÇA PORGY AND BESS - ELLA FITZGERALD,
NO SPOTIFY.

Lembro de inúmeras vezes, em nossas audições noturnas, enquanto eu havia ficado para trás acabando a janta, dos primeiros acordes da abertura de *Porgy and Bess* ressoando pelo corredor da casa até a cozinha. Eu acelerava as últimas garfadas, para não perder aquele momento mágico, em que as cordas me levavam a imaginar espaços grandiosos ao ar livre, e minha mente vagava solta até à entrada exuberante de Ella, em *Summertime*.

Eu só peço um favor a todos vocês, ouçam essa versão original e não as remasterizações ou compilações existentes. Pessoalmente considero essa a obra prima da dupla Ella & Armstrong. E uma das melhores gravações tecnicamente produzidas de todos os tempos!

4- ELLA AT DUKE'S PLACE (Verve, 1965)

Acredito que muitos dos apaixonados por Ella, concordarão com minhas três primeiras indicações e irão torcer o nariz para essa.

Em minha defesa, a única coisa que posso dizer é que ambos (Duke e Ella), estavam pretendendo essa parceria por uma década, e por motivos de agendas o projeto foi sendo adiado até que a Verve conseguiu colocá-los por 4 semanas juntos, e saiu essa obra-prima (em minha humilde opinião).



◆◆◆ OUÇA ELLA AT DUKE'S PLACE - ELLA FITZGERALD,
NO TIDAL.

🎧 OUÇA ELLA AT DUKE'S PLACE - ELLA FITZGERALD,
NO SPOTIFY.

Sugiro aos que duvidam que esse seja um trabalho digno de ser ouvido, que iniciem a audição pela majestosa *Passion Flowers*, e vejam o requinte do arranjo feito para que Ella nos brinde mais uma vez com uma interpretação primorosa.

Já ouvi diversos cantores e cantoras se desdobrarem para dar vida a essa belíssima canção.

Ninguém chegou nem perto!

Mês que vem eu irei mostrar 4 novas cantoras que valem a pena serem reconhecidas pelo seu talento e ousadia.

Até!

DADOS BIOGRÁFICOS EXTRAIDOS DO TEXTO ELLA FITZGERALD: A GRANDE DAMA DO JAZZ POR CAMILA SILVA E ANDRESSA DIEDRICH, EM ARTIGO PUBLICADO EM 20/01/2021 NA PÁGINA DO INSTITUTO LING.

<https://institutoling.org.br/explore/ella-fitzgerald-a-grande-dama-do-jazz>



HOLST: THE PLANETS - LONDON PHILHARMONIC (EMI, 1979)

Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Todo mês um LP com boa música & gravação

Gênero: Clássico

Formatos Interessantes: Vinil Importado

Acreditem, este é um vinil que é uma gravação audiófila - coisa que eu não costumo indicar, pois a ideia aqui sempre foi de expandir a coleção de vinil além do que é o repertório normal audiófilo, e também poder selecionar, do repertório mais popular, gravações de melhor qualidade.

Mas, apesar de ser audiófilo, é também 'música clássica', um gênero que é compreendido e amado por muitas pessoas, e

igualmente incompreendido e odiado por várias outras (muitas das quais, paradoxalmente, adoram trilhas sonoras de seus filmes de ação, sem querer entender como 'estas' teriam existido sem 'aque-las'). Eu sou daqueles que acredita que música é 'boa' ou 'ruim', e que quem é realmente fã de música, deveria expandir seus horizontes e compreender. Simplesmente compreender.

Esta específica gravação da suíte orquestral *The Planets*, do compositor inglês Gustav Holst, é 'audiófila' porque foi financiada e supervisionada tecnicamente pela célebre fabricante inglesa de caixas acústicas, KEF. Tanto que leva o logotipo da empresa estampado da capa e contracapa, além de um texto sobre eles homenagearem a ►

longa e altamente representativa carreira de um dos maiores regentes ingleses, Adrian Boult - que regeu esta específica gravação com 90 anos de idade! O resultado é uma excelente gravação e uma referência para os audiófilos britânicos há muitas décadas.

The Planets - Os Planetas - é uma obra bastante detalhada e cheia de dinâmica, que vai agradar muitos dos que não têm esse estilo musical como preferência. É uma daquelas obras na qual vários compositores de trilhas já se inspiraram, e que já teve vários trechos usados, intactos, em trilhas como a do excelente filme sobre a corrida espacial *Os Eleitos* (The Right Stuff, 1983), e é emblemática dentro da discografia da música erudita do século 20. *The Planets* foi resultado do interesse do compositor por astrologia - e, ainda assim, Holst dizia que apenas estudava assuntos que combinassem, para ele, com música, que sugerissem ou despertassem interesses musicais. São sete movimentos: *Marte* (Mensageiro da Guerra), *Vênus* (Mensageira da Paz), *Mercúrio* (Mensageiro Alado), *Júpiter* (Mensageiro da Alegria), *Saturno* (Mensageiro da Velhice), *Urano* (O Mágico) e *Netuno* (O Místico) - sendo que este último traz uma participação coral, que nesta gravação é com o Geoffrey Mitchell Choir.

E, sendo *The Planets* uma composição finalizada em 1917 - e que a música erudita ouvida hoje começou pelo menos no século 17 - então *The Planets* pode ser sossegadamente considerada como música 'nova'! rs...

Holst, que nasceu em 1874 de uma família com ligações musicais que remontam a várias gerações, foi influenciado tanto pelo



Contracapa

Romantismo Tardio do século 19 e começo do 20, como pelo impressionismo do francês Ravel, um dos grandes compositores do século 20. Estudou composição, piano, órgão, trombone, instrumentação, e mais, no Royal College of Music, em Londres - e chegou a trabalhar como trombonista e como organista, em várias orquestras e grupos, para se manter, pois apenas composição não era o suficiente. Mesmo depois, já no século 20, quando Holst decidiu não tocar mais em orquestras e ser compositor, seu orçamento acabou sendo complementado por algo pelo qual ele ficou muito conhecido, à época: dedicar-se ao ensino de música em várias instituições de alto calibre, como o James Allen's Girls' School, em Dulwich, o St Paul's Girls' School, em Hammersmith, e o Morley College. Sua grande distinção como mestre e professor de música, influenciou muitos compositores e instrumentistas, até seu falecimento em 1934.

Quando, ano passado, descobri que estávamos tão distantes de 1970 (ano em que eu nasci), quanto 1970 está distante de 1918, ano do encerramento da Primeira Guerra Mundial, acabei por - após um período longo de choque e sensação de DNA (Data de Nascimento Antiga) - melhorar a minha percepção de tempo e de seus acontecimentos. Ao mesmo tempo que Holst tinha como melhor amigo outro grande compositor inglês, Vaughan Williams, ele era também muito amigo do regente Adrian Boult, através da amizade mútua com Williams. Em 1918, Boult regeu a estreia de *The Planets*, no Queen's Hall, em Londres, para 61 anos depois reger esta gravação que eu aqui indico! Como agradecimento e prova de amizade, ►



Selo do disco

VINIL DO MÊS



Capa da edição japonesa em 45RPM

a partitura de regência de Boult em 1918 tinha uma dedicatória de Gustav Holst que dizia: “Esta cópia é propriedade de Adrian Boult, que foi quem primeiro fez *The Planets* brilhar em público, e portanto tem a eterna gratidão de Gustav Holst”.

Sim, existe música boa que é perene, que vai durar muitos séculos depois que todos nós tivermos ido embora - e talvez sejam elas uma das poucas coisas que farão os alienígenas nos perdoarem, nos olharem com bons olhos - caso um dia resolvam aparecer por aqui...rs...

Sir Adrian Cedric Boult, nascido em 1889 em Chester, na Inglaterra, filho de um próspero homem de negócios e juiz de paz, atuou longamente como um dos grandes regentes ingleses do século 20. Boult foi educado na Westminster School, em Londres e, depois, na Universidade de Oxford, onde estudou história e depois mudou para música, finalizando seus estudos de regência no Conservatório de Leipzig, na Alemanha. Começou sua carreira regendo uma pequena orquestra composta de membros da Liverpool Philharmonic, depois serviu na Primeira Guerra como tradutor de francês, alemão e italiano para o Escritório de Guerra do governo britânico. Depois passou a reger a London Symphony Orchestra, onde estreou também a obra *A London Symphony*, de Vaughan Williams.

Boult também gravou prolificamente, principalmente antes da era da alta fidelidade. Ele foi diretor da City of Birmingham Orchestra, e depois assumiu a revitalização da BBC Symphony Orchestra na

mesma época que Sir Malcolm Sargent fundou a London Philharmonic, além de ter - pela boa reputação de adquiriu - regido um grande número de orquestras de outros países, como convidado, incluindo as Filarmônicas de Nova York e de Viena, e a Sinfônica de Boston.

Após se aposentar da BBC em 1950, Boult assumiu a direção da London Philharmonic, que estava decadente e precisando de uma revitalização. Inclusive, Boult chegou a subsidiar a LPO durante um tempo, do próprio bolso. Após 10 anos à frente da LPO, Boult passou a atuar como regente convidado de várias orquestras, inclusive novamente da própria City of Birmingham Orchestra, mas já em um regime bem mais esporso.

Nas suas últimas décadas de vida, Sir Adrian Boult era visto no mundo da música clássica como a última ligação viva com grandes compositores britânicos como Elgar, Vaughan Williams e Gustav Holst.

Para quem é esse disco? Para todos que gostam de música clássica, principalmente dos períodos Romantismo Tardio e início do século 20, e também da belíssima e prolífica produção britânica nesse gênero e período.

Me perguntaram outro dia porque eu não faço uma ‘crítica musical’ dos discos que eu indico. Bom, se eu indico é porque eu acho que são discos decentemente bem gravados (pelo menos), e claramente bem tocados, com música de primeira qualidade. Agora, quem tem que ouvir - e gostar ou não - são vocês, amigos leitores. Não é verdade?

Eu ainda não vi, ou sequer descobri se existe, uma prensagem brasileira desse disco - e também não sei se recomendaria vocês tentarem, porque não gostei de um monte de prensagens brasileiras de música clássica do selo EMI. Portanto, a regra aqui é achar, em bom estado, claro, uma prensagem original britânica, uma canadense ou uma japonesa (essa deixa a gente salivando!). Existe até uma prensagem japonesa em dois LPs, em 45RPM - que só a ideia já me fez ir jogar água fria na cara...rs... E, por fim, foi feita uma prensagem, pela própria Warner Music, em 2020, em 180 gramas - mas eu não sei afirmar a qualidade sonora resultante.



OUÇA UM TRECHO DE “THE PLANETS”, NO
YOUTUBE: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/
WATCH?V=UGX3KO-MQ2M](https://www.youtube.com/watch?v=UGX3KO-MQ2M)

E boas audições a todos!



Clientes satisfeitos tornam-se novos amigos

Aqui uma pequena amostra da opinião de nossos clientes

Line Magnetic

LINE MAGNETIC AUDIO

Willsenton

OATLON

"Line Magnetic 219ia: descrevo em uma palavra: total materialização do acontecimento musical. Tão viciante que fico horas e horas a ouvir música, valendo ressaltar que meu antigo sistema custava 15x mais. Comprei igualmente o pré de fono Line Magnetic LP 33 e suplantou tudo que almejava custando ,novamente, MUITO menos que meu antigo pré de fono"

Alberto Americano (Valinhos SP)

Willsenton R800i já tive muitos equipamento de audio, alguns caríssimos. O único ponto negativo é que você vai se sentir meio idiota de ter gasto tanto dinheiro antes do R800i. Altamente recomendado. "

Wagner (Valinhos SP)



A Ideia seria comprar somente a Oatlon Coaxial 15 (que substituiu minha Dynaudio 2.5), mas acabei seduzido também pelo integrado Willsenton R800i e fechei a dupla .Será difícil eu sair deste sistema agora "

Roberto Hirata (Campinas SP)



Como proprietário do Willsenton R800i e caixas Oatlon M10, posso dizer que alcancei o nível de qualidade sonora que sempre almejei. Estes Chineses quebraram todos meus paradigmas "

Arthur Nigro (Vinhedo SP)

"Comprei a Oatlon M10. Que caixa maravilhosa !! Tudo que esperava e um pouco mais, por um valor extremamente justo (comparado aos altíssimos preços de caixas do mesmo nível) "

Francisco Sande (São Paulo SP)

Line Magnetic 219 ia . É de " cair para trás". Palco ainda mais gigante, definido, recorte, profundidade, equilíbrio, etc"Willsenton R8 "consegue nos colocar no mundo HIEND com um maravilhoso custo/benefício. O seu som é quente, musical e equilibrado, sem deixar de ter refinamento.

Luiz Carlos (Curitiba PR)



"Line Magnetic LM 508i Aparelho espetacular de performance surpreendente, com uma relação custo X benefício muito boa.A característica sonora é esplendida e muito contagiante. Eu diria até mesmo viciante.

Eu estou utilizando um par de caixas OATLON Coaxiais de 15 polegadas que muito me surpreenderam e me tem proporcionado audições incríveis."

Hori (Maringá PR)



"Particularmente eu estava com um aparelho Solid-State(aparelho de nome) .Então alguém me disse: Com esse aparelho vc estará no Palácio do Rei. " Mas na verdade eu estava só nos portões e só cheguei no Palácio com o valvulado Willsenton R8"

Edmilson (Goiânia - GO)



Produtos adequados ao mercado brasileiro, com garantia de originalidade e garantia técnica integral no Brasil.



@elitesoundhifi
@elitesoundhifi

+55 19 99713-5005
www.elitesound.com.br



WALKMAN PROFESSIONAL SONY WM-D6C

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Equipamentos Vintage que fazem parte da história do Áudio

O termo Vintage tem a ver com 'qualidade', mais do que 'ser antigo'. Vem do francês 'vendange', safra, sobre uma safra de um vinho que resultou excepcional. 'Vintage' quer dizer algo de qualidade excepcional - apesar de ser muito usado para designar algo antigo.

Nesta série de artigos abordamos equipamentos vintage importantes, e que influenciam audiófilos até hoje!

MADE IN JAPAN

Principalmente nas décadas de 70 e 80, ninguém dominou o mundo do áudio como os japoneses. Dominaram, aliás, praticamente tudo que era eletrônico e tecnológico, com miniaturização, construção e fabricação com precisão e durabilidade. E, em muitos e muitos casos, com uma qualidade que impressionava até audió-

filos. Todo mundo, sem exceção, que gostava de música, teve em casa pelo menos algum equipamento projetado pelas gigantes e mundiais indústrias de áudio japonesas.

Uma boa quantidade dos audiófilos puristas acabaram tendo, também, algum componente japonês em seus sistemas: desde cápsulas até fones de ouvido. E também alguns modelos de caixas e de amplificações, assim como muitos modelos de toca-discos, foram grandemente favorecidos pelo hobby da audiofilia.

E eu diria ainda que existe uma peça, um componente, que fez parte de uma maioria de sistemas, inclusive audiófilos, entre parte da década de 70 até virada para década de 90: o deck de fita cassete - tecnologia na qual os japoneses nunca foram batidos, principalmente em questão a custo-benefício. ▶



O WALKMAN PROFESSIONAL SONY WM-D6C

Por que falar aqui, nesta seção, sobre um Walkman? Porque este é um dos mais venerados no segmento de tape-decks (não só de Walkmans), e é um equipamento onde a Sony pôs corpo e alma para que ele provesse excelente qualidade de reprodução e de gravação de áudio para um dispositivo desse tamanho. Sim, o D6C gravava, e gravava com boa qualidade, até fitas de Metal, e com Dolby B ou C, com regulagem de nível de gravação, através de uma entrada específica para microfones, ou por uma entrada de sinal de linha. Aliás, o D6C também tem saída de linha (além da saída de fones), podendo funcionar plenamente como um tape-deck normal, ligado a qualquer sistema de som.

Em 1982, a Sony lançou no Japão, em sua linha profissional, o WM-D6, com praticamente a mesma cara do posterior D6C (mas ainda sem o Dolby C, sem a entrada de linha e com duas saídas para fones de ouvido), como sendo uma versão miniaturizada do indestrutível deck portátil de uso profissional da empresa, o TC-D5.

Tanto o D6 quanto o D6C - que veio logo depois, em 1984, e ficou quase que inalterado em linha durante perto de duas décadas - tinham uma cabeça de gravação de qualidade superior, tipo



encontrado apenas em decks de linha mais alta, e um sistema de tração bem dimensionado e resistente, com motores controlados por cristal de quartzo, o que trazia uma grande precisão de velocidade, mesmo em condições adversas, em campo, em movimento. Ele podia ser alimentado por uma fonte externa, ou podia usar quatro pilhas pequenas em um compartimento interno ao lado da fita, além de ser construído principalmente em metal, para durabilidade e estabilidade.

Seu design não foi pensado como um produto para o consumidor, e sim para uso por repórteres e estações de rádio - e também foi usado por muitos para piratear shows ao vivo, rs...

Posteriormente, a Sony passou a usar componentes SMD em suas placas, aumentando o espaço interno, além de trocar a cabeça tipo Amorphous - que era resistente e de alta qualidade - por uma cabeça mais comum, que durava menos (mas mantendo durante muito tempo o logotipo da Amorphous Head estampado na frente do aparelho). Ou seja, os primeiros anos de produção são os que devem ser procurados e escolhidos pelos colecionadores. Para saber, basta ver se a cabeça é 'pontuda' ou 'achatada' - a pontuda é a boa.



MODELOS SEMELHANTES

O primeiro dos gravadores cassete que gravavam, da Sony, portáteis para uso profissional e que tinham boa qualidade sonora - foi o TC-D5 (e suas variações como o PRO e o PRO II), que tinham peso e tamanho que não ficavam muito longe de um pequeno gravador de rolo portátil, como o Uher, até então usado por toda a imprensa. E o D6, e conseqüentemente o D6C, são o resultado do empenho da Sony em miniaturizar o TC-D5, tornando-o mais fácil de ser carregado e operado, e mantendo alta qualidade de gravação.

As marcas competidoras da Sony não foram muito felizes em fazer decks ultra-portáteis que também gravassem com qualidade, como D6C, todos ficando muito aquém nesse quesito. Entretanto, como reprodutores portáteis, marcas como Aiwa, Panasonic e JVC, entre outras, conseguiram competir muito bem, lançando 'walkmans' ▶

INFLUÊNCIA VINTAGE

muito bem feitos, cheios de recursos e com boa performance - vários deles hoje bastante colecionáveis.



WM-D6

E, além do WM-D6 já citado, o único outro walkman que gravava com qualidade, e também o único outro a receber a alcunha Professional pela marca, foi o posterior (e ainda menor) Sony WM-D3, que mantinha vários dos recursos do D6C e trazia também a excelente cabeça Amorphous, mas só gravava fita Normal e Cromo - não gravava Metal como seus irmãos maiores, e não tinha Dolby C.



WM-D3



TC-D5

Diz-se que a performance do D3 é quase tão boa quanto a do D6C, mas com um gabinete menos resistente e uma fragilidade de funcionamento graças a algumas engrenagens de plástico. É pouco indicado, portanto, para a tal linha Professional.

COMO TOCA O WM-D6C

O WM-D6C juntou tantos elogios à sua qualidade de som, ao longo dos anos, que se dizia que ele dava trabalho até para os decks Nakamichi! Ideia a qual foi admitida, várias vezes, que era o 'exagero do exagero'!

Mesmo assim, a gravação do D6C é descrita frequentemente como algo que supera muitos decks disponíveis no mercado. Diz-se que é uma gravação decentemente equilibrada, suave, clara. Mas alguns críticos já disseram que a resposta dos extremos não é à contento, fica em falta comparado com decks medianos para bons.

O fato é que o WM-D6C é um favorito entre os colecionadores e aficionados de walkmans, mundo afora, e é certamente um curiosidade, um marco entre os tape-decks cassete em sua era de ouro.

SOBRE A SONY

Descrever a japonesa Sony Corporation é desnecessário - não existe um ser vivo, acho, que não conheça a marca. Mas falar um pouco sobre uma de suas maiores invenções, que é o Walkman, é bastante pertinente.

Apesar de haver uma polêmica em torno da invenção do que seria o Walkman, que teria sido ideia de um brasileiro de origem alemã chamado Andreas Pavel, na década de 70 - em um incidente que gerou um processo entre ele e a Sony (o qual ele, em última instância, acabou perdendo após décadas de batalha) - a gigante japonesa pelo menos criou um produto realmente portátil, acessível (foi um sucesso de vendas desde sua inepção), com resistência à movimentos e que provia boa qualidade sonora. No final, a Sony vendeu mais de 200 milhões de Walkmans de fita cassete, além de continuar usando a denominação (e variações dela) em várias linhas de produtos portáteis, até hoje.

A origem do Walkman dentro da Sony foi pela ideia de Masaru Ibuka, co-fundador da empresa, que no final da década de 70 carregava o volumoso TC-D5 (citado acima) e um par de fones de ouvido, para ouvir música com qualidade nas suas constantes viagens de negócios. Ibuka pediu ao então presidente da empresa, Norio Ohga, que a Sony desenvolvesse um cassete deck bem mais portátil, que pudesse ser carregado e ouvido em qualquer lugar - inclusive andando - que não ocupasse espaço, e que mantivesse alta qualidade sonora na reprodução.

E o resto, como diz o ditado, é história pura! ■

O melhor amplificador integrado do Brasil agora entre os melhores do mundo

Venha conhecer o mais novo membro da família V8



8

INTEGRATED AMPLIFIER
20th ANNIVERSARY



ADAPTIVE POWER SYSTEM



JAZZ EM VIOLINO, SEXTETO & VOCAL!

 Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Música de graça mensalmente na Internet ao alcance dos nossos dedos!

No YouTube encontra-se muito conteúdo interessante para o melômano, vídeos de música ao vivo com qualidade pelo menos decente de imagem e som - e que nesta coluna sugerimos mensalmente. Só ao vivo que você percebe o verdadeiro entrosamento entre os músicos, sua linguagem corporal e suas verdadeiras capacidades!

COMO E ONDE OUVIR

Através de um computador ou smartphone, com bons fones de ouvido - ou mesmo conectando eles ao DAC de nosso sistema de som, fisicamente, por wi-fi, por Chromecast ou por Bluetooth. Uma segunda opção é assistir esse conteúdo em uma TV tipo smart, no

aplicativo do YouTube, e conectar a saída ótica de áudio digital dela ao sistema de som, de home-theater ou mesmo à uma soundbar.

PARA QUEM SÃO AS SUGESTÕES DESTES MÊS?

Para todos os fãs de jazz de qualidade, bem tocado, ligeiramente diferente do usual. Primeiro, temos um violinista solista, líder, de jazz - o que já é em si uma certa raridade - acompanhado por um jazz trio de piano, baixo e bateria, dinâmico e muito interessante. Segundo, temos um sexteto de jazz liderado por um baixista, com guitarra, piano, trompete, trombone e bateria, soando de maneira mais tradicional, mas muito acessível. E, por fim, uma cantora de jazz - que também toca flauta - que tem uma bela voz e traz uma apresentação bastante moderna com piano, teclado e bateria, de excelente qualidade e seriedade, com uma sonoridade mais densa e escura, mas muito bem feita e bonita. ▶

REDEFININDO O DIGITAL EM UM NOVO PATAMAR

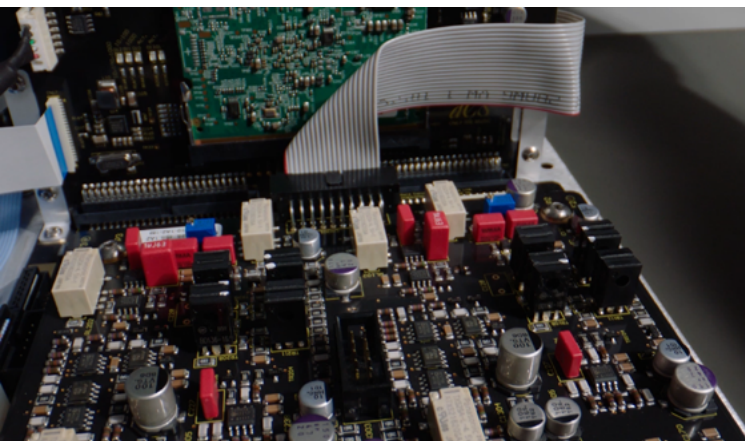
BARTÓK APEX

THE NEXT GENERATION



@WCJRDESIGN

O NOVO BARTOK APEX REESCREVE EM LETRAS MAIUSCULAS
O NOVO ESTÁGIO DA CONVERSÃO DIGITAL ESTADO DA ARTE
SUPERLATIVO. DÚVIDA? ENTÃO OUÇA.



Muitas vezes, a inovação vem na forma de software. Com a recente atualização do Bartók 2.0, A DCS melhorou o upsampling DSD e adicionou novas opções de filtro. Os mapeadores originalmente projetados para Vivaldi APEX e Rossini APEX, agora estão disponíveis em Bartók. Os mapeadores controlam a forma como os dados são apresentados ao núcleo Ring DAC™. Bartók agora inclui três configurações do mapeador. Ele também inclui capacidade DSD128 e uma configuração de filtro adicional para DSD.

dCS
ONLY THE MUSIC

WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR
TELEFONES: (11) 98369.3001


FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

MÚSICA DE GRAÇA



Adam Baldych, Helge Lien Trio - EFG London Jazz (2017, 58 min)

O violinista polonês Adam Baldych, considerado um virtuoso de seu instrumento, é um caso raro no meio do jazz - principalmente em se considerando solistas e não acompanhantes. Violino é incomum, apesar de luminares como Stephane Grappelli e Jean-Luc Ponty. Mas, em sua música, Baldych evoca muito mais Grappelli do que Ponty - até porque ele é muito mais um jazzista tradicional, e não fusion.

Além de Adam ao violino, em destaque, acompanham o Helge Lien Trio, do pianista norueguês Helge Lien, que tem uma extensa discografia (mais de 20 discos) com aproximadamente a mesma longevidade de Baldych, e em várias formações de duos e trios - incluindo as menos ortodoxas com tuba, sax, clarinete, trompete e, claro, a formação de jazz-trio tradicional com a adição do violino de Baldych, no disco *Bridges* (ACT, 2015).

Nascido em 1986 na cidade de Gorzów, na Polônia, Baldych - que faz parte do elenco da excelente gravadora alemã ACT - começou a aprender violino na escola, aos 9 anos de idade, e depois graduou-se pelo Instituto de Jazz e Música Popular da Academia de Música Karol Szymanowski e, finalmente, foi bolsista da Berklee College of Music em Boston, nos EUA. Adquirindo projeção, nos últimos anos, entre os músicos e o público de jazz europeus, Adam já tem uma discografia de mais de 10 discos, tanto liderando como em colaborações.

A formação do quarteto aqui no vídeo é, então, Adam Baldych ao violino, Helge Lien ao piano, Frode Berg no baixo, e Hakon Mjaset Johansen na percussão - em um concerto gravado no belíssimo Cadogan Hall, construído em 1907 no bairro de Chelsea, em Londres. Cadogan Hall é um auditório para 950 pessoas, com boa acústica viva, originalmente um templo da Igreja da Ciência Cristã e que hoje é, além de um espaço para concertos e apresentações, a sede da Royal Philharmonic Orchestra - uma das mais tradicionais orquestras sinfônicas inglesas.

A gravação do vídeo foi feita em novembro de 2017, por parte do EFG London Jazz Festival, evento anual que existe oficialmente há mais de 30 anos, e que desde 2013 é patrocinado pelo grupo suíço de bancos EFG International. Além das atrações internacionais, uma longa associação do Festival com a BBC - British Broadcasting Corporation - incorpora a final da competição BBC Young Jazz Musician, televisionada pela emissora por todo o Reino Unido.



Avishai Cohen's 'New York Division' at Jazz à Vienne (2015, 81 min)

Moderno, sem ser estranho ou diferenciado. Tradicional, mas cheio de detalhes e nuances de interpretação que são atuais e 'novas' - essa é a série de concertos apresentados pelo contrabaixista israelense Avishai Cohen, em sexteto com amigos de longa data da cena de jazz nova-iorquina, trazendo faixas cover, e também de várias fases e álbuns da carreira do baixista.

O 'New York Division' é Avishai Cohen no contrabaixo e ocasional vocal, Kurt Rosenwinkel na guitarra, Nitai Hershkovits ao piano, Diego Urcola no trompete, Steve Davis no trombone e Daniel Dor na bateria.

Avishai Cohen nasceu em um kibbutz em Israel, em 1970, de uma mistura étnica judaica de espanhol, polonês e grego. De uma família musical, começou no piano aos 9 anos, e passou para o contrabaixo aos 14 - e aos 22 trabalhava em construção e tocava nas ruas. Depois, ao estudar na New School, em Nova York, Cohen passou a integrar o Chick Corea's New Trio durante seis anos, até se tornar líder e solista ele mesmo. O resultado é uma carreira que já fruiu mais de 20 discos em quase 30 anos, por vários selos de alta qualidade como Blue Note e Naive, trafegando em gêneros como jazz, ethno-jazz, folk-jazz e jazz-fusion.

O show deste vídeo foi originalmente apresentado no canal por assinatura francês Mezzo, especializado em música clássica, jazz e world music. E, no caso do evento Jazz à Vienne, não confundir com a cidade de Viena, na Áustria: este é um festival de jazz anual, ▶



AUDIOVECTOR



@WCJRDESIGN

HÁ MAIS DE 40 ANOS, PROJETAMOS, DESENVOLVEMOS E PRODUZIMOS NOSSOS ALTO-FALANTES NA DINAMARCA

Em 1979, Ole Klifoth fundou a Audiovector com o desejo de fazer o alto-falante perfeito para o mercado global de alta qualidade. Até hoje, a visão inicial da empresa continua a ser produzir alto-falantes de alta qualidade e som natural para amantes da música e audiófilos em todo o mundo. Mads Klifoth, CEO e proprietário, dedica-se a honrar esse DNA e tradição únicos. Os produtos Audiovector são feitos à mão com os melhores materiais e montados à mão com grande detalhe e cuidado. Cada alto-falante é projetado, desenvolvido e produzido internamente com padrões excepcionais.

A AUDIOVECTOR É UMA EMPRESA FAMILIAR COM SEDE EM COPENHAGEN, DINAMARCA



QR SERIE



WWW.FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR

INFO@FERRARITECHNOLOGIES.COM.BR

TELEFONES: (11) 98369.3001



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

MÚSICA DE GRAÇA

no verão, na cidade de Vienne, na região de Isère, no leste da França, próximo à cidade de Lyon. Realizado desde 1981 no anfiteatro romano da cidade, o festival já trouxe à seus palcos Miles Davis, Herbie Hancock, Stan Getz, Ella Fitzgerald, Sonny Rollins, Joe Zawinul e Brad Mehldau, entre muitos outros.

Melanie De Biasio - Live à FIP (2014, 46 min)

Melanie faz um jazz atmosférico - profundamente por sua voz e composições, e de maneira coadjuvante por um trio que traz, além do piano e da bateria, o uso de um piano elétrico Wurlitzer e também de sintetizadores vintage. A própria Melanie completa o quadro com sua voz aveludada e tocando flauta. É uma música profunda, emocional e hipnótica.

A banda de apoio é composta dos usuais colaboradores de De Biasio: Pascal Mohy no piano, Pascal Paulus nos teclados, e Dre Pallemmaerts na bateria.

Mélanie De Biasio (com acento no primeiro nome) nasceu em 1978 na província de Hainaut, na Bélgica, filha de uma belga com um pai italiano. Mostrando aptidão artística, começou a aprender balé aos três anos de idade, e flauta transversal aos oito. Como jovem e fã de

rock, desde Pink Floyd e Jethro Tull até Nirvana, aos 15 anos Melanie já participava de uma banda de rock. Depois, ao estudar canto por três anos no Conservatório Real de Bruxelas, passou a dedicar-se profissionalmente à música. Devido à uma infecção pulmonar que a impediu de cantar por um ano, Melanie desenvolveu o timbre ligeiramente sussurrado que tem até hoje, e após tocar com o saxofonista de jazz Steve Houben, lançou seu primeiro disco em 2007 (de quatro discos já lançados), que foi bastante elogiado pela crítica.

A apresentação deste vídeo foi gravada em 2014 no Studio 105, da Maison de Radio France, um auditório pequeno e intimista, que justifica perfeitamente a fotografia do vídeo ser em preto & branco - o que combinou muito com a música de De Biasio. A qualidade sonora é excelente, e a fotografia é digna de prêmio.

A 'Live à FIP' é uma série de concertos feitos pela estação de rádio FIP - France Inter Paris - que faz parte da rede Radio France, desde sua fundação em 1971. Voltada completamente para a música, a FIP transmite sem intervalos comerciais, a partir de um acervo de 44.000 faixas diferentes, 85% delas oriundas de selos independentes.

Um bom inverno musical a todos! ■



SEU GUIA DE FONES DEFINITIVO



HARMONIOSAMENTE REFINADO

FONE DE OUVIDO
MEZE LIRIC

E MAIS

NOVIDADES DE MERCADO

GRANDES NOVIDADES DAS
PRINCIPAIS MARCAS DO
MERCADO

GUIA DE REFERÊNCIA

CONFIRA TODOS OS FONES
JÁ TESTADOS PELA AVMAG



99 Classics Maple Silver

LIMITED EDITION 2020



Adquira já essa joia rara!

A verdadeira *experiência* da música.

german
curitiba • são paulo • san diego

contato@germanaudio.com.br

ÍNDICE

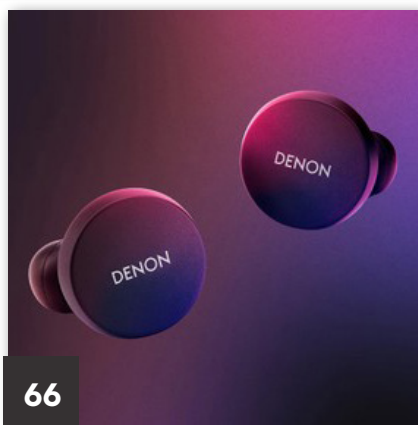


E EDITORIAL 64

Uso contínuo de fone por muitas horas diárias pode deformar a cabeça?

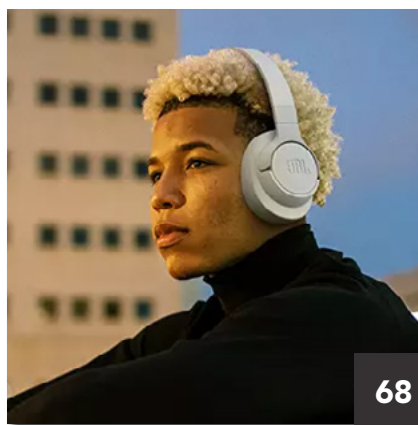
● NOVIDADES 66

Grandes novidades das principais marcas do mercado



^ TESTES DE ÁUDIO

72
Fone de Ouvido Meze Liric



≡ RELAÇÃO DE FONES/DACS 80

Relacionamos todos os fones e amplificadores/DACs de fones que já foram publicados na Áudio e Vídeo Magazine



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

USO CONTÍNUO DE FONE POR MUITAS HORAS DIÁRIAS PODE DEFORMAR A CABEÇA?

Quando minha filha me questionou se isso era verdade, eu mesmo achei por demais exagerada essa informação. Porém, lá fui eu pesquisar e saber de fato o que havia ocorrido com as pessoas que passaram a relatar que, ao raspar a cabeça, tinham uma deformidade ou um canal na base do crânio, onde a fita ou arco dos fones se apoiam. Bizarro, mas verídico! Está realmente ocorrendo com pessoas que ficam por inúmeras horas com seus fones. Felizmente, os especialistas explicam que na maioria dos casos essa pressão na derme (pele acima do crânio), composta de fibras de colágeno, elastina e gel coloidal, pode ao ser pressionada ou prensada por muitas horas e por meses, sofrer deformação - porém não é algo que seja permanente ou irreversível. Só será preocupante se a alteração não voltar à normalidade depois de um mês corrigido o uso por longas horas. E caso isso aconteça, é possível ter ocorrido uma fibrose, um tipo de cicatrização interna abaixo da pele, com um endurecimento no local - sendo essa uma situação

que precisa ser avaliada por um dermatologista. Na verdade, minha preocupação maior não é com a deformação na derme do crânio, e sim com a audição desse indivíduo que fica de fone de ouvido por mais de 8 horas ao dia!

Como ele preserva sua audição?

Usa fones com um bom equilíbrio tonal? Segue a regra de ouro de volumes seguros? Escolhe fones mais leves e com melhor ergonomia e conforto?

Os profissionais que estão reclamando dessa deformação, são todos formadores de opinião, então seus exemplos certamente são seguidos por inúmeros jovens. Se a deformação na cabeça é uma questão apenas estética e temporária, a perda auditiva não é. Ela é permanente e irreversível! Pense muito bem nessa questão, amigo leitor, na hora de escolher seu novo fone de ouvido! ■

@WCJRDESIGN



Se razão e sensibilidade não são suficientes para te convencer da superioridade de um fone Grado, que tal mais esses? CUSTO E PERFORMANCE!



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

CONHEÇA AS LINHAS DE FONES GRADO



PRESTIGE
SR325x



REFERENCE
RS2x



STATEMENT
GS1000x



WIRELESS
GW100x



PROFESSIONAL
PS2000e



IN-EAR
iGe3



FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR



KW HI-FI



@KWHIFI



KW HI-FI



(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

DISTRIBUTOR.KWHIFI.COM.BR/

NOVOS FONES PERL & PERL PRO DA DENON



A Denon anunciou o lançamento dos fones PerL e PerL Pro, equipados com drivers de 10 milímetros e suporte ANC. O PerL Pro se destaca por oferecer cancelamento de ruído adaptativo, trazendo melhor capacidade de isolar os sons indesejados do ambiente.

Os modelos possuem um visual discreto com superfície achatada, para dar melhor suporte aos comandos por toque. Ambos são certificados com IPX4, para resistência a respingos de água e suor.

O nome dos fones é a abreviação de Personalized Listening Experience - Experiência de Audição Personalizada - devido ao uso da tecnologia Masimo, que mede as emissões otoacústicas para analisar a sensibilidade dos ouvidos do usuário em relação a cada frequência, assim otimizando o som para o ouvido de cada usuário. Combinando essa tecnologia aos controles por toque personalizáveis, os PerL e PerL Pro prometem se adequar à qualquer pessoa.

O modelo PerL é equipado com uma bateria de até 6 horas, e seu estojo de carregamento fornece três recargas adicionais, totalizando em uma autonomia de até 24 horas. Já o PerL Pro, traz 8 horas contínuas de reprodução, e recursos como o suporte para a tecnologia aptX da Qualcomm, e áudio espacial com Dirac Virtu.

Os fones de ouvido já estão disponíveis no exterior pelo preço sugerido de US\$ 199 para o PerL, e US\$ 349 para o PerL Pro - ambos na cor preta.



Para mais informações:
Denon
www.denon.com

NOVOS FONES TRUE WIRELESS DA TECHNICS



A Technics acaba de lançar os fones de ouvido sem fio EAH-AZ80 e EAH-AZ60M2, com som aprimorado, cancelamento de ruído e recursos inteligentes.

Ambos os modelos oferecem várias melhorias em relação aos modelos anteriores, incluindo melhor qualidade de som, cancelamento de ruído mais eficaz e uma gama mais abrangente de recursos inteligentes.

Em uma das melhorias mais significativas, sobre a qualidade do som, ambos os modelos apresentam uma câmara de controle acústico para fluxo de ar otimizado, proporcionando sons médios naturais e graves potentes. A câmara também incorpora um 'harmonizador' para suavizar os agudos, criando uma gama dinâmica de som com menos distorção. Além disso, o EAH-AZ80 também possui um novo diafragma de alumínio de 10 mm, que oferece um som mais rico e detalhado.

Ambos EAH-AZ80 e o EAH-AZ60M2 são equipados com tecnologia LDAC Bluetooth, permitindo áudio sem fio de alta resolução. E seu cancelamento de ruído foi aprimorado com o uso da tecnologia Dual Hybrid Noise Canceling, proprietária da Technics, para bloquear o ruído ambiente. Um filtro de software digital e um microfone funcionam juntos para bloquear o ruído externo, ao mesmo tempo em que oferecem suporte a um novo recurso de cancelamento de ruído adaptável que ajusta automaticamente para o ambiente ao redor.

Eles possuem dois modos de som ambiente, 'Natural Ambient' e 'Attention'. O primeiro permite que você ouça música e fique atento ao que está ao seu redor, enquanto o segundo destaca as vozes humanas e reduz o ruído indesejado. Além de suportar conexão multiponto, o que permite conectá-los a três dispositivos simultaneamente - e a disponibilidade de uma aplicativo para alterar modos de som e recursos - eles também apresentam a versão mais recente da tecnologia JustMyVoice, que usa quatro microfones por ouvido para reduzir o ruído ambiente. Isso garante que sua voz seja ouvida com mais clareza durante as chamadas. A resistência à água IPX4 também está presente, para operação à prova de respingos.

O Technics EAH-AZ80 custa US\$ 299, enquanto o EAH-AZ60M2 custa US\$ 249, nos EUA. ■

Para mais informações:
Technics
www.technics.com

NOVO FONE DE OUVIDO JBL TUNE 720BT É LANÇADO NO BRASIL



O Grupo Harman anunciou o lançamento do Tune 720BT, seu novo fone de ouvido circo-auricular Bluetooth com longa autonomia e recursos de conectividade.

Seu design minimalista possui articulações que permitem dobrá-lo para transporte. Seu arco é acolchoado e as almofadas têm maior maciez para conforto no uso contínuo. Além disso, é equipado com drivers dinâmicos de 40 milímetros, garantindo bom nível de volume.

Através de Bluetooth 5.3, ele tem suporte para conexão multiponto, permitindo até dois aparelhos ao mesmo tempo. Caso uma chamada seja recebida enquanto o usuário estiver assistindo a um vídeo em outro dispositivo, como o PC, o JBL Tune 720BT muda diretamente para o celular.

Outros recursos são o Voice Aware, que permite ouvir sua própria voz durante uma ligação, e os controles de equalização pelo

app JBL Headphones, onde se pode também selecionar perfis pré-definidos como Vocal, Jazz, Bass, Club, Studio e Extreme Bass.

O JBL Tune 720BT possui uma bateria de até 76 horas de autonomia, e através do conector USB-C, cinco minutos de recarga trazem até 3 horas adicionais de reprodução contínua.

O fone já está disponível no site oficial da marca, nas cores preto ou branco, pelo preço sugerido de R\$ 399. ■

Para mais informações:
JBL
www.jbl.com.br

NOVOS FONES SEM FIO ABERTOS ARC II SPORT DA CLEER AUDIO



Para quem precisa de fones de ouvido sem fio para um estilo de vida ativo, a novidade é o Cleer Audio Arc II Sport, com design aberto e Bluetooth aptX Adaptive.

Eles apresentam um design exclusivo em gancho, com flexibilidade adicional para proporcionar uma experiência de audição confortável durante todo o dia. Além disso, os fones também são equipados com Bluetooth 5.3, tecnologia aptX Lossless, certificação Snapdragon Sound e compatibilidade com LE Audio, para qualidade de som imersiva.

Além disso, os Arc II Sport possuem conectividade multiponto Bluetooth, drivers de neodímio revestidos com grafeno, de 16,2 mm, um sensor de movimento de 6 eixos para viva-voz, controles por gestos de cabeça e design de redução de ruído do vento, para chamadas de voz cristalinas. Você também pode controlá-los por meio de controles de toque personalizáveis na lateral dos fones.

Eles vêm com um estojo de carregamento com luz UV-C integrada, para reduzir as bactérias durante o ciclo de carregamento. Há também um recurso de detecção anti-perda, que faz com que o fone de ouvido emita um bipe quando cai, para que você possa localizá-lo rapidamente.

Além disso, o aplicativo Cleer+ adiciona desempenho personalizável ajustando EQ e monitorando bateria, e contando passos. O Arc II Sport possui resistência à água IPX5 e tecnologia à prova de suor, e oferece uma duração total da bateria de 35 horas (8 horas mais 27 horas com o estojo de carregamento inteligente).

O Arc II Sport já está disponível nos acabamentos preto e vermelho, e seu preço sugerido é de US\$189,99, nos EUA. ■

Para mais informações:
Cleer Audio
www.cleeraudio.com

NOVOS FONES CIRRO BUDS PRO DA HYPERX



A HyperX acaba de lançar os Cirro Buds Pro, voltado para gamers e com recursos avançados, mas a um custo acessível.

Para o uso com dispositivos móveis, o fone de ouvido traz o modo de baixa latência, que habilita uma conexão sem fio com atraso de 90 ms, para jogos menos competitivos, além da compatibilidade com Bluetooth 5.2.

Os Cirrus Buds Pro vêm com cancelamento ativo de ruído, com dois microfones em cada lado, abafando sons externos de forma inteligente, incluindo o som do vento em ambientes abertos.

Os fones de ouvido HyperX Cirro Buds Pro serão vendidos nas cores: bege, preto ou azul, com resistência IPX4 contra respingos d'água, como chuva leve e suor de exercícios.

A bateria dura até 35 horas de uso, sendo sete horas na bateria interna dos fones, mais 28 horas providas pelo estojo de recarga.

Os fones, que ainda não têm data de lançamento no Brasil, têm uma etiqueta de preço de US\$ 99, nos EUA. ■

Para mais informações:
Hyper X
www.hyperx.com

NOVO MONITOR INTRA-AURICULAR MORAY DA RAZER



A marca, voltada para gamers, lança seu primeiro monitor de áudio intra-auricular (IEM), o Razer Moray.

Desenvolvido com base nas exigentes demandas de gamers e streamers, este inovador IEM oferece conforto ao usuário durante todo o dia e conta com alta qualidade de áudio para longas sessões de jogos e de streaming, sem causar fadiga.

Certificação THX

O Razer Moray traz certificação THX, uma garantia de maior qualidade, consistência e desempenho, reconhecida mundialmente. Ele oferece vocais e diálogos claros e tem isolamento de ruído superior, para melhor áudio em jogos e streaming. Essa certificação garante, segundo a empresa, uma verdadeira experiência do artista, combinando arte, tecnologia e a dinâmica dos ambientes sonoros do mundo real.

Design acústico híbrido de driver duplo

O fone conta com design acústico híbrido de driver duplo, que emparelha um driver de armadura balanceado para agudos cristalinos junto a um driver dinâmico para graves ricos e profundos, para maior qualidade e imersão.

Ergonomicamente projetado

O Moray prioriza o conforto durante sessões de streaming prolongadas. Seu formato ergonômico e discreto tem um ajuste confortável que supera significativamente o dos fones de ouvido

tradicionais, eliminando a pressão na cabeça e nas orelhas, para proporcionar uma experiência de streaming sem fadiga física.

Isolamento de ruído passivo

Seu isolamento superior de ruído passivo é capaz de bloquear até -36dB de barulho indesejado, para que as distrações não sejam mais uma preocupação. Assim, os streamers podem manter foco total na criação de conteúdos para seu público.

Cabos over-ear premium trançados

Equipado com cabos OFC com conector MMCX e tubos flexíveis de loop com memória, o Razer Moray foi construído para não atrapalhar. Esses fios premium trançados garantem que os monitores de áudio intra-auriculares permaneçam seguros e fora do caminho durante a criação de conteúdo.

Pontas auriculares emborrachadas e estojo de transporte

Com três tipos de pontas auriculares emborrachadas, e cada um em três tamanhos diferentes, o fone traz conforto e isolamento acústico. O usuário pode transportar o kit completo em um estojo portátil e resistente a respingos. ■

Para mais informações:
Cleer Audio
www.cleeraudio.com

TESTE
1
FONE



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WACRSJTEUFM](https://www.youtube.com/watch?v=WACRSJTEUFM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=O2JY4PGQO5Q](https://www.youtube.com/watch?v=O2JY4PGQO5Q)



FONE DE OUVIDO MEZE LIRIC

XX **Fernando Andrette**
fernando@clubedoaudio.com.br

É muito bom poder, na sequência, testar dois excelentes produtos do mesmo fabricante, pois além de facilitar a realização de comparações diretas, nos permite saber o patamar que cada um dos produtos se encontra, e conhecer a que público cada um se destina.

Da Meze já testamos o 99 Classics, o 109 Pro, o Elite, e o seu top de linha Emphyrean. Portanto me sinto bastante familiarizado tanto com a proposta do fabricante para o mercado, como consigo reconhecer as semelhanças e diferenças sônicas de cada um dos modelos testados.

Ao contrário dos 'revisores' que desdenham da memória de longo prazo, a minha continua ótima, e apoiado pelas minhas longas anotações minuciosas de cada produto por nós avaliados, consigo saber com extrema precisão o que difere, em determinados exemplos e passagens de nossa Metodologia, e o que desejo saber a respeito de cada produto.

E quando temos a chance de estar com três produtos simultaneamente de um fabricante em mãos - como no caso do teste do Liric, em que temos o 99 Classics (uma de minhas referências), o 109 Pro que testamos mês passado (e também passou a ser uma referência em sua faixa de preço) - temos a chamada colher de 'sopa no mel'!

Antes de descrever o produto, gostaria apenas de mencionar que o Liric, ainda que se coloque exatamente no meio entre o 99 Classics e o Emphyrean top de linha, ele se encontra muito mais próximo do Elite que do 109 Pro. Digo isso para que você, leitor, entenda que utilizar o Liric ligado a DAPs como o Astell & Kern SP 2000T, ou o novo Cayn C9, será o mínimo necessário para se extrair o melhor desse fone.

Pois, assim como o excepcional Elite (que para mim é o melhor custo/performance da Meze), o Liric merece ser ligado ao melhor amplificador de fone que você puder ter em sua casa. Pois não vejo ▶



as pessoas usando o Liric para sair na rua, e correr o risco de atrair ‘abutres’ e perder um fone de 3.300 dólares!

Feito esse adendo preliminar, vamos às informações técnicas.

O Liric é um fone fechado (como o 99 Classics), para atender o público audiófilo que divide seu espaço físico com a família, e precisa incomodar o mínimo possível os outros quando estiver ouvindo sua música.

Para atingir seus objetivos em termos de performance, mais uma vez a Meze confiou à empresa Rinaro o desenvolvimento dos novos drivers para o novo Liric. A ideia foi aplicar a mesma tecnologia do driver MZ4 Isodynamic Hybrid Array do top de linha, Empyrean, no novo fone.

Para se conseguir avançar no projeto inicial, foi preciso reduzir e ajustar esses drivers MZ4 para oferecer um alto padrão de performance a um preço mais condizente com a realidade de mercado. O desafio era conseguir esse grau de performance agora em um fone fechado!

A maior diferença em relação ao MZ4 original, foi a inovação do sistema batizado de Phase-X, para aprimorar a ambiência e a imagem espacial, mais difícil de se conseguir em fones fechados que nos abertos de alto nível e desempenho.

Cada driver é montado manualmente, e testado exaustivamente, na fábrica da Rinaro.

Para se conseguir tamanho feito de mais ‘arejamento’ em um fone fechado, a Meze fez uso de um sistema de ‘Equalização de Pressão’ que, segundo o fabricante, tem um grande impacto em como o cérebro percebe o som ao seu redor.

Esse processo é uma saída de ar controlada, que minimiza a pressão interna do fone e aumenta o arejamento. Parece uma solução óbvia, mas pouco usada ainda pelos fabricantes de fones fechados.

Como todo produto Meze, sua apresentação é impecável, e ainda que o Liric não faça uso de um estojo de alumínio, o fabricante oferece uma bonita bolsa rígida semelhante à do 109 Pro, porém com forro de veludo para não riscar o fone.

No kit do fone temos dois cabos TPE macios, um de 1.5 m e outro de 3.5m. Além de um adaptador de 6.3mm, bem como um adaptador para uso em avião.

No primeiro instante, ao olhar o Liric fora da embalagem, senti falta do acabamento de madeira, já que esse modelo faz uso de um preto fosco para a proteção dos drivers.

Mas basta focar nos garfos de metal, a faixa de couro genuíno para apoio da cabeça, para ver que o padrão e requinte Meze estão presentes mais uma vez!

A estrutura de metal é toda muito semelhante aos dois fones top, assim como as almofadas posicionadas simetricamente para permitir um melhor fluxo de ar para, nos dias de calor, diminuir a desagradável sensação de suor e umidade.

Li que alguns revisores gostaram da pressão do fone, para melhor ajuste, e outros acharam excessivamente apertado. Acho que isso tem a ver com o diâmetro da cabeça de cada um.

O Liric, para mim, encaixou perfeitamente, melhor que o 109 Pro e que o 99 Classics.

O importante é que ele tem uma ampla estrutura para se adaptar a sua cabeça de forma firme e segura, até mesmo para movimentos mais bruscos - coisa com a qual, no 109 Pro, preciso ser mais cuidadoso.

As hastes são de cobre, e os fones são de magnésio com acabamento em tecido de couro do lado de fora.

A escolha do formato oval angulado para mim foi perfeita para isolar-me totalmente do mundo externo, e seu conforto e ergonomia estão no mesmo padrão do Elite e do Empyrean.

O peso de 391 gramas pode parecer muito, mas é totalmente compensado pela distribuição de peso, e o conforto do fone quando corretamente ajustado.

Para o teste utilizamos apenas o amplificador de fone de ouvido do Classic Preamp da Nagra. Minha melhor referência para avaliar produtos Estado da Arte!

Como todo produto enviado para teste, não abrimos mão de fazer uma primeira audição assim que o produto chega, para registrarmos nossas primeiras impressões e depois o colocamos em tortura absoluta pelo tempo indicado pelo fabricante, ou até percebermos que não há mais variação no equilíbrio tonal do mesmo.

O Liric ouvimos, anotamos nossas observações iniciais, e o deixei em repeat com streamer por 30 horas. A diferença não foi substancial, mas significativa para estabilizar as duas pontas, e observarmos o quanto os agudos do Liric são impressionantes em relação aos nossos fones de referência, e ao 109 Pro também da Meze.



Ele nos remeteu, instantaneamente, a buscar as mesmas faixas que usamos para fechar a nota do Elite, nos agudos.

Como o Elite, a extensão e velocidade nos agudos é muito mais que apenas impactante, elas são de uma naturalidade que nos convida a buscar o volume correto de cada gravação, pois não sofrem de brilho excessivo ou irão nos causar sustos, fazendo abaixar o volume no meio da audição.

A região média possui o que chamamos de ponto de equilíbrio entre a transparência e musicalidade, e se o Liric não atinge o grau de neutralidade do Elite, ele sem a 'sombra' desse modelo por perto, pode ser comparado sem nenhum problema com fones até muito mais caros que ele. É uma região média com uma folga impressionante. Se você quer um bom exemplo para entender o que estou tentando descrever, ouça as faixas 3 e 4 do disco *Woman-Child* da cantora Cécile McLorin Salvant.



◆◆◆ OUÇA WOMANCHILD - CÉCILE MCLORIN SALVANT, NO TIDAL.

🎧 OUÇA WOMANCHILD - CÉCILE MCLORIN SALVANT, NO SPOTIFY.

Sua poderosa extensão do médio-grave ao agudo, é um desafio e tanto a qualquer fone e caixa acústica. E para deixar o 'desafio' ainda mais interessante, temos um piano que também passeia por todas as oitavas para complicar mais um pouco, na faixa 3. E na faixa 4 temos, além do piano, um contrabaixo e uma bateria.

Quando ouvimos essa primorosa gravação em um fone em que o equilíbrio tonal, além de excelente, possui folga, arejamento e realismo, parece se tratar de 'mamão com açúcar'. No entanto, basta um erro no equilíbrio tonal e o piano soa duro, assim com os crescendos na voz de Cécile.

E, por último, os graves. Li que para alguns revisores o grave do Liric é impecável, já para outros falta mais 'peso'. Como sempre tenho muito cuidado em levar em consideração o que outros articulistas concluíram, pois raramente eles colocam os discos e muitos até omitem os equipamentos usados. E sem essas informações fica difícil saber o motivo de tais conclusões. O que posso dizer a você que nos lê: o grave do Liric é excelente!

Quer você mesmo tirar suas conclusões, caso venha a ter a oportunidade de escutar o Liric? Ouça o disco *Descent Into Madness* do baterista Vinnie Colaiuta, as faixas 4 e 7.



◆◆◆ OUÇA DESCENT INTO MADNESS - VINNIE COLAIUTA, NO TIDAL.

🎧 OUÇA DESCENT INTO MADNESS - VINNIE COLAIUTA, NO SPOTIFY.

Meu amigo, tanto o contrabaixo como o bumbo, e os tom-tons, são absolutamente fidedignos ao que foram gravados. É uma gravação em que os graves, quando não são corretos, tornam o som cansativo, pois não conseguimos acompanhar as intencionalidades e a complexidade de tempo e andamento. Gravação difícil para qualquer fone e caixa acústica - e o Liric tira de letra essas duas faixas.

Ainda que as texturas não sejam do mesmo refinamento que do Elite, são impecavelmente sedutoras, e nos permitem compreender o quanto fones desse 'naipe' nos conduzem ao mais íntimo grau de imersão no tecido musical.

Ouvindo a faixa 2 do disco do baterista Vinnie Colaiuta, em que temos um naipe de metais, no Liric é possível ouvir cada um dos sopros montando o acorde, e não perder - nem por uma fração de tempo - o todo! Esse grau de envolvimento com a música, e de ser conduzido pelas texturas individuais de cada voz para compreender a genialidade do arranjo, da execução e virtuosidade, é primoroso e só entendendo esse padrão de fidelidade é que podemos justificar a nós mesmos o investimento em um fone de 3.300 dólares!

Os transientes podem perfeitamente ainda serem avaliados com precisão pela faixa 3, ainda do disco do Colaiuta, pois o andamento da bateria se contrapõe às cordas que estão em um andamento totalmente distinto dos metais. E se os transientes não forem corretíssimos, a música vira uma massaroca totalmente inaudível!

Quer um outro exemplo para avaliação de transientes? Ouça nesse mesmo disco, na sequência, a faixa 4.

A macrodinâmica do Liric é muito similar à do Elite, mas pelas minhas anotações com os exemplos usados para a nota desse quesito, a diferença é que no Liric o usuário terá que estar atento rigorosamente ao volume da gravação, sem nenhuma folga - o que no Elite ainda foi possível negociar.

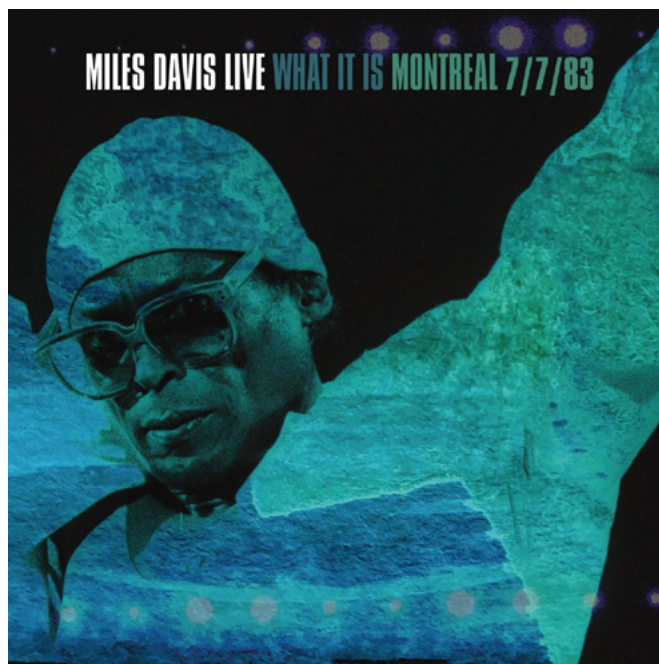
Mas nada que não nos faça adorar sua apresentação de fortísimos, nos volumes seguros.

A micro dinâmica é magnífica, e vou dar dois exemplos, de um mesmo disco, *What It Is: Montreal 7/7/83*, do Miles Davis. Vamos à faixa 5 e à faixa 8: repare em volumes corretos e seguros, o trabalho do percussionista todo o tempo principalmente no agudo.

Inúmeros fones, simplesmente, dependendo da quantidade de informação existente, mostram e somem com todo o trabalho feito pelo percussionista. Como se o som submergisse e depois voltasse à tona. O Liric, meu amigo, esteja ocorrendo o que for em primeiro plano, você não perderá nem o mais ínfimo detalhe do que o percussionista está a realizar.

Na faixa 8, para piorar a situação, o primeiro solo do saxofonista está muito alto, dificultando bastante toda microdinâmica, não só do percussionista como também do próprio Miles tocando teclado na cama harmônica que ele cria para os solistas brincarem. E depois, temos o primeiro solo do guitarrista dobrado com o saxofonista.

O Liric resolve isso com tamanha folga e graciosidade que, finalmente, entendemos onde está a 'fronteira' entre os ótimos fones e



◆◆◆ OUÇA WHAT IT IS: MONTREAL 7/7/83 - MILES DAVIS, NO TIDAL.

🎧 OUÇA WHAT IT IS: MONTREAL 7/7/83 - MILES DAVIS, NO SPOTIFY.

os excelentes! O Liric nos coloca no meio do acontecimento musical, seja uma gravação de estúdio ou uma sala de espetáculo, em que a ambiência foi perfeitamente captada!

Aqui não percebi nenhuma diferença da 'mágica' que o Elite faz tão bem. E com uma vantagem: o Liric custa muito mais barato que o Elite!

Definir sua musicalidade é semelhante ao ouvirmos a mesma música com dois intérpretes distintos, um está ainda iniciando sua jornada, e o outro se encontra no estágio de domínio total dessa arte. O Liric sempre irá lhe dar a versão mais completa, primorosa e fidedigna do que está a ouvir, mantendo como o Elite o grau de neutralidade necessário para não adicionar nada a mais do que foi planejado pelos músicos e pelo engenheiro de gravação.

CONCLUSÃO

O Liric se coloca tão mais próximo dos dois melhores fones da Meze, que arrisco dizer que eles criaram uma lacuna considerável a ser solucionada entre o 109 Pro e o Liric, e que espero que o departamento de marketing deles resolva em breve essa questão.

Com seu grau de refinamento e consistência de sua proposta em levar um passo adiante o padrão e assinatura sônica da Meze, o Liric ▶

é um fone que irá dar muito trabalho não só à concorrência, como ao próprio Elite.

Se todo fabricante de ponta tivesse esse problema, o mercado de fones hi-end estaria um patamar acima do atual, pois o que a Meze conseguiu com o Liric e o Elite, em termos de performance, é algo digno de ser comemorado por todos que desejam fones seguros, corretos tonalmente, e lindamente projetados!

Com esse grau de conforto auditivo e neutralidade, a concorrência que abra os olhos e entenda que fones corretos tonalmente, jamais precisam ser 'equalizados' para mostrar todo seu potencial!

Se você tem bala na agulha para um fone dessa magnitude, ouça-o!

PONTOS POSITIVOS

Um fone fechado que possui as melhores qualidades dessa topologia, e algumas só encontradas nos melhores fones abertos.

PONTOS NEGATIVOS

O preço.

ESPECIFICAÇÕES	Tipo de driver	Rinairo Isodynamic Hybrid Array MZ4
	Princípio de operação	Aberto
	Acoplamento aural	Circumaural
	Resposta de frequência	4 a 92.000 Hz
	Impedância	30 Ω
	SPL nominal	100 dB (1 mW / 1 kHz)
	SPL máximo	>130 dB
	Distorção Harmônica Total (THD)	<0.15%
	Peso do fone	390 g
	Formato do driver	Oval
	Tamanho do driver	92 x 63mm
	Peso do driver	71 g
	Tipo de diafragma	Rinairo Isoplanar MZ4
	Área ativa do diafragma	3507 mm²
	Peso do diafragma	0.08 g
Massa acústica	6.5 kg/m4	
Limites de resposta de frequência do driver	4 Hz / 92.000 Hz	

FONE DE OUVIDO MEZE LIRIC											
Conforto Auditivo	12,0										
Ergonomia / Construção	11,0										
Equilíbrio Tonal	12,0										
Textura	13,0										
Transientes	12,0										
Dinâmica	11,0										
Organicidade	12,0										
Musicalidade	13,0										
Total	96,0										
<table border="0"> <tr> <td>VOCAL</td> <td>████████████████████</td> </tr> <tr> <td>ROCK . POP</td> <td>████████████████████</td> </tr> <tr> <td>JAZZ . BLUES</td> <td>████████████████████</td> </tr> <tr> <td>MÚSICA DE CÂMARA</td> <td>████████████████████</td> </tr> <tr> <td>SINFÔNICA</td> <td>████████████████████</td> </tr> </table>		VOCAL	████████████████████	ROCK . POP	████████████████████	JAZZ . BLUES	████████████████████	MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████	SINFÔNICA	████████████████████
VOCAL	████████████████████										
ROCK . POP	████████████████████										
JAZZ . BLUES	████████████████████										
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████										
SINFÔNICA	████████████████████										

German Áudio
 comercial@germanaudio.com.br
 (+1) 619 2436615
 US\$ 3.290

ESTADO DA ARTE





Novo album
piano solo

NOTTURNO 2021

Edição especial

Faixas bônus, encarte em pdf e arquivos originais em 16/44 disponíveis para download exclusivo através do site.

andremehmari.com.br

Lançamento
Setembro 2021

“ Miraculosamente prolífico, André Mehmari tem praticamente um disco gravado para cada ano de vida. Cada um desses mais de 40 álbuns conta; é difícil escolher dentre as múltiplas facetas de um talento musical tão eclético, que não cessa de surpreender quando nos parece que ele já fez de tudo – e em todos os instrumentos possíveis, imagináveis e imaginários. Notturmo 20>21 destaca-se como um dos mais introspectivos de toda sua trajetória. Mehmari está só, ao piano, que o acompanha desde sempre. E compartilha conosco ideias musicais cristalizadas em noites de insônia dos sombrios tempos que nos assolam. Os tempos são de pesadelo; a música que deles brota, contudo, não é. Pelo contrário: é uma música que reafirma nosso direito de sonhar. “Música de sobrevivência”, na feliz expressão que ele toma emprestada de um de seus ídolos, Egberto Gismonti. Trata-se também de uma espécie de *Pequeno Livro de André Mehmari*, um bloco sonoro de notas em que, ao lado de suas composições, ele finalmente compartilha com o mundo referências do que costumava tocar e gravar em ocasiões íntimas, mas sem se decidir a trazer a público. “

Irineu Franco Perpétuo

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>



Estúdio Monteverdi

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO BEYERDYNAMIC DT880 PRO

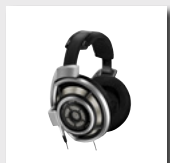
Edição: 167

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Playtech



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD800

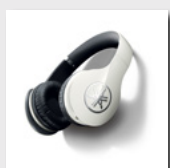
Edição: 175

Nota: 85

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO YAMAHA PRO500

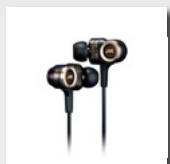
Edição: 190

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Yamaha



OURO REFERÊNCIA

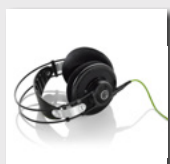


FONE DE OUVIDO JVC FX200

Edição: 192

Nota: Espaço Aberto

Importador/Distribuidor: JVC



FONE DE OUVIDO AKG QUINCY JONES Q701S

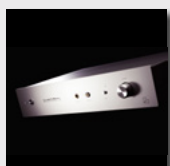
Edição: 193

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Harman Kardon



DIAMANTE REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO LUXMAN P-200

Edição: 194

Nota: Primeiras Impressões

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



ESTADO DA ARTE



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO LUXMAN DA-100

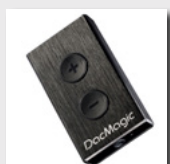
Edição: 200

Nota: 82

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



DIAMANTE REFERÊNCIA



DAC USB E PRÉ DE FONES DE OUVIDO DACMAGIC XS

Edição: 201

Nota: 70,5

Importador/Distribuidor: Mediagear



OURO REFERÊNCIA



MICROMEGA MYUSIC AUDIOPHILE HEADPHONE AMPLIFIER

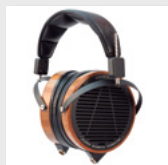
Edição: 202

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Logiplan



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD3

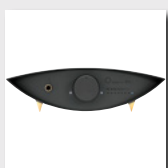
Edição: 204

Nota: 83

Importador/Distribuidor: Ferrari Technologies



ESTADO DA ARTE



DAC E PRÉ DE FONES DE OUVIDO KORG DS-DAC-100 - REPRODUZINDO DSD

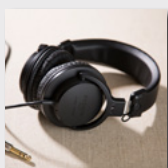
Edição: 205

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO PHONON SMB-02 DS-DAC EDITION

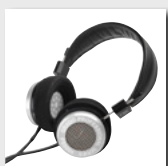
Edição: 206

Nota: 80

Importador/Distribuidor: Pride Music



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO GRADO PS500E

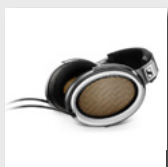
Edição: 210

Nota: 81,25

Importador/Distribuidor: Audiomagia



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HE 1

Edição: 240

Nota: 95

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



AMPLIFICADOR DE FONES DE OUVIDO SENNHEISER HDV 820

Edição: 244

Nota: 86

Importador/Distribuidor: Sennheiser



ESTADO DA ARTE



PS AUDIO STELLAR GAIN CELL DAC - COMO AMPLIFICADOR FONE DE OUVIDO

Edição: 247

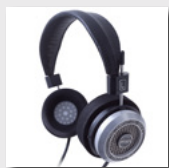
Nota: 85

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO GRADO SR325E

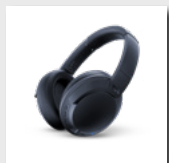
Edição: 258

Nota: 72

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO SONY WH-XB900N

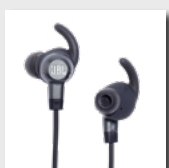
Edição: 258

Nota: 62 / 63

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



HEADPHONE JBL EVEREST ELITE 150NC

Edição: 260

Nota: 58

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR DE FONE DE OUVIDO QUAD PA-ONE+

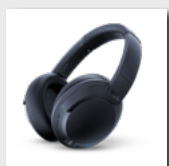
Edição: 260

Nota: 83

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO WIRELESS TCL ELIT400NC (VIA CABO P2)

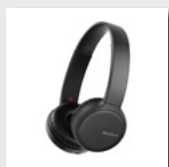
Edição: 260

Nota: 61

Importador/Distribuidor: TCL



PRATA REFERÊNCIA



HEADPHONE SONY WH-CH510

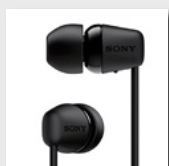
Edição: 261

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SONY WI-C200

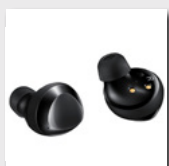
Edição: 262

Nota: 57

Importador/Distribuidor: Sony



PRATA REFERÊNCIA



SAMSUNG GALAXY BUDS+

Edição: 261

Nota: 44

Importador/Distribuidor: Samsung



BRONZE REFERÊNCIA



SONY WALKMAN NW-A45

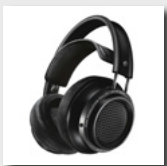
Edição: 262

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: Sony



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO PHILIPS FIDELIO X2HR

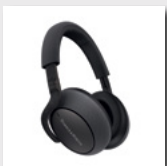
Edição: 263

Nota: 78

Importador/Distribuidor: Philips



DIAMANTE REFERÊNCIA



HEADPHONE BLUETOOTH COM CANCELAMENTO DE RUÍDO B&W PX7

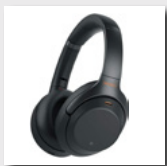
Edição: 264

Nota: 75,5

Importador/Distribuidor: Som Maior



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH SONY WH-1000 XM3

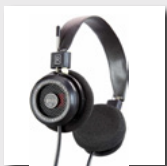
Edição: 265

Nota: 76

Importador/Distribuidor: Sony



DIAMANTE RECOMENDADO



GRADO LABS SR125e PRESTIGE

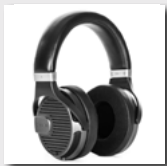
Edição: 266

Nota: 62,5

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO QUAD ERA-1

Edição: 267

Nota: 83,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO JBL LIVE 300TWS

Edição: 267

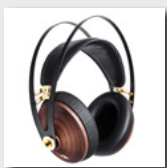
Nota: 56,0

Importador/Distribuidor: Harman



PRATA REFERÊNCIA

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO MEZE 99 CLASSICS

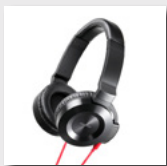
Edição: 268

Nota: 84,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONES DE OUVIDO ONKYO ES-FC300

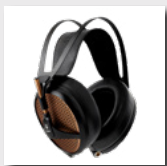
Edição: 268

Nota: 76,0

Importador/Distribuidor: Onkyo



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO MEZE EMPYREAN

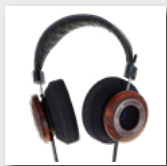
Edição: 269

Nota: 98,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO STATEMENT GS3000E

Edição: 271

Nota: 95,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO RELOOP RHP-30

Edição: 272

Nota: 58,5

Importador/Distribuidor: Alpha Áudio e Vídeo



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 660S

Edição: 273

Nota: 71,0

Importador/Distribuidor: Sennheiser



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH JBL CLUB PRO+ TWS

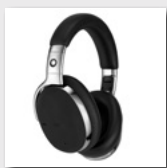
Edição: 274

Nota: 58,0

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO MONTBLANC MB 01

Edição: 275

Nota: 77,0

Importador/Distribuidor: Montblanc



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE GRADO PRESTIGE SERIES SR325X

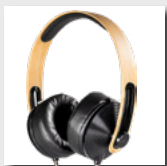
Edição: 276

Nota: 76,5

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO KUBA DISCO

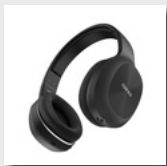
Edição: 277

Nota: 61,0

Importador/Distribuidor: Kuba



OURO RECOMENDADO



HEADPHONE EDIFIER W800BT PLUS

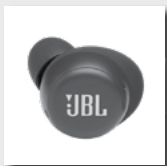
Edição: 278

Nota: 57,0

Importador/Distribuidor: Edifier



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO JBL LIVE FREE NC+ TWS

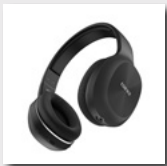
Edição: 279

Nota: 57,5

Importador/Distribuidor: JBL



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO BLUETOOTH EDIFIER X5

Edição: 280

Nota: 56,0

Importador/Distribuidor: Edifier



PRATA RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO STAX SR-009S & AMPLIFICADOR SRM-700T

Edição: 281

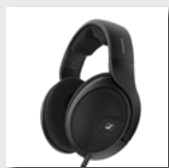
Nota: 95,0

Importador/Distribuidor: Edifier



ESTADO DA ARTE

RELAÇÃO DE FONES/DACS PUBLICADOS



FONE DE OUVIDO SENNHEISER HD 560S

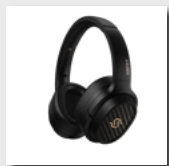
Edição: 282

Nota: 69,0

Importador/Distribuidor: Sennheiser



OURO REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO STAX SPIRIT S3 GTM DA EDIFIER

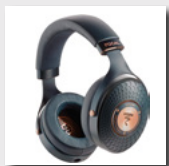
Edição: 283

Nota: 75,0

Importador/Distribuidor: Edifier



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO FOCAL CELESTEE

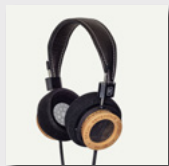
Edição: 284

Nota: 81,5

Importador/Distribuidor: Audiogene



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO RS2X

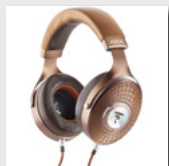
Edição: 285

Nota: 79,5

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



DIAMANTE REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO FOCAL STELLIA

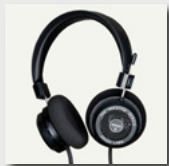
Edição: 286

Nota: 91,0

Importador/Distribuidor: Audiogene



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO GRADO LABS PRESTIGE SERIES SR60X

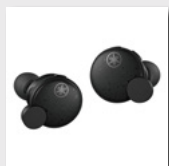
Edição: 287

Nota: 60,0

Importador/Distribuidor: KW Hi-Fi



PRATA REFERÊNCIA



FONE DE OUVIDO YAMAHA TW-E7B

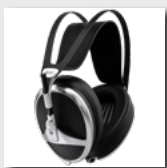
Edição: 288

Nota: 61,0

Importador/Distribuidor: YAMAHA



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO MEZE AUDIO ELITE

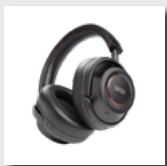
Edição: 289

Nota: 99,0

Importador/Distribuidor: German Audio



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO MARK LEVINSON N° 5909

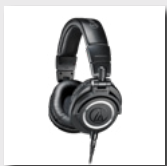
Edição: 290

Nota: 90,0

Importador/Distribuidor: Mediagear



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO AUDIO-TECHNICA ATH-M50XB2

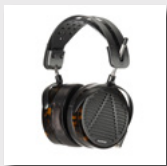
Edição: 291

Nota: 93,0

Importador/Distribuidor: Karimex



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO AUDEZE LCD-5

Edição: 293

Nota: 95,0

Importador/Distribuidor: Visom Digital



ESTADO DA ARTE



FONE DE OUVIDO EDIFIER WH950NB

Edição: 294

Nota: 75,0

Importador/Distribuidor: Edifier



DIAMANTE RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO EDIFIER X3S

Edição: 295

Nota: 66,0

Importador/Distribuidor: Edifier



OURO RECOMENDADO



FONE DE OUVIDO MEZE 109 PRO

Edição: 296

Nota: 90,0

Importador/Distribuidor: German Áudio



ESTADO DA ARTE



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Sunrise Lab V8 Anniversary Edition - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.287
Krell 300i - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.286
Nagra Classic INT - 99 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.260
Gold Note IS-1000 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.276
Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.257
Nagra Classic Preamp (com a fonte PSU) - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.239
Nagra Classic Preamp - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.261
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Nagra HD Amp Mono - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.283
CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Logical Design - Ed.200
CH Precision A1.5 - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.263

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Nagra Classic Phono (com a fonte PSU) - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
CH Precision P1 - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.266
Nagra Classic Phono - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
Gold Note PH-1000 - 109 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.278
Rega Aura - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.291

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

Nagra DAC X - 111 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.264
Nagra Rossini apex DAC - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.290
dCS Bartók Apex - 107 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.295
MSB Reference DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.286
Nagra Tube DAC - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.262

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Bergmann Modi com Braço Thor - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.292
Origin Live Sovereign MK4 - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Timeless Audio - Ed.273
Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
SME Synergy - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.291

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

ZYX Ultimate Astro G - 115 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 288
ZYX Ultimate Omega Gold - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - KW Hi-Fi - Ed. 278
Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
Hana Umami Red - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.273
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.202

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Estelon X Diamond MKII - 110 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.284
Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.256
Estelon XB Diamond MKII - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.279
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Dynaudique Audio Apex - 112 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.267
Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.240
Feel Different FDIII - Série 3 - 100 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Feel Different - Ed.265

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynaudique Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sax Soul - Ed.251
Dynaudique Audio Zenith 2 XLR - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - German Audio - Ed.263
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte Superlativo) - Sunrise Lab - Ed.244



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer “pequeno” quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de “estar lá”. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FPDVXDSQOF0](https://www.youtube.com/watch?v=FPDVXDSQOF0)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZOYFDJSCZFG](https://www.youtube.com/watch?v=ZOYFDJSCZFG)



AMPLIFICADOR DE POTÊNCIA MARK LEVINSON N°5302

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Faz tempo que estávamos na fila para testar a nova série 5000 da Mark Levinson, lançada em 2020 no meio da pandemia, constituída do novo amplificador N°5302, do pré-amplificador N°5206, do streaming N°5101 e do toca-discos N°5101.

Nesse primeiro momento, recebemos o amplificador e o pré - e pelo alto nível de performance de ambos, resolvemos separar os testes. Nossa avaliação do pré será publicada na edição de setembro de 2023.

Segundo Jim Garrett, diretor sênior de estratégia e planejamento de produtos da Harman Luxury Audio, o novo 5302 é um amplificador fenomenal que possui o DNA da Mark Levinson levado ao extremo, com a capacidade de acionar praticamente qualquer falante, seja no modo estéreo ou mono.

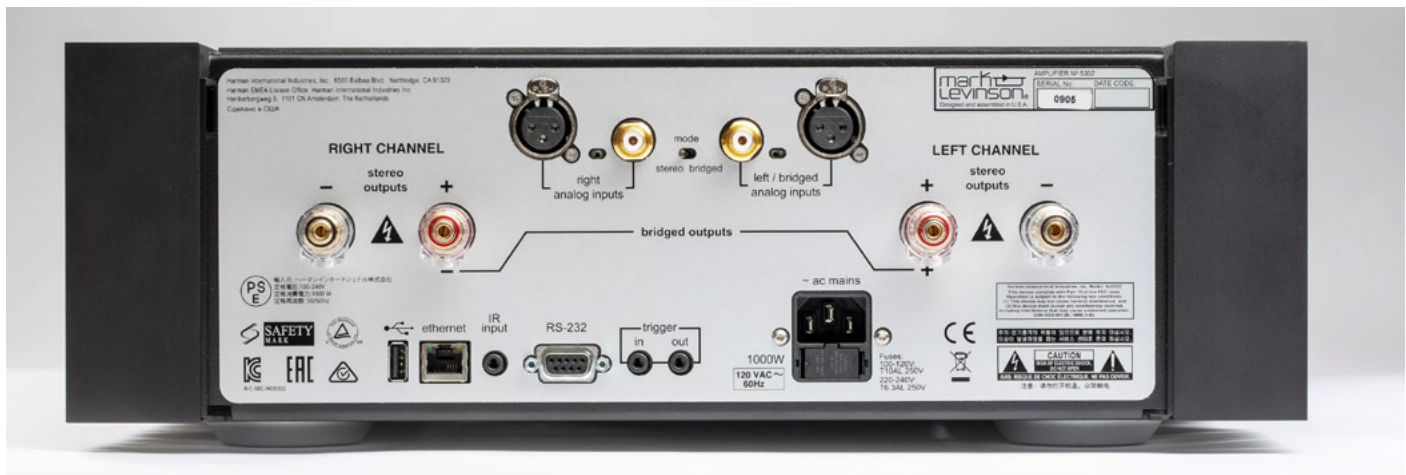
Segundo o fabricante, para se atingir esse nível de versatilidade e desempenho, os canais de classe AB são totalmente discretos, e utilizam um transformador toroidal de 1100 VA superdimensionado,

com enrolamentos secundários individuais para os canais esquerdo e direito.

Seu estágio de ganho de tensão emprega topologia similar do amplificador top de linha, o modelo N°534 que, como este, possui um estágio de saída composto por dois transistores de driver de alta velocidade, operando em classe A, e seis transistores de saída de 260V, 15 Ampères. Dois dispositivos Thermal Trak em uma configuração exclusiva, garantem uma saída estável, independentemente da carga ou temperatura.

Utiliza quatro capacitores de 10.000 microfarades por canal, localizados diretamente na placa de circuito de estágio de saída, fornecendo corrente suficiente para 135 Watts por canal em 8 ohms, 270 Watts em 4 ohms e 550 Watts em mono ou ponte.

Utiliza conectores de entrada XLR ou RCA, e para integração com outros produtos Mark Levinson: entrada IR, e entrada e saída de gatilho 12V.



O acabamento segue o padrão Mark Levinson em todos os detalhes, como: uma frente maciça de 1 centímetro de espessura, jateada com esferas de vidro no painel central anodizado em preto, com as alças de alumínio anodizado em cinza. Nas laterais do gabinete temos as aletas de resfriamento que se fundem perfeitamente com as linhas de todo o design.

Aceso, o painel segue o padrão de cor vermelha com um aro ao centro do painel, que fica levemente piscando quando em standby. São 31 kg, e não aconselho ninguém a desembalá-lo sem ajuda.

Agora, se você for daqueles audiófilos que são extremamente ansiosos e loucos para ver e escutar seu novo 'brinquedo', tire-o da caixa pelas alças, para não correr nenhum risco.

Para o processo de amaciamento, ligamos o power e o pré, já que ambos vieram lacrados. E à medida que fomos escutando sua evolução, percebemos que poderíamos perfeitamente misturá-los com outros equipamentos, para poder sentir seu nível máximo de performance.

Mas a nota final será a média dos dois prés que melhor casaram com o Nº5302, OK? Usamos os seguintes prés: Mark Levinson Nº5206 (leia teste na edição de setembro), pré-amplificador P1F E power A2700 Elipson (leia teste na edição de junho), e o Classic Preamp da Nagra. Sempre com cabo de interligação XLR QED Reference (já que nenhum leitor se interessou em comprar esse excelente cabo que coloquei a venda por um valor irrisório pela sua performance, voltei a utilizá-lo nos nossos testes), e o Dynamic Audio Apex. Fontes analógicas: toca-discos Pro-Ject X8 (leia Teste 2 nesta edição), Bergmann Modi e Origin Live Sovereign Mk4. Pré de phono Gold Note PH-1000. Fonte digital e streamer: Innuos ZENmini Mk3, Transporte Nagra, DAC dCS Bartok Apex, e Nagra TUBE DAC. Caixas acústicas: Harbeth 30.2 XD (leia Teste 3 nesta edição), Audiovector QR 5, Boenicke W5 e Estelon X Diamond Mk2.

A primeira dica é para todo ansioso: se quiser desfrutar da performance desse power, vai ter que aprender a controlar sua ansiedade. Pois ele necessita de pelo menos 180 horas de amaciamento. Ou seja, de 20 a 30 dias para saber o nível de performance desse belo amplificador.

Belo na aparência, belo na construção, belo no silêncio de fundo e belo quando ligado a um sistema no mesmo nível. Claro que o power junto com seu pré, é a escolha mais óbvia a se fazer.

Porém, a realidade sempre pode ser bem distinta do ideal, e o audiófilo estar apenas buscando naquele momento um upgrade em seu power. Aí entra o nosso trabalho em descobrir o grau de compatibilidade dele com outros prés.

E com 200 horas de amaciamento, separamos os Mark Levinsons e os colocamos para trabalhar com o pré da Elipson e da Nagra, e no caso do pré da Mark Levinson: com o power da Elipson, com o power da Gold Note P-10 e com os monoblocos Nagra HD.

O power Mark Levinson possui excelente compatibilidade, o que só lhe acrescenta pontos adicionais quanto a esse quesito. E o que mais nos surpreendeu foi o quanto ele se sentiu confortável com prés tão distintos como o Elipson e o Nagra.

O mesmo nos surpreendeu quanto às quatro caixas utilizadas no teste, no qual o Mark Levinson as conduziu com enorme autoridade e precisão.

OK que nenhuma das caixas eram obstáculos intensos, mas a Estelon é bastante exigente com seus pares, e o Mark Levinson não teve a menor dificuldade em a dirigir.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, com graves perfeitamente bem definidos, articulados, velozes e com enorme energia. Ouvir solos de contrabaixo no 5302 é um deleite, assim como bumbos, tímpanos e órgão de tubo. Não há restrições ao seu grau de ►

Se o seu sonho é ter um sistema hi-end personalizado e único, fale conosco.



@WCJRDESIGN



Somos a única empresa de audio hi-end totalmente verticalizada. E agora também, com oficina técnica para produtos hi-end.



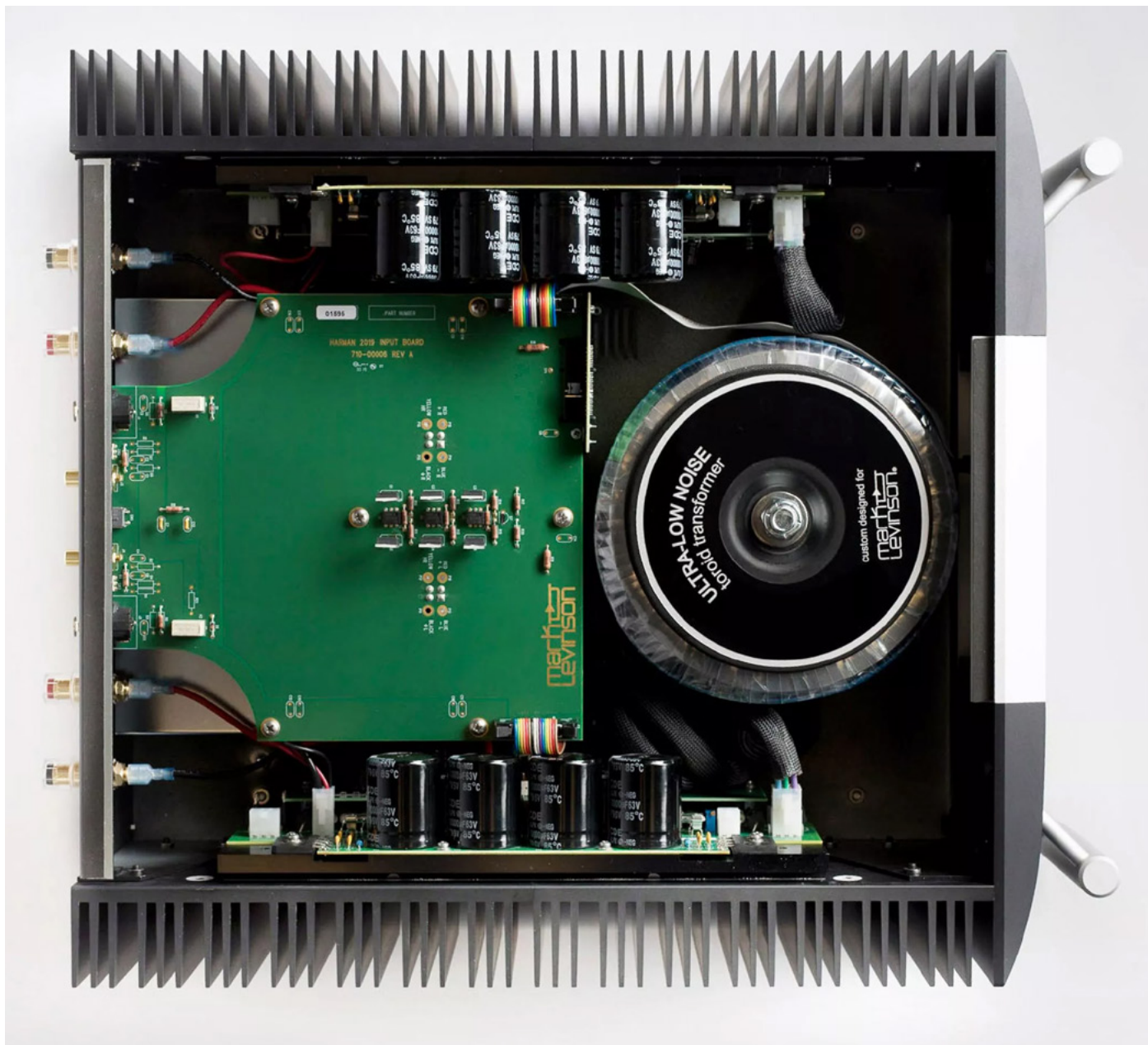
Atendemos a todo o território nacional.



**Alstech Valvulados
e Transformadores**
CANAL DO YOUTUBE

Eng. André Luiz de Lima Parreira Rodrigues
Rua Rio Branco 273, Sala 93 Centro Lins SP
16400-085
andrelimarodrigues@gmail.com
(14) 99134-0330
<https://alstechvalvulados.blogspot.com/>





deslocamento de ar, se a caixa o acompanhar. Para os amantes de música com instrumentos eletrônicos, será muito prazeroso entregar essas gravações para ele.

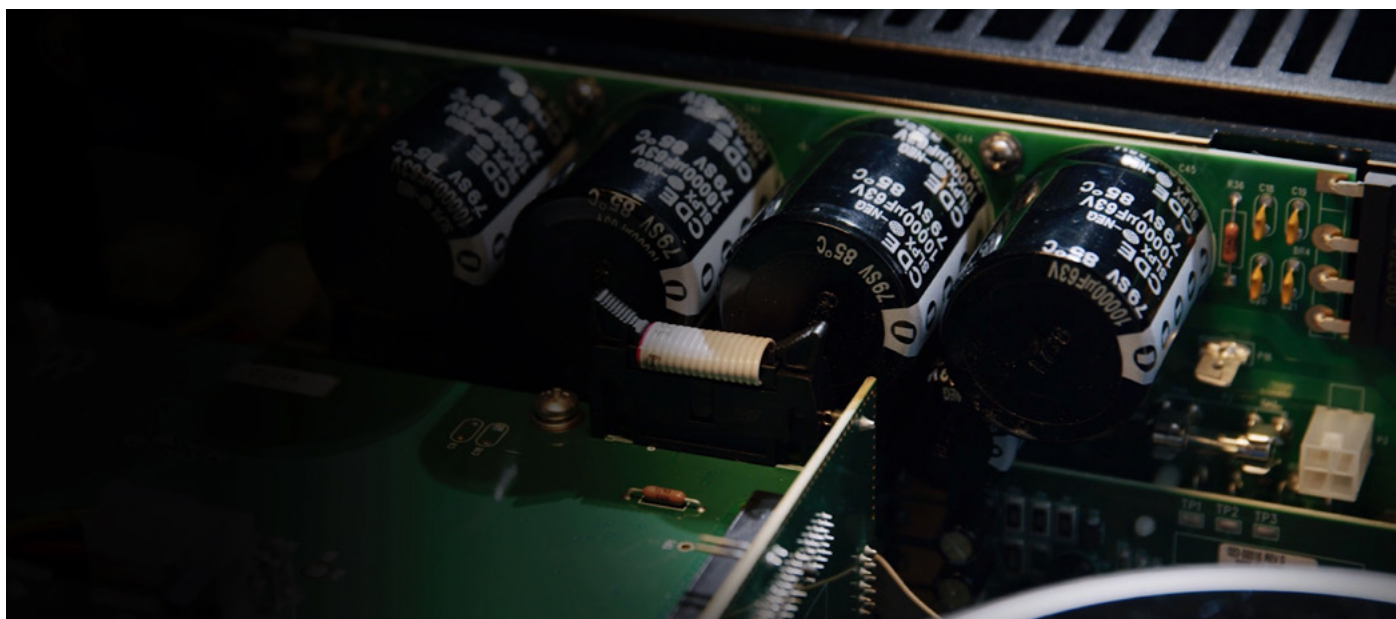
A região média, a princípio (antes das 200 horas), parecia que tenderia a soar mais para o 'ultra realista' do que o normal, porém se tratou apenas de falta de queima, e o médio-grave encaixar corretamente e abrir, e ampliar a resposta de corpo harmônico.

Quando tudo foi para o lugar, os médios mantiveram uma incrível precisão na apresentação de microdinâmica, mas não se tornando o protagonista do evento musical.

“Exemplos, Andrette, compartilhe exemplos!!!!!!”

OK! Quer saber se a microdinâmica está ocupando mais espaço do que deveria? Ouça instrumentos que estejam soando na região de 800 a 5000 Hz, como várias percussões, sopros de madeira, em que no meio do acontecimento musical aparece uma ou duas notas, ou coral de apoio. E se quando esses elementos entram, eles tomam o lugar do tema e tiram sua atenção do todo, a região média está 'hiper realista' e alterando o equilíbrio tonal nesta região.

É comum isso ocorrer? Em sistemas em que a eletrônica quer ser mais 'real' que a realidade, sim. E isso muitas vezes é feito de ►



forma consciente pelo projetista, pois ele quer que sua eletrônica tenha esse diferencial. Um dos truques utilizados é baixar o máximo possível o ruído de fundo para que essa microdinâmica se torne mais audível.

O problema é que se paga um preço por essa escolha.

Qual?

Fadiga auditiva! Pois cada vez que você desconcentrar do todo para ouvir um detalhe que te chamou a atenção, sua desconcentração vai sendo acumulada.

Escolhas, meu amigo, sempre escolhas!

Confesso que até as duzentas horas, temi que o power da Mark Levinson tivesse essa característica, mas foi apenas falta de amaciamento.

Isso me lembra duas coisas: os que não acreditam em queima de equipamentos e os que encham o peito para dizer que todos os amplificadores de estado sólido bem construídos soam iguais!

Fico me questionando se essas pessoas realmente acham que têm capacidade auditiva para avaliar produtos? Pois quando cito esse exemplo da mudança que foi a região média depois de 200 horas de queima, se torna impossível defender que eletrônica não precisa de burn-in.

Pois as diferenças são todas audíveis!

E à legião que defende que bons powers bem construídos soam todos iguais, minha única resposta é: passem 27 anos testando uma centena de powers e integrados, e descobrirão que isso é uma falácia!

Os agudos antes das 200 horas soam duros e engessados. O que certamente coloca aquela dúvida na mente do audiófilo inseguro: “será que esse agudo irá melhorar”? Irá sim, meu amigo, e muito! Ganhará uma enorme extensão, decaimento correto, corpo, velocidade e perderá todo o brilho excessivo das primeiras 200 horas!

O soundstage desse Mark Levinson é excelente, com planos extremamente bem focados, recortados e 3D.

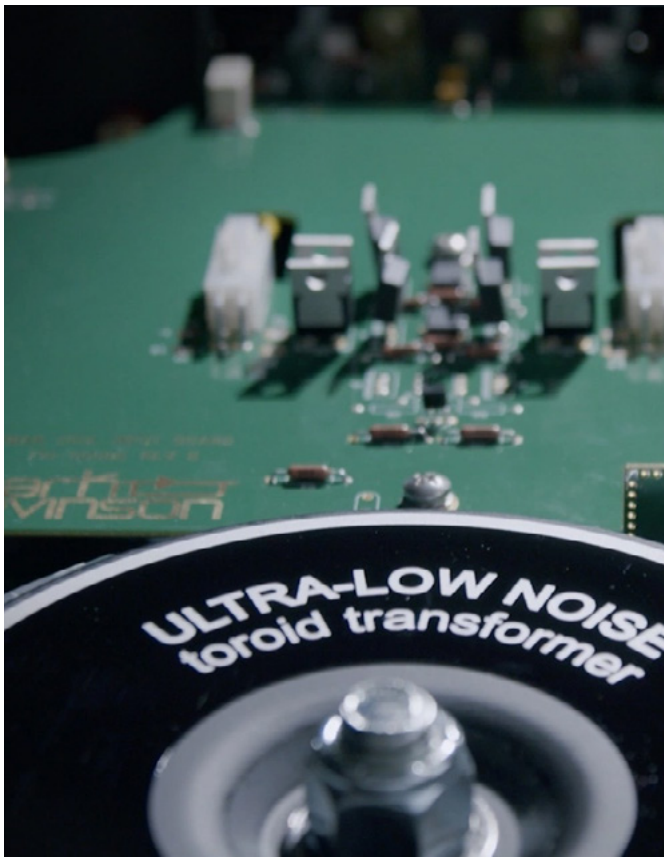
Casado com o Nagra Classic Preamp, que é um pré à válvula, o palco ficou absolutamente divino e com um 3D muito próximo ao que ouço nos powers Nagra HD! O que é um mérito e tanto, devido à diferença de preço entre ambos.

O foco, assim como a recriação de ambiência e o arejamento em volta dos instrumentos solo e vozes, é nível referencial dos melhores entre os top!

As texturas são fáceis de acompanhar, observar a qualidade dos instrumentos, a técnica do músico e suas intencionalidades, com esforço zero.

Seu cérebro se rende e segue apenas o rastro da música à sua frente.

Os transientes foram um dos quesitos que mais me chamaram a atenção, mas quando o power está ligado ao seu par de natureza (o pré também da Mark Levinson), a faixa 3 do disco I Ching do grupo UAKTI ficou simplesmente magistral em termos de tempo e precisão nesse conjunto da Mark Levinson. Diria que, aos apaixonados por rock e blues, o ideal é não separar essa dupla. Eles conseguem nos convidar a dançar, e aos mais tímidos a baterem os pés sem perceber.



O fabricante não mentiu quando disse que o power está pronto para todo desafio. Sua reprodução de macrodinâmica é exemplar, e pode colocar um ponto final na questão de que 135 Watts em 8 ohms seja muito pouco para determinados gêneros musicais. A questão, como sempre lembramos, não é a quantidade mas sim a Qualidade desses Watts!

Nem à Abertura 1812 de Tchaikovsky, nos famosos tiros de canhão, o Mark Levinson se curvou. É assustador, meu amigo, ouvir e ver o que o woofer precisa fazer para reproduzir esses tiros e com que autoridade o Mark Levinson imprime as caixas nesse desafio!

A micro, como já escrevi, depois de todo o processo de amaciamento, voltou para o seu devido lugar em um sistema realmente hi-end, e tudo que foi captado e não sofreu perda no processo final, estará lá.

O corpo harmônico é de uma fidelidade só presente nos melhores powers da atualidade, e a materialização do acontecimento musical à nossa frente, idem!

Muitos leitores me perguntam qual a diferença no quesito organicidade, de trazer o acontecimento musical para o nosso quarto, e de ser transportado para o local do acontecimento musical? Essa resposta darei em breve no Opinião, quando tratar especificamente da organicidade.

Mas o leitor que possui uma sala acusticamente tratada, com dimensões acima de 30 metros quadrados e um setup bem ajustado Estado da Arte, certamente já experienciou as duas possibilidades.

O que estou querendo dizer com isso?

É que a segunda hipótese, de você ser transportado para o local do acontecimento musical, só ocorre se todas as etapas da busca pelo melhor ajuste foram realizadas. Do contrário, o máximo que conseguimos é: nas excelentes gravações, em um sistema de bom nível e bem ajustado, materializar o acontecimento musical em nossa frente.

A questão então é: qual das opções é mais impressionante?

Essa resposta darei em detalhes, quando falar a respeito de Organicidade, no Opinião.

O que importa é que esse power da Mark Levinson faz bem a lição de casa, e colocou o tenor José Cura, do disco *Anhelo*, materializado a dois metros à minha frente, em pé com a orquestra toda em arco à sua volta! O que, para sua faixa de preço, é digno de aplausos!

CONCLUSÃO

Lá fora, este power custa 9000 dólares e concorre com uma legião de powers de marcas famosas e estabelecidas também há décadas no mercado.

Eu diria que seu grande diferencial é que ele custa, em média, apenas 2 a 3 mil dólares mais caro que powers da Bryston, Parasound, Legacy, etc, e 5 mil dólares a menos que powers também famosos lá fora. E esse é seu grande diferencial. Pois está muito acima em termos de performance que os powers até 6 mil dólares, e muito próximos dos melhores powers até 16 mil dólares!

Ou seja: é um senhor 'best buy' em todos os aspectos que se avalie, sejam eles explicitamente racionais ou de algum componente emocional como paixão pela história da marca, design, etc.

Diria que, com essas qualidades todas, ele está nadando de bragaça em um mar calmo em que ele dita as regras.

Se você busca para o seu sistema um power com um histórico como empresa desse nível, e uma performance tão alta que o 'desloca' da concorrência abaixo e acima, você precisa ouvi-lo com total interesse.

Foi uma das grandes surpresas do ano até esse momento! ■

QUANDO O ÁUDIO DOMÉSTICO SURTIU, NÓS FOMOS PROTAGONISTAS

 WHARFEDALE

 DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

Estamos completando 90 anos. E escrevemos com letras 'maiúsculas' a evolução dos falantes neste quase um século de existência. Graças a Gilbert Briggs e sua paixão pela tecnologia e pela música (já que era um pianista talentoso), seus dois primeiros projetos de alto falantes ganharam o prêmio de inovação tecnológica no Radio Society, o maior prêmio para jovens talentos da Inglaterra na década de 30. Na década de 40 a Wharfedale deu mais um passo significativo ao desenvolver as primeiras caixas de som bidirecional o que chamou a atenção do projetista Peter Walker fundador da Quad e nasceu daí uma grande parceria entre as duas empresas.

E nas décadas seguintes a Wharfedale passou a ser reconhecida no mercado como a indústria que liderava o desenvolvimento e aprimoramento de técnicas industriais como o uso de plásticos modernos para o aprimoramento da matéria prima utilizada no vinil, e técnicas de análise de laboratório para o aprimoramento de alto falantes como: Sonda Scanner Laser (SCALP) e Frequency Slice PLOT (FRESP).

No início dos anos 80 a Wharfedale lançou sua linha Diamond que ainda hoje em produção, se tornou a caixa bookshelf mais vendida da história do áudio. E por anos seguintes foi escolhida pelas mídias especializadas como as caixas compactas de melhor som até 200 libras! Podemos afirmar que estamos prontos para completar um século de vida, conhecendo como poucos o que o consumidor espera e deseja para apreciar com a maior qualidade possível sua música. Foi assim que criamos nossa reputação: oferecer ao consumidor a melhor relação custo e performance do mercado!

Se é isso que você procura, em seus futuros upgrades de caixas acústicas, ouça qualquer uma de nossas séries e veja a que mais se adequa às suas necessidades.



@WCJRDESIGN

ELYSIAN 4



LINTON HERITAGE



EVO 4.1



DIAMOND 12.2

KW
Hi-Fi

FERNANDO@KWHIFI.COM.BR

WWW.KWHIFI.COM.BR



KW HI-FI



@KWHIFI



KW HI-FI



(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

DISTRIBUTOR.KWHIFI.COM.BR/

PONTOS POSITIVOS

Um power de alto nível em todos os critérios hi-end.

PONTOS NEGATIVOS

Nenhum na sua faixa de preço.

MODO ESTÉREO

Potência de saída	<ul style="list-style-type: none"> • 135W / canal, 8Ω • 270W / canal, 4Ω
Ganho	25.8dB
Sensibilidade de entrada	145mV RMS
Distorção Harmônica Total (THD)	<p><0.04% em 1kHz (135W, 8Ω)</p> <p><0.35% em 20kHz (135W, 8Ω)</p>
Relação sinal/ruído	>102dB (20Hz a 20kHz, 135W/8Ω)
Conexões de controle	<ul style="list-style-type: none"> • 1 RS-232 (DB-9) • 1 Ethernet (RJ-45) • 1 USB (firmware update USB-A) • 1 entrada IR (1/8"/3.5mm phone jack) • 1 entrada 12V DC trigger • 1 saída 12V DC trigger input
Consumo	<ul style="list-style-type: none"> • Máximo: 1000W • Ocioso (estéreo): 90W • Ocioso (modo bridge): 70W • Stand-by: 35W • Stand-by modo econômico: 2W
Dimensões (L x A x P)	438 x 145 x 457 mm
Peso (somente equipamento)	31.7kg
Dimensões (L x A x P)	616 x 346 x 737 mm
Peso (embalado)	38.5kg

MODO MONAURAL (EM BRIDGE)

Potência de saída	<ul style="list-style-type: none"> • 275W, 8Ω • 550W, 4Ω
Ganho	31.8dB
Sensibilidade de entrada	73mV RMS

Distorção Harmônica Total (THD)	<p><0.04% (1kHz, 275W, 8Ω)</p> <p><0.3% (20kHz, 275W, 8Ω)</p>
---------------------------------	---

Relação sinal/ruído	>105dB (20Hz to 20kHz, 275W/8Ω)
---------------------	---------------------------------

GERAL

Resposta de frequência	<p>20Hz a 20kHz (+0/-0.35dB)</p> <p><2Hz a 80kHz (+0/-3dB)</p>
------------------------	---

Impedância de entrada	<ul style="list-style-type: none"> • Balanceada (XLR): 100kΩ • RCA: 50kΩ
-----------------------	--

Entradas	<ul style="list-style-type: none"> • 1 par balanceada XLR (linha) • 1 par single-ended RCA (linha)
----------	--

Saídas	2 pares de bornes multi-way de alta corrente
--------	--

ESPECIFICAÇÕES**AMPLIFICADOR DE POTÊNCIA MARK LEVINSON Nº5302**

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	13,0
Textura	12,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	12,0
Total	100,0

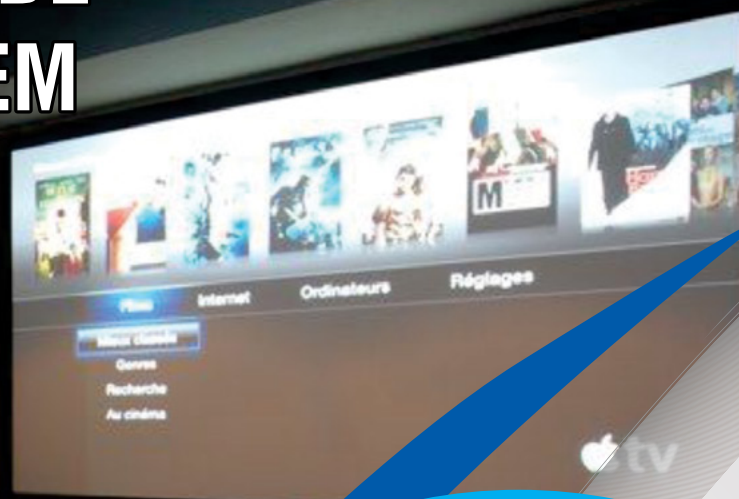
VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

Mediagear
 contato@mediagear.com.br
 (16) 3621.7699
 R\$ 126.000

ESTADO DA ARTE
 SUPERLATIVO



A SEGURANÇA DE SEU SISTEMA EM SUAS MÃOS.



ACF 1800

Dedicado a automação residencial

Através da sua porta de comunicação RS 232 é possível fazer remotamente leituras de parâmetros da rede elétrica, ligar ou desligar equipamentos, ativar função antitravamento de rede com temporização para reinício seguro, configuração individual de funções, controle luminosidade, brilho, entre outras.

Com potência de 1800 W, possui tomada USB e seus circuitos de proteção e filtragem controlados por processadores de última geração garantem energia controlada e ganhos no áudio e no vídeo.

UPS AI
sistemas de Energia

📱 @upsai.oficial

www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br | 11 2606.4100

TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WR1UT3_VISE](https://www.youtube.com/watch?v=WR1UT3_VISE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UNOHEHHLI8W](https://www.youtube.com/watch?v=UNOHEHHLI8W)



TOCA-DISCOS PRO-JECT X8



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Eu não testava um toca-discos deste fabricante austríaco faz mais de uma década, com certeza.

Então, quando o distribuidor no Brasil me ofereceu a oportunidade de ouvir o novo X8, lançado ano passado, aceitei de imediato.

O fato de não testar, não significa que não acompanhe os passos e os reviews lançados lá fora. E de uma empresa que por longo tempo foi mais conhecida pelo lançamento de toca-discos de entrada e, aos poucos, foi ampliando seu leque de atuação com toca-discos mais sofisticados, e que a partir do modelo Xtension 9 ampliou seu público e ganhou espaço no segmento mais acima, foi o que me levou a ficar mais atento com seus novos lançamentos da linha X.

O primeiro grande diferencial do X8 é seu braço rígido de carbono, Evo, de 9 polegadas, sendo uma evolução dos braços desse

fabricante de carbono com alumínio. É feito em uma peça única com rolamentos de esfera ABEC7 em um berço de rolamento pesado em formato de C. Tanto o azimute como o VTA são ajustáveis.

A cápsula escolhida pelo fabricante, incluída no pacote, foi a excelente Ortofon Quintet Blue, MC de baixa saída. O que foi uma surpresa, sinalizando ao consumidor que o X8 é para ser instalado, ajustado e esquecer de upgrades futuros!

O X8 surpreende em todos os detalhes como uma base de MDF em acabamento nogueira, preto, branco ou laca de piano (o modelo que nos foi enviado para teste), e um prato de mais de 5 kg de liga usinado, com 3 cm de espessura. O rolamento principal invertido usa uma esfera de cerâmica com suporte magnético, para um funcionamento suave e para evitar um maior desgaste do rolamento em seu ponto de contato.

Segundo o fabricante, essa fricção é extremamente baixa, possibilitando o prato girar por até 4 minutos sem a correia.

O motor escolhido é eletronicamente acionado, e utiliza uma pequena fonte de 15V. O fabricante explica que, pelo peso do prato, a velocidade leva até 5 segundos para ser totalmente estabilizada, e daí ela é totalmente estável. O motor é incrivelmente silencioso.

E, para fechar o pacote, o X8 vem com uma excelente tampa protetora de acrílico.

Para a instalação, mais uma vez contei com o colaborador André Maltese, que não só ajustou minuciosamente o X8, como didaticamente foi me apresentando os cuidados que se deve ter para extrair desse toca-disco todo seu potencial. E se você não tiver o ferramental para o ajuste, e prática em instalação, você terá dificuldades para extrair o último sumo desse toca-discos!

Para o teste, utilizamos os seguintes prês de phono: Gold Note PH-10 e PH-1000, e o Cambridge Audio Alva Duo. Integrados: Gold Note IS-1000, pré e power Elipson, e nosso Sistema de Referência para o fechamento de nota.

Até pensei no primeiro momento em usar outras cápsulas, para observar o casamento do braço EVO com elas, mas como o 'pacote' vem fechado, achei que não valeria a pena. Pois o casamento da Ortofon com o braço EVO é de alto nível!

Como escrevi acima: é instalar, ajustar, ver se o pré de phono está à altura do X8, e esquecer de upgrades futuros. Pois a performance é realmente de alto nível, com uma relação custo/performance muito boa!

Eu bato na tecla apenas que será importante o pré de phono estar no mesmo nível. Pois se com o Alva Duo tudo pareceu correto, o X8 cresceu exponencialmente com o PH-10, mostrando ser o conjunto mais adequado para esse toca-discos.

Então, amigo leitor, a nota final foi com o PH-10, ok?

A Quintet Blue da Ortofon é uma cápsula bastante exigente com os braços, pois se a colocar em um braço unipivô de muito baixa massa, os graves podem soar ociosos e magros. Ache o braço certo e os graves terão corpo, peso e velocidade. Acho que os engenheiros da Pro-Ject foram muito felizes na escolha dessa Ortofon para o braço EVO. Pois é audível o quanto esse casamento favoreceu o equilíbrio tonal do setup.

A Quintet sempre foi aberta o suficiente na região média, sem nunca parecer excessivamente transparente ou cansativa, e os agudos ainda que não tenham a última palavra em extensão, possuem arejamento e decaimento corretos. Nesse casamento cápsula / braço, o que predomina é um alto grau de versatilidade e convencimento de se estar fazendo o melhor em qualquer gênero musical.

Isso é essencial em toca-discos na faixa de preço do X8, pois quem investe esse valor, não deseja mais ter restrições no que escuta.

Investe a mais, justamente para poder desfrutar de audições que traduzam de maneira eficaz as qualidades do analógico!

O soundstage é preciso em termos de foco, recorte e planos. Ainda que falte aquele arejamento final em termos de largura e profundidade, que nos fazem lembrar o quanto o analógico sempre foi muito bom em nos apresentar palcos sonoros tão realistas.





O interessante é que, para levantar essa 'lebre' da largura e profundidade, você precisa ouvir setups analógicos mais sofisticados, caso contrário, você nem perceberá. E se for comparar com as mídias digitais, você achará que no analógico não falta nada.

As texturas são outro ponto alto da Quintet Blue com o braço EVO. Lindas as apresentações em detalhes de cada voz, suas paletas de cores e nuances. É possível passar dias ouvindo as mesmas gravações, dissecando detalhes de intencionalidade, fraseados intrincados, sem perder o interesse pelo todo.

Assim como ouvir os transientes dessa cápsula, e sua facilidade em nos marcar o ritmo e andamento de cada compasso.

Claro que não é apenas mérito da cápsula essas virtudes. Não podemos esquecer que no analógico o que temos é a soma das partes, e se essas não estiverem perfeitamente 'azeitadas', a 'magia' não ocorre!

A dinâmica é como todo bom analógico, parte 'nobre' dessa topologia. Quando colocamos o X8 ligado no PH-10, a macrodinâmica cresceu muito. O primeiro disco que ouvi nessa configuração foi justamente a *Sinfonia Fantástica* de Berlioz, do selo Reference Recordings, uma gravação estupenda para avaliar variação dinâmica, e o X8 se sentiu à vontade, sem nenhum resquício de compressão ou frontalização nos fortíssimos. A micro é excelente, sem se sobrepor ou ter mais evidência que o acontecimento principal.

Impossível falar de algum problema com a reprodução do corpo harmônico com esse setup. É preciso mostrar aos que nunca ouviram um bom setup analógico, a beleza da reprodução dos instrumentos como piano, contrabaixo, órgão de tubo, quando foram bem captados e seu tamanho for 'real'. Já convenci muito jovem que relutava em acreditar nas virtudes do analógico, mostrando o tamanho dos instrumentos no digital e depois reproduzindo o mesmo disco no analógico.

O acontecimento musical sempre esteve presente e materializado em nossa sala, com esse setup. Mas uma gravação soou surpreendentemente materializada: Armstrong e Ella, no disco do Cole Porter.

Uau!

Que audição inesquecível!

CONCLUSÃO

Falar em gastar 30 mil reais em um setup analógico, pode parecer uma afronta nos dias de hoje, quando muitos sonham em montar seu sistema completo com esse valor. Porém temos realidades e realidades. Distintas, sempre.

E muitos leitores me pedem upgrades finais de toca-discos completos nessa faixa de preço. Por isso mesmo eu tive o interesse de avaliar esse novo Pro-Ject, pois ele se encaixa na expectativa desses leitores.

O que posso dizer em sua defesa, é que se trata de um investimento final, desde que você tenha um pré de phono e o resto do setup no mesmo nível.

Lembre-se que, no pacote, você estará abraçando uma cápsula MC, e que por tanto você terá que ter um pré de phono apto para cápsulas MC. Também será preciso um rack de bom nível para sua instalação, pois ele não poderá, como um TD de entrada, ser instalado em uma estante ou em cima de um caixote de laranja do Ceasa (como vi recentemente um Rega P1).

Com seus devidos pares similares, local adequado, todos que fizerem esse investimento serão retribuídos com um TD de excelente nível, e que o fará ouvir seus discos com alto índice de satisfação!

E o mais legal: descobrir um universo de detalhes jamais escutados!

Se esse é seu grande objetivo para justificar você jamais ter aberto mão de sua coleção de LPs, que seja feita a sua vontade! ■

PONTOS POSITIVOS

Um excelente toca disco, muito bem planejado e construído.

PONTOS NEGATIVOS

O cabo da fonte é inadmissível para um toca disco que foi tão assertivo em tudo!

Velocidade	33, 45 (comutação eletrônica)
Tipo de tração	Belt-drive
Cabo de phono incluso	Connect it E 5P > RCA (1.23m)
Cápsula inclusa	Ortofon Quintet Blue (MC de saída baixa)
Pés de alumínio	Amortecidos, e com regulagem de altura
Prato	5.1 kg (em alumínio amortecido)
Rolamento	Rolamento invertido com bola de cerâmica em suporte magnético
Wow & flutter	±0,11% (em 33) / ±0,10% (em 45)
Variação de velocidade	±0,11% (em 33) / ±0,09% (em 45)
Relação sinal/ruído	73 dB
Braço	9" em fibra de carbono (8.5g de massa efetiva)
Consumo	5W (0,3 W em standby)
Dimensões (L x A x P)	465 x 150 x 350 mm (com tampa acrílica fechada)
Peso	15kg

ESPECIFICAÇÕES

TOCA-DISCOS PRO-JECT X8 COM A CÁPSULA ORTOFON QUINTET BLUE E PH-10

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	11,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	12,0
Total	93,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

Mediagear
contato@mediagear.com.br
(16) 3621.7699
R\$ 32.000

**ESTADO
DA ARTE**





*Imagens ilustrativas.

MONSTER ADVENTURER FORCE



PREMIUM DE VERDADE

Conheça o speaker que leva 5 estrelas em todas as avaliações.
Duração. Qualidade. Som. Valor. Pure Monster Sound.

40W

Potência

5.0

Bluetooth

IPX7

À prova d'água

40h

Bateria

MONSTER®

Compre
agora no



TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XVELFYWKAHM](https://www.youtube.com/watch?v=XVELFYWKAHM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LILIRTHOXKM](https://www.youtube.com/watch?v=LILIRTHOXKM)



CAIXAS ACÚSTICAS HARBETH M30.2 XD



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Esse será o terceiro modelo da Harbeth testado por nós. Começamos pela impressionante SHL5Plus XD (leia teste na Edição 291), depois a Compact 7ES-3 XD, e agora a M30.2 XD.

Acredito que já possa afirmar ter uma ideia consistente da assinatura sônica das caixas Harbeth, e da razão de ter tantos admiradores espalhados pelo mundo. E já aviso que ganharam mais um admirador, pois dos três modelos avaliados, a impressão que todas me deixaram foi a melhor possível.

E também adianto que a M30.2 XD está entre as minhas books preferidas de todos os tempos, mais adiante explico em detalhes as razões.

Eu não gosto nem de clichês nem de estigmas. Acho que tentar explicar o motivo de determinado produto ter 'tais e tais características' se dever à sua origem (como por exemplo dizer que caixas inglesas têm 'som britânico') é simplificar demasiadamente suas

qualidades e limitações - que todas as caixas, independente do projeto ou preço, têm.

E esses 'clichês' não ajudam muito os mais jovens a compreenderem o que se está querendo definir com 'som britânico'. Diria até que inúmeras caixas que testei recentemente, da Wharfedale, Neat, Q Acoustics e Harbeth, fogem bastante dessa definição, se tornando caixas com uma assinatura sônica muito mais contemporânea e universal.

Claro que, o início de todas essas marcas inglesas certamente tinha algum resquício (ou muito) do 'padrão BBC' de monitores, e que, como marketing, foi uma ferramenta e tanto para diferenciá-las dos produtos americanos e asiáticos.

Mas os tempos são outros e os audiófilos, ao escolherem sua caixa acústica, utilizam inúmeros critérios de escolhas e não apenas se aquela marca um dia foi um monitor de estúdio da BBC. ▶



Óbvio que o início da Harbeth está intrinsicamente costurado ao desenvolvimento do famoso monitor BBC LS3/5a, já que seu fundador Dudley Harwood era o engenheiro responsável pelo departamento de pesquisa da BBC, e ganhou enorme respeito ao desenvolver e popularizar o uso de cones de falantes de polipropileno. E que Alan Shaw, o atual proprietário da empresa, ao comprá-la de Harwood em 1986, propôs abrir o leque de produtos, mantendo alguns modelos e conceitos originais dos monitores BBC, e alguns novos modelos como, a 7ES-3XD.

Porém não pense você leitor que os modelos derivados dos monitores se pareçam sonicamente com os modelos originais, pois foram amplamente atualizados e melhorados em todos os aspectos.

Acredito que este seja um verdadeiro 'dilema' para muitos fabricantes ingleses, que parece estar sendo solucionado com a volta do modismo 'vintage', que possibilita relançar 'ícones' dos anos 70, totalmente repaginados tecnicamente.

Com alguns se saindo muito bem nessa remodelação - e outros nem tanto.

No caso da Harbeth, esse movimento não foi necessário, pois ela continua fiel ao design original de todos os seus modelos, só avançando no que pode ser atualizado, e diria que esse é o seu maior trunfo em relação à concorrência. Pois que fabricante não deseja poder estar atualizado sem ter que revirar toda sua história?

Já descrevi nos outros dois testes as características essenciais do conceito e filosofia da Harbeth, mas não custa reforçar os aspectos centrais. Os gabinetes continuam, desde sempre, sendo finos, leves, com amortecimento muito pontual em pontos estratégicos, em vez de buscar um gabinete sólido, pesado e inerte.

Funciona? Sim, meu amigo, e muitíssimo bem. Levantando a questão de se existe apenas um caminho correto e todos os outros equivocados.

Mas, ouça e poderá tirar suas próprias conclusões.

Shaw é um projetista metódico e firmemente convicto de seus pontos de vista. Para ele, antes de uma caixa soar bem com música, precisa se mostrar correta na reprodução de vozes falando. E para ele, uma caixa que possa reproduzir corretamente a voz falada, estará apta a se sair bem tocando música. E parece que essa sua convicção, na 'prática', se mostrou absolutamente correta!

A M30.2 é uma caixa derivada do monitor muito famoso da BBC, o modelo LS5/9, que era usado como monitor de gravação tanto de programas musicais de pequenos grupos como nos estúdios de radiodifusão. A nova M30.2 XD utiliza o famoso falante de médio-grave de 8 polegadas batizado de Radial2, e o tweeter é um soft dome resfriado por ferrofluido de 1 polegada, fabricado pela SEAS sob especificações da Harbeth.

Resposta de frequência é de 50 Hz a 20 kHz, impedância de 6 ohms, sensibilidade de 85 dB, e a sugestão do fabricante é para usá-la com amplificadores a partir de 25 Watts, sendo sua potência máxima de 150 Watts. E seu peso é de apenas 12 kg!

Ainda que suas dimensões não sejam tão pequenas, você fica com a pulga atrás da orelha dela ser tão leve para o seu tamanho. Não se preocupe, pois essa dúvida irá acabar assim que você a amaciar e sentar para ouvir suas virtudes.

Segundo o fabricante, a nova versão XD é uma atualização da linha 40 Anos, com vários ajustes, incluindo um novo crossover com uma total revisão dos componentes internos da caixa. E a maior mudança é o uso do mesmo falante de 8 polegadas da caixa de referência, a 40.3.

O modelo enviado foi com acabamento Tamo Ash, que eu acho de extremo bom gosto, por ser clean e combinar com o design retrô da caixa.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: pré e power Elipson (leia teste na edição de junho 2023), integrado IS-1000 da Gold Note, e nosso Sistema de Referência Nagra. Os cabos de caixa foram: Oyaide OR-800 Advance, Virtual Reality Trançado e o Dynamic Audio Apex. As fontes analógicas: toca-discos Project XL- 8 (leia Teste 2 nesta edição) e a nossa referência Origin Live Sovereign Mk3. Prés de phono: Cambridge Audio Alva Duo e Gold Note PH-1000. Fontes digitais: streamer Innuos ZENmini Mk3 com fonte externa e transporte Nagra com TUBE DAC.

Muitos leitores, depois dos testes das duas caixas Harbeth, me questionaram se gostei mais de ouvi-las com ou sem tela? E, pela primeira vez na vida, gostei de escutar com as telas. Achei que principalmente no modelo 5L, que tem dois tweeters com a tela ficou muito confortável em gravações tecnicamente brilhantes, e com gravações equilibradas a tela não atrapalha. Com o modelo 7, eu tirei e coloquei várias vezes e, como não ouvi diferença, depois de ajustada a posição na sala, eu decidi fazer o teste todo com as telas.

Já no teste da 30.2 XD, eu nem me dei ao trabalho de tirar as telas, sequer na queima de 200 horas.

Como toda caixa Harbeth, o usuário terá que ser muito cuidadoso com seu posicionamento e altura da caixa em relação ao ouvido. São caixas que, apesar de seus tamanhos, necessitam respirar. E de uma distância mínima entre as paredes, para poder extrair o seu melhor.

Vejo reviews de caixas Harbeth em que o revisor reclama de pouca profundidade, e as caixas estão a menos de 50 cm da parede nas costas, ou enfiadas nos cantos. Minha vontade é gritar para esses revisores: "Harbeth não é caixa Audio Note, meu amigo!". Elas precisam ter o mínimo de espaço entre elas e das paredes.

E o que é esse mínimo, Andrette? Pelo menos 2.40 m entre elas, e ao menos 50 cm das paredes laterais, e 90 cm da parede às costas das caixas. Não precisa girar a caixa muito para o ponto de audição, mas também não podem ficar totalmente paralelas às paredes laterais (nem tanto à terra, nem tanto ao mar).

O mais essencial: altura dos pedestais. Nada do tweeter muito acima das orelhas, nem abaixo. O ideal é que os tweeters estejam, no máximo, a 5 cm acima da orelha do ouvinte sentado.

Tomadas todas essas precauções, pode iniciar o amaciamento escutando as caixas. Não haverá nenhuma agressividade nos agudos, e nem tampouco ausência de graves.

Você só precisa se lembrar que a caixa é uma book, e que responde a partir de 50 Hz.

Mas não se trata de um 50 Hz tímido ou anorético, pelo contrário. Pois têm corpo, peso, energia e velocidade suficiente para reproduzir qualquer gênero musical que não seja turbinado nos graves.

As pessoas com um pé no objetivismo, e a mente respaldada por números, sempre me perguntam se 50 Hz é o suficiente para ouvir música. É mais do que suficiente, diria até que para salas entre 9 e 16 metros quadrados é o que basta!

Mas essas pessoas não acreditam... Nesse caso, ouça! Tire suas próprias conclusões.

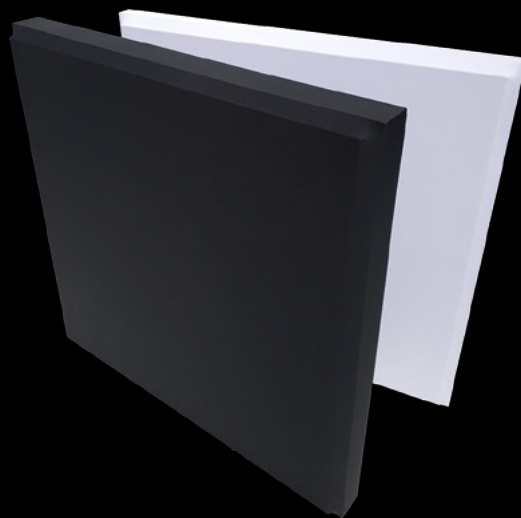
As books que mais gosto e tenho como referências absolutas, nenhuma responde abaixo de 50 Hz, e todas elas tocam em nossa sala de 50 metros quadrados, sem nenhuma restrição de gênero musical. Claro que não sou nenhum 'grave dependente', e sei que as books bem 'resolvidas' em termos de equilíbrio tonal e corpo harmônico, irão contornar essa limitação com enorme graciosidade e maestria!

As duas books que mais admiro, e estão na minha lista de desejos futuros, são a Boenicke W5SE (leia meu Espaço Aberto nesta edição) e agora essa Harbeth 30.2 XD. E posso garantir, meu amigo, que nenhuma delas precisa da condescendência de nenhum audiófilo, ficando 'com dedos' no volume com medo de deixá-las constrangidas. Elas aceitam desafios e os resolvem com uma agilidade e graciosidade impressionantes!

Como elas conseguem, é uma verdadeira incógnita, mas suas performances garantem a elas um lugar de destaque absoluto no pódio!

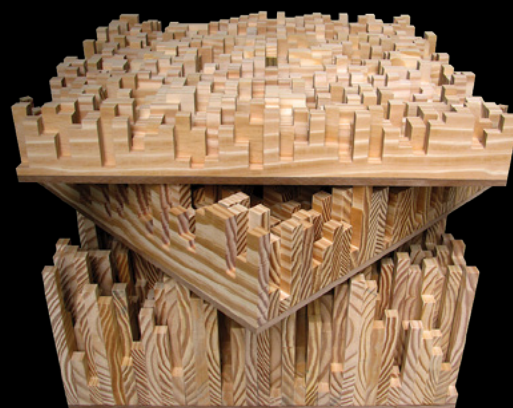


Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience
www.hifiexperience.com.br



Das três Harbeth que testei, a 30.2 XD soou a mais neutra das três, tornando-se um monitor hi-end interessantíssimo. Pois foi possível observar sem esforço a facilidade com que ela apresenta a assinatura sônica das gravações, da eletrônica e dos cabos.

Seu equilíbrio tonal permite que ela tenha uma folga imensa com gravações tecnicamente limitadas, sem nos fazer aposentar aquela gravação. Seu grave, como já escrevi, tem todos os atributos para não sentirmos falta da fundação dessa frequência, e a região média é puro deleite, sem soar aveludada, nos transmitindo com precisão o que foi captado, mixado e masterizado. E os agudos são corretos, abertos, com grande extensão, e decaimento suave o suficiente para ouvirmos as salas de gravação.

Ela, com os pares certos, é um convite a horas intermináveis de audição sem fadiga auditiva!

O soundstage dependerá exclusivamente do usuário fazer a lição de casa, mantendo os arejamentos necessários em relação às pa-

redes, e a altura correta das caixas em relação ao ouvido. Tomadas todas as precauções, a Harbeth é um requinte na apresentação de foco, recorte e planos. Tanto na profundidade, quanto na largura e altura.

As texturas, como diria meu pai: “são quase que palpáveis”, e não há nenhum esforço adicional para se acompanhar todas as linhas melódicas e ouvir as intencionalidades em toda sua beleza!

Meu amigo, vou te contar um segredo (fica só entre nós, ok?), nenhum monitor de estúdio de pro-áudio tem essa capacidade de apresentar as texturas de maneira tão implacável!

Os transientes são ‘pêra doce’, e absolutamente precisos e corretos em tudo: velocidade, time e ritmo.

Quanto à dinâmica, ainda que a macro tenha que ser avaliada com determinada cautela - não há restrições se os volumes forem os corretos - a 30.2 XD equilibra sua limitação na macro, esforçando-se por fazer de maneira correta o que está em seu campo de atuação. ►

“Exemplos, Andrette, por favor!!!!!!”

Na *Sagração da Primavera*, de Stravinsky, não haverá nos fortíssimos aquele baita deslocamento de ar nos tímpanos, no entanto ela não comprime esse fortíssimo a ponto de parecer estar cuspindo e não soando.

Outra qualidade: você não deixa de escutar toda a orquestra nessas passagens (o que é muito comum em todas as books: terem que fazer escolhas antes de entrarem em colapso).

Concerto para Dois Pianos & Percussão, do Bartok: aqui a grande sacada é manter o primeiro plano intacto, ou seja, os dois pianos soarem sem compactar, como se estivéssemos a misturar os dois pianos e colocá-los em uma bola de papel alumínio. Com isso, ainda que as percussões pareçam estar em segundo plano (o que não foi a intenção do compositor nos fortíssimos), o discurso musical como um todo, continua inteligível.

Se é isso que as grandes books podem, no atual estágio, fazer para contornar sua limitação física, a 30.2 XD o faz com propriedade.

Já a microdinâmica, para essa Harbeth, é ‘mamão com açúcar’. Tudo que foi captado e preservado até o estágio final do processo de gravação, estará lá.

Para uma book além da macrodinâmica, o corpo harmônico é outro enorme obstáculo. Aqui, graças ao uso do mesmo falante de 8 polegadas do modelo de referência 40.3, essa questão do tamanho dos instrumentos foi bem resolvido. O exemplo que mais me chamou a atenção, foi na reprodução de todos os pianos solo, em que fechando os olhos os pianos estavam com um tamanho capaz de deixar meu cérebro em dúvida se eram eles na minha frente ou não.

Todo monitor hi-end tem como maior objetivo te colocar dentro da sala de gravação, com os músicos, e não ao contrário - como as melhores caixas hi-end. Nesse quesito, a Harbeth 30.2 é a referência mor das books! Ela faz essa ‘mágica’ com extrema precisão e graciosidade.

CONCLUSÃO

Se me perguntarem se, então, com todos esses atributos a Harbeth pode ser a book final de todos audiófilos? A resposta será, depende do que esse audiófilo espera ou deseja em termos de performance. Se ele tiver o interesse de viver com uma book monitor hi-end, não existe opção melhor, em minha opinião. Agora, se ele deseja mesclar esse grau de ‘aproximação’ tão estreita com o acontecimento musical, com audições em que ele se encontra na plateia, ►

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

como quando estamos na Sala São Paulo, ela não será sua book definitiva.

Entendeu onde se encontram as virtudes e as limitações de todas as caixas?

Nenhuma jamais irá atender a todas as possibilidades feitas pelos engenheiros de gravação.

“Exemplos, Andrette, exemplos!”

Calma, apressado, darei um único exemplo bem conhecido pela maioria dos audiófilos com mais de 40 anos. A gravação de *Bela-fonte at the Carnegie Hall* - ouvindo essa gravação tanto na Harbeth e depois na Boenicke W5, a Boenicke apresentou de forma muito mais fidedigna o ambiente e atmosfera da gravação que a 30.2 XD. Já no exemplo do Joe Satriani, o CD de capa laranja, a Harbeth foi muito mais feliz em sua recriação da sala de gravação, e me colocou em posição privilegiada bem perto dos músicos.

Me fiz compreender?

Se seu gosto musical é muito mais para gravações de estúdio, pequenos grupos e música quase que estritamente com instrumentos eletrônicos, a Harbeth 30.2 é o monitor hi-end que você precisa,

para em cada audição ser transportado para aquela sala específica junto com os músicos.

E se você tiver ‘bala na agulha’, provavelmente a Harbeth 40.3 atenda aos que desejam mais adrenalina na reprodução da macrodinâmica. ■

PONTOS POSITIVOS

Uma book monitor hi-end de altíssimo nível.

PONTOS NEGATIVOS

Ela, apesar do seu tamanho, é crítica com o arejamento e altura do pedestal.

ESPECIFICAÇÕES	Drivers	<ul style="list-style-type: none"> • 200 mm médio-grave Harbeth RADIAL2 • 25 mm tweeter domo com ferrofluido
	Resposta de frequência	50 Hz a 20 kHz (±3 dB)
	Impedância	6 ohms
	Sensibilidade	85 dB (2.83V / 1m)
	Amplificação sugerida	25 W / canal
	Potência máxima	150 W
	Dimensões (L x A x P)	277 x 460 x 275 mm
	Bornes	4 mm Harbeth
	Peso	11.6kg cada (sem embalagem)
	Cor da tela	Preta

CAIXAS ACÚSTICAS HARBETH M30.2 XD	
Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	12,0
Total	92,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

KW Hi-Fi
fernando@kwhifi.com.br
(48) 98418.2801
R\$ 42.000

ESTADO DA ARTE



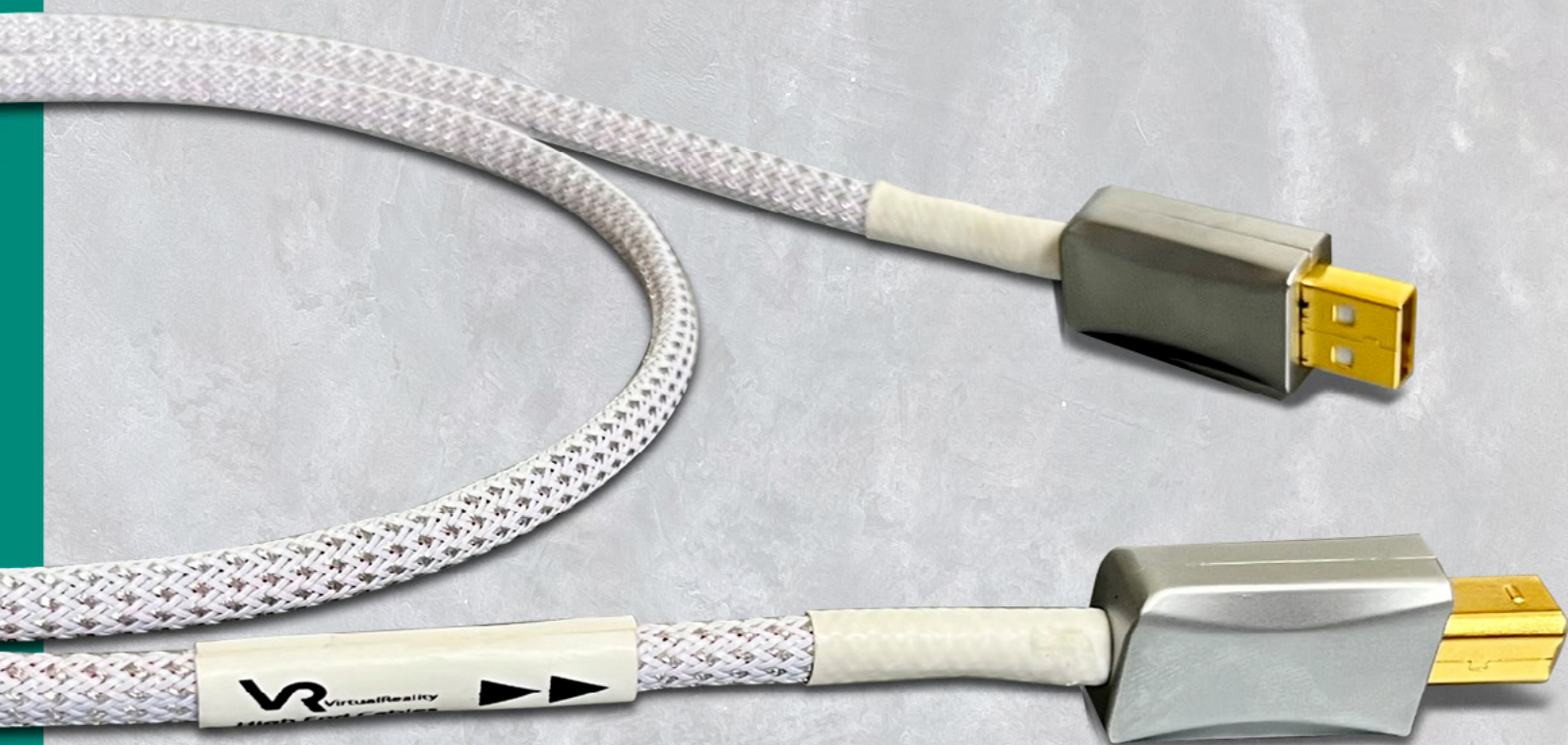
CASA INTELIGENTE



SOLUÇÕES INOVADORAS DESDE O PROJETO DE INFRAESTRUTURA, AOS EQUIPAMENTOS DE ALTA PERFORMANCE E DESIGN.



TESTE
4
AUDIO





CABO USB ARGENTUM DA VIRTUAL REALITY

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Com a explosão do streamer, os fabricantes de cabos estão simplesmente sorrindo de orelha a orelha com a venda de cabos USB e Ethernet.

Tenho escutado muitos cabos USB nos últimos 4 anos, e confesso que minha impressão é que existem dois grupos bem definidos: os que transmitem o sinal de maneira correta e muito similares em termos de performance, e alguns poucos que se destacam na multidão.

Desses que se destacam, até eu testar o Argentum da Virtual Reality, passavam de 500 dólares, todos!

Então, foi muito agradável ser mais uma vez surpreendido pelo Ebert Goulart, o projetista da Virtual Reality, com o envio de sua nova linha de Referência, e encontrar essa preciosidade de menos de 500 dólares!

Eu já escrevi que o cabo de caixa Trançado é uma de nossas Referências para testar caixas de até 98 pontos, e continuo achando-o com uma relação custo/performance imbatível, e que coloca a 'nocaute' inúmeros cabos de caixas muito mais caros.

Então, pelo menos dessa vez, não fui pego de surpresa quando comecei a ouvir o USB Argentum, e percebi que o voo aqui seria muito mais alto.

Sua construção é impecável, comprovando novamente que Ebert não só entende do que está se propondo a fazer, como tem enorme cuidado na escolha do material e acabamento de seus cabos.

Não corro risco, depois de dois meses com toda a linha Argentum em mãos, em afirmar que a Virtual Reality veio para se fixar no mercado com produtos que irão 'ombrear' com marcas internacionais famosas, e conquistar uma fatia considerável desse mercado. ▶



Pois além de sua performance, os valores finais dos seus cabos são condizentes com a nossa realidade.

O USB Argentum, segundo o fabricante, é um par de fio em prata sólido, para possibilitar uma largura de banda de transmissão aumentada, para uma total integridade do sinal digital. Utiliza dielétrico de polietileno expandido que minimiza a capacitância, e garante a estabilidade necessária da impedância para uma transmissão íntegra do sinal.

A blindagem é dupla com malha de cobre, mais filme de alumínio/mylar, para melhor rejeição de interferência EMI/RFI. O par de alimentação em cobre vem com bitola maximizada para melhor disponibilidade de energia por todos os equipamentos que utilizam o USB.

Conectores com contatos banhados a ouro, para uma maior durabilidade e para evitar oxidação, e o corpo dos conectores em alumínio. As opções são de 50 cm, 60 cm, 80 cm, 1 m e 1,5 m. A

amostra enviada para teste foi de 1 m, que custa para o consumidor final menos de 1700 reais!

Para o teste, utilizamos o Innuos ZENmini Mk3 com fonte externa, nossa Referência.

O interessado na aquisição desse USB, terá que ter a paciência de esperar o completo amaciamento de 50 horas, para desfrutar de todos os seus inúmeros encantos! Pois quando se coloca zerado, ainda que se perceba inúmeras de suas qualidades, como um equilíbrio tonal estupendo, velocidade, silêncio de fundo, corpo harmônico, dinâmica, ele carece de total profundidade. Parecendo que tudo soa em 2D - algo que, na maioria dos streamers, já é um problema a ser corrigido, e com o Argentum zerado essa limitação é colocada em primeiro plano.

Para quem não acredita em amaciamento, irá cometer enorme injustiça ao devolver o cabo sem esperar que seja amaciado. ►

Como não é nosso caso, pois sabemos o quanto é importante o amaciamento também de cabos, fomos ouvindo as qualidades e esperando que a profundidade surgisse. E quando surgiu (primeiro apenas nas melhores gravações de música clássica) com quase 40 horas, vimos que era uma questão de mais algumas horas para tudo se encaixar e mostrar o nível desse USB.

Sugiro que os futuros donos desse belo cabo não deixem de acompanhar as evoluções diárias, pois elas são uma prova do quanto o burn-in é importante antes de sairmos julgando componentes.

Pois tirando a falta de profundidade inicial, todo o resto já está em altíssimo nível!

Equilíbrio tonal impecável com graves desde a fundação (primeira oitava) corretos, com a energia, corpo e velocidade, médios detalhados e de uma naturalidade sedutora, e agudos com belíssima extensão e decaimento correto (veja que não disse suave e sim correto, só possível em gravações em que o engenheiro teve o cuidado em captar a ambiência e preservar na mixagem e masterização).

Como eu sei que determinado equipamento possui o decaimento correto?

Ouvindo nossas gravações, pois não usamos na sala do Teatro Alpha nenhum tipo de reverberação digital!

As texturas com um equilíbrio tonal tão correto, são também reproduzidas impecavelmente, possibilitando o acompanhamento de cada linha melódica sem esforço, e observar a qualidade dos instrumentos, a técnica dos músicos e as 'intencionalidades' (leia meu Opinião neste mês descrevendo o quesito Textura).

Transientes precisos em ritmo, tempo e andamento, fazendo com que a música sempre pulse e se mostre viva, e não letárgica ou arrastada!

Dinâmica, tanto macro como micro impactantes sem, no entanto, se tornarem pirotecnia (nada de um cofre de uma tonelada caindo no meio de suas pernas, rs)!

O corpo harmônico, uma das limitações ainda presentes no streamer, foi reproduzido como ouvimos em nosso cabo USB de Referência da Kubala Sosna (que custa 10 vezes mais!).

E a materialização física, nas melhores gravações, foi o que o streamer pode fazer no seu melhor neste momento (não nos coloca entre os músicos, mas os materializa à nossa frente).

CONCLUSÃO

Acredito que o novo cabo USB da Virtual Reality será uma nova referência no mercado, pois consegue a façanha de ter preço dos

cabos 'mais realistas' do mercado, porém com uma performance do nível dos melhores USB top importados.

Um feito que o transforma na melhor opção de cabo USB para sistemas Estado da Arte, nesse momento!

Se você está procurando um cabo USB de alto nível para o seu setup, não ouvir o Virtual Reality Argentum será um erro imperdoável! ■

PONTOS POSITIVOS

Um USB matador no preço e performance.

PONTOS NEGATIVOS

Absolutamente nenhum.

CABO USB ARGENTUM DA VIRTUAL REALITY

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	13,0
Textura	13,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	14,0
Total	103,0

VOCAL	████████████████████
ROCK . POP	████████████████████
JAZZ . BLUES	████████████████████
MÚSICA DE CÂMARA	████████████████████
SINFÔNICA	████████████████████

50 cm - R\$ 1.082,00
 60 cm - R\$ 1.202,00
 80 cm - R\$ 1.442,00
 1 m - R\$ 1.682,00
 1,5 m - R\$ 2.282,00

Virtual Reality
 contato@vrcables.com.br
 (12) 99147-7504

**ESTADO
 DA ARTE**
 SUPERLATIVO





MINHA BOOK PREFERIDA

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

É pública minha admiração por caixas bookshelf - testei ao longo dos 27 anos inúmeras, das mais baratas a algumas bem caras.

E tenho dito exaustivamente o quanto as books evoluíram, e podem ser a caixa definitiva de inúmeros leitores com salas de até 16 metros quadrados, dedicadas ou compartilhadas com a família.

A resistência a escolher uma book está muito mais no preconceito ou em referências de antigas books dos anos 80 e 90, de que algo irá faltar, em determinados estilos musicais. Quando deparo com esse tipo de resistência, muitas vezes infundada, sugiro que o leitor leve seus discos e ouça apenas, antes de firmar posição que books não são sua opção.

Books sem grave e sem corpo, fazem parte de um passado que não predomina mais.

Hoje qualquer book decente responde pelo menos a partir de 50 Hz, e bem posicionadas em salas pequenas sem tratamento acústico, são muito mais fáceis de ajustar que qualquer coluna nesse mesmo espaço.

Outra vantagem é que podem ficar mais próximas as paredes e entre elas, e ainda assim reproduzir uma imagem 3D com respiro, foco, recorte e planos hiper detalhados.

Eu só não recomendo books para os grave-dependentes, pois esses não irão jamais ter uma convivência prazerosa com essas pequenas monitores.

Para todos os outros, independente de gosto musical, há opções excelentes que vão de 4 a 60 mil reais!

As Books, assim como as Torres, possuem sua assinatura musical, portanto é importante antes de bater o martelo ouvir algumas opções que atendam a seu bolso e a seu gosto e expectativa.

Como sempre digo: a caixa é que dará a assinatura final ao sistema. Se achar uma caixa que tenha uma assinatura mais para o quente, e por com uma eletrônica valvulada, pode ficar excessivamente quente. Ir para uma caixa com hiper transparência e uma eletrônica transistorizada, pode ficar cansativo.

E se tiver a sorte de encontrar uma que busque se manter na neutralidade, será preciso buscar uma eletrônica parecida com essa assinatura.

Tive mais de uma dezena de books em minha vida. E todas que tive, as escolhi por um conjunto de qualidades que, além de me seduzirem, permitiam ser também um instrumento de trabalho (fosse em nossas gravações ou como referência para testes).

As books que mais tempo ficaram comigo, foram as que me permitem, em minhas horas de lazer (que sempre foram raras), poder ouvir meus discos preferidos sem o lado 'revisor crítico de áudio' ser acionado (rs...).

Pois, depois de 30 anos fazendo isso, nos momentos de paz e sossego quero, como todos vocês, apenas sentar, fechar os olhos, apertar o play e me encantar com a música que estou ouvindo.

Dentre as books dos últimos anos que conseguiram realizar esse desejo com enorme prazer, foram duas: uma Harbeth testada recentemente da linha DX (leia o teste 3 nesta edição), e a Boenicke W5SE - que já comentei inúmeras vezes o quanto ela me seduziu e ficou lacrado em minha memória musical!

Ambas são books caras, rs..., que conseguem ultrapassar a barreira de serem eficientes em sua proposta e nos atingir em cheio no aspecto auditivo/emocional.

A única semelhança entre elas, é que ambas tendem muito mais para a neutralidade.

Mas a Harbeth tem muito mais o DNA de um monitor de estúdio hi-end, e a Boenicke de nos colocar no mesmo espaço físico do acontecimento musical.

Para o meu momento atual, em que desejo que a hora de lazer seja repleta de emoção (falo da emoção que nos remete a revisitar momentos marcantes e ainda repletos de detalhes, do tempo e espaço em que ocorreram), a W5SE é a companhia perfeita!

Tive a oportunidade recentemente de ter a companhia da W5, e como testei a versão SE, minha curiosidade em ouvir as diferenças foi determinante para pedir ao importador emprestado. Como todos

revisores que tiveram a oportunidade de ouvir ambas, concordo que a maior diferença está na extensão das duas pontas.

Entretanto, no resto, são absolutamente idênticas - o que me fez novamente perceber o quanto essa microbook é surpreendente e única! Adoro ver o ar de desprezo das pessoas ao verem seu tamanho e o grau de desconfiança de que 'aquilo' possa tocar 'de verdade'!

Ainda mais em uma sala de 50 metros!

O desprezo muda instantaneamente para torpor ao ouvir as primeiras notas e perceber que aquilo que estão escutando não pode estar vindo de caixas tão minúsculas! Já tive ouvintes que levantaram e foram averiguar se eu não estava lhes pregando uma peça!

Os graves são sólidos e corretos, mostrando ser ela a exceção à regra da física que nos diz que um falante de 5 polegadas não pode responder baixas frequências com tanta precisão, velocidade, corpo e deslocamento de ar.

E o que dizer daquele mini-falante de 3 polegadas para responder de 1600 Hz até quase 19 kHz?

E de onde vem a materialização do ambiente de gravação em um palco que ultrapassa em mais de 1 metro as caixas nas laterais, e aquela profundidade quase que real dos naipes de metais e percussão, a soarem no fundo do palco? É de um minúsculo tweeter atrás da caixa, logo acima dos bornes, que nos dá esse arejamento absurdamente orgânico e real!

Poderia escrever (como fiz no teste da W5SE, na edição 211), páginas e páginas das suas habilidades quase que metafísicas, mas não iria adiantar muito, eu sei! Pois estamos 'anestesiados' de ouvirmos todos os dias que o novo produto ultrapassou os limites até então existentes em termos de performance, que não acreditamos mais que isso seja fato.

Eu te entendo perfeitamente, e não o crítico, pois está cada vez mais difícil acreditar nas promessas que nos bombardeiam diariamente.

Então, o que me consola é saber que cada vez que tenho a oportunidade de conviver por algum tempo com a W5, convido amigos queridos a ouvirem e descobrirem seus encantos e poderem, com seus próprios olhos e ouvidos, descobrir que existe uma book, ou melhor uma microbook, que faz coisas que até Deus duvida!

Se você ler meu teste da Boenicke W5SE, verá que eu também fui cético ao retirá-las da embalagem, e hoje sou talvez o seu maior admirador!



NÃO EXISTE MÚSICA “VELHA”

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Sim, eu sei: parece coisa de velho, né, falar esse tipo de coisa?

Não é. Até porque as melhores coisas que eu ouvi na década de 70, permanecem comigo até hoje. Idem das décadas de 80, 90, etc. E eu ainda ouço coisas da década de 60. E da década de 30! De mil oitocentos e trinta! 1830! rs...

A gente ‘recebe’ constantemente, orelha adentro - e olhos adentro - uma série de ideias e de padrões de atitude esquisitos. E tenta assimilar isso, fica ruminando a questão, até chegar à conclusão de que não possam ser válidas.

E uma dessas ideias - muito mal pensada e implementada aliás - é de que música boa fica velha. Porque se for ‘boa’ mesmo, ela não fica, não. E ouço esse tipo de coisa sendo proferida, recentemente, também por gente que reclamou da música que é tocada nas feiras de áudio no exterior.

Aqui vale um panorama geral, para se situar melhor. Pós-pandemia, as feiras de áudio, em boa parte do mundo, estão voltando em peso - talvez para dessatisfação dos Profetas do Fim do Áudio, ou para os que achavam que o cenário, o mercado de áudio, iria mudar totalmente, mas não apresentaram solução para quem queria usufruir de lojas físicas, e de feiras, para se ter um apanhado geral e ter contato com os profissionais da área, fabricantes, distribuidores, etc. Coisas baratas podem ser compradas online - mas equipamentos e acessórios de áudio, que são caros, não. O fato é que lojas e showrooms estão retornando, e feiras grandes já retornaram, com a Axpona sendo a maior (em expositores e público) nos EUA, e a High End Munich, na Alemanha, sendo a maior da Europa - e, diga-se de passagem, maior que a maior feira americana.

E sim, em ambas feiras o público jovem está crescendo, e o público feminino também. O que é ótimo!

E a maioria dos jovens querem ouvir a música deles, a música que eles gostam, se esquecendo que a maior parte dela tem baixa qualidade sonora, infelizmente. E não se faz comida boa com ingredientes ruins. E os mais antigos (não somos velhos, somos 'clássicos' rs...) querem ouvir sua música, que é, no geral, muito mais bem gravada.

Muitos jovens, então, perdem por não aprenderem sobre uma enormidade de música maravilhosa que veio antes deles, numa necessidade incontível de serem presos ao presente, o qual é frequentemente efêmero e descartável, como é a música do mainstream, comercial, descolada, e de gêneros de nunca primaram por qualidade. E perdem porque não percebem que a maioria de sua música é incrivelmente inapropriada para a avaliação de equipamentos e setups de áudio - pois não se faz comida boa com ingredientes ruins. O pior é que, para quase qualquer gênero musical que os jovens gostam, existem exemplos melhores em música de melhor qualidade e até, geralmente, mais 'antiga'. Mas lá foi um deles, reclamar que a feira de Munique não "tocava nada que ele conhecia" e, portanto, ele não "conseguiu conexão emocional" com nenhum equipamento, e não os pode avaliar. Isso acho que foi o maior exemplo que eu já vi de inflexibilidade e falta de compreensão e entendimento sobre uma coisa e sua finalidade - e de pleno uso de um tipo estranho de arrogância e egocentrismo.

E a maioria do povo 'clássico', perde por não entender que, de moderno, novo, diferente do tradicional, fora do mainstream, fora do que é popular e efêmero, fora de música de consumo, existe sempre muito mais por e para onde expandir suas coleções de discos, aprofundar seus conhecimentos, e criar novas playlists em serviços de streaming.

Em resumo: o pessoal mais novo precisa aprender mais sobre música e entender a necessidade de qualidade sonora para a apresentação e avaliação de equipamentos, e o pessoal mais clássico precisa saber selecionar melhor o que vai demonstrar, para poder agradar e interessar ambos públicos em suas salas em feiras, showrooms e revendas.

E está rolando isso? Não.

Na Axpona, o público mais velho reclamou de que a música usada era, em sua maioria, barulhenta, desagradável e tocada em volumes muito altos, atrapalhando a apreciação dos equipamentos por eles. E, em Munique, um cenário muito mais conservador, houveram reclamações, principalmente por jovens, chegando a dizer que música clássica e jazz antigo deveriam ser proibidos em feiras.

Tirando o fato de que esses poucos jovens foram intransigentes - e ignorantes - claro que é uma obscenidade achar que algum tipo de música seria ou será proibida em uma feira ou onde quer que seja.

O que é preciso haver é um aprendizado e uma adaptação de ambas partes. Aliás, do público jovem, do público 'clássico', e também da maioria esmagadora dos expositores, fabricantes e demonstradores, que não estão sabendo a quem agradar, como agradar e, às vezes, porque agradar.

Tudo se resolve com a expansão de horizontes culturais, de muitos dos envolvidos. E com o entendimento do quê? Sim, caro leitor: de que não se faz comida boa com ingredientes ruins. ■

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

André Maltese

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

Roberto Diniz

Tarso Calixto

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Juan Lourenço

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronides Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.instagram.com/wcjrdesign/

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. revista@clubedoaudio.com.br www.clubedoaudioevideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AVMAG



VENDO

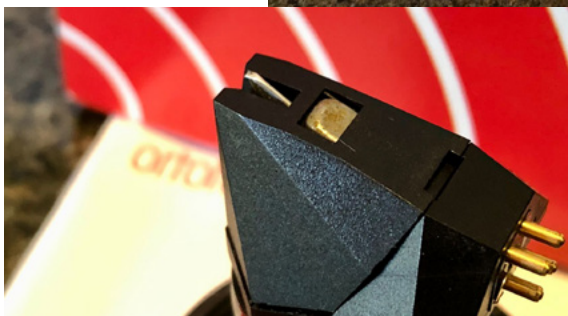
Seis válvulas 6SN7 Sylvania em perfeito estado. Casadas aos pares.

Valor das seis unidades: R\$ 1.000.

Só vendo as seis juntas.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br



VENDO

Cápsula ORTOFON 2M BLACK.

R\$ 4.700.

Cápsula em excelente estado de conservação. Não utilizei nem por 30 horas. Sempre leu discos limpos pelo meu processo de lavagem com máquinas de escova e cavitação dedicadas.

Acompanha a balança mecânica da própria marca como um brinde. Possui chave e parafusos, além da embalagem completa com o manual.

Posso combinar com o comprador o serviço de montagem, com o atendimento em todo o Brasil.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



1

VENDO

1. Cabo de força Transparent Cable Power Link modelo MM. R\$ 2.000.
2. Transparent Cable digital coaxial SPDIF (1m). R\$ 2.000.
3. Digital coaxial SPDIF (1 m) Reference XL valor. R\$ 12.000.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

3



2



VENDO

AC Organizer LC 111 Filtro Sintonizado High-End, usado, em perfeitas condições. R\$ 5.000.

Reginaldo Leite de Azevedo

reginaldoazevedo75@gmail.com

(21) 96481-6414



VENDAS E TROCAS



VENDO

- Caixas MAGICO - modelo S1 Mk2. Estado de novas, embalagens originais. U\$ 15.000.
- Toca-discos TECHNICS SP-10Mk3, com braço Jelco 12". U\$ 10.900.
- Cabos SHUNYATA Anaconda (força/caixas). U\$ 2.000.

Martin Ferrari

martinferrari@gmail.com



VENDO

- Paganini. US\$ 4.500.
- Esoteric Rubidium. US\$ 7.000.
- <https://www.theabsolutesound.com/articles/tas-180-esoteric-g-orb-rubidium-master-clock-generator-1>
- Cabos Transparent Power Link MM. R\$ 3.900 (sem foto).
- Bandeja Rega 9 com braço RB1000 sem cápsula. US\$ 5.000. (sem foto).
- Caixas Dynaudio C4. R\$ 79.000. (sem foto).
- Caixas Dynaudio 25 anos. R\$ 25.000. (sem foto).

Victor Mirol

(11) 99982.1047
v.mirol@uol.com.br



O MAIOR ACERVO DE MÚSICA
A SUA DISPOSIÇÃO

DISCOS de
SELOS AUDIÓFILOS

IMPERDÍVEIS!

FAÇA PARTE DO
NOSSO GRUPO
DE WHATSAPP!

Receba diariamente
ofertas de CDs e Vinis
(audiófilos e standards),
com condição de
remessa via sedex.

📞 11 99341.5851



NOVIDADE!

Espaço de excelência com wine bar, espaço de
apresentação de áudio ao vivo e estante com
som vintage, tocando gravações especiais em
vinil digital e gravador de rolo.

Área externa para degustação de Charutos.

Área de exposição e venda de equipamentos,
caixas de som vintage. Displays com vinis e CDs
de mpb, classicos, jazz e rock.



CLIQUE NA IMAGEM E ASSISTA AO PROJETO.

Calçada Antares, 241 - Alphaville/SP - Centro de Apoio 2
Em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 99341.5851 📞

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
LOJA.AUDIOCLASSIC@GMAIL.COM

VENDAS E TROCAS



VENDO / TROCO

- CD Player ZANDEN 2500 - R\$ 36.000.
Equipamento em estado de novo.

Utiliza o aclamado conversor Philips TDA1541A Single Crown em configuração minimalista (sem oversampling, sem upsampling). Seu transporte é baseado no lendário e extremamente robusto leitor Philips CDM-2Pro. Possui filtro analógico desenvolvido pela própria empresa e utiliza uma válvula Sylvania JAN 7308 (versão militar da 6922) na saída. Possui saídas balanceadas e RCA, além de saída digital SPDIF. Acompanha controle remoto.

É uma verdadeira obra de arte e as minhas fotos não fazem jus a essa máquina. Possui caixa completa. 120V. Importação oficial. O valor pedido é pouco mais da METADE que era cobrado, na tabela oficial. Conforme produto, posso aceitar troca.

Não tenho dúvidas que esse é um dos mais musicais reprodutores de CD que escutei. Conforme o interesse, posso agendar uma audição.

- Pré de Phono Tom Evans The Groove + - R\$16.800.

Excelente pré do renomado projetista Tom Evans. Compatível com virtualmente qualquer cápsula de bobina móvel (MC). Fonte externa 120V. Extremamente silencioso. Como em qualquer produto que vendo, conforme material, posso aceitar uma troca.

Em ótimo estado de conservação.

- Toca Discos Pro-Ject 1xpression Carbon Classic R\$7.900,00. Em excelente estado de conservação. Com upgrade de tapete para o Herbie Way Excellent II. 120V. Não acompanha a cápsula da foto.

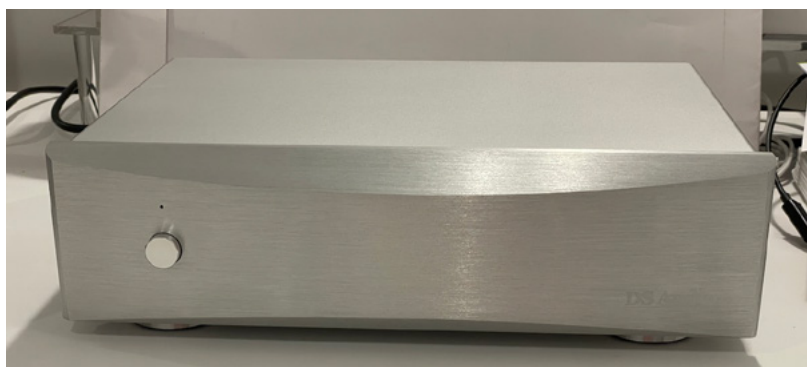
Caso o cliente esteja em São Paulo, o serviço de instalação que eu realizo está incluído. Para demais localidades apenas incluir o valor completo de deslocamento.

Conforme material, posso aceitar troca. Dúvidas em PVT.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257





VENDO

Vários componentes, todos meus, há usados e novos.

- Toca Discos (2) Thorens 125 e 126
- Braços SME, Sorane, SAEC e outros
- Cápsulas Shure V15-IV, Pickering XV15, Goldring E3, Grado, etc
- Acessórios como mats, weights, step-up transformers
- Vários cabos, CDs e LPs

Preços a combinar. Por favor interessados mandem mensagem ou email, e conversamos.

- Toca Discos Bang & Olufsen (B&O) Beogram 4002 com braço tangencial e cápsula B&O nova. Ótimo estado, ícone da história do áudio, está no acervo do MOMA em New York. Todas as funções preservadas, velocidade precisa, botões operacionais e ótimo som - melhor do que se imagina! Painéis em alumínio, borrachas e acrílico em ótimo estado, exceto um arranhão num canto do prato e um desgaste no canto traseiro esq do gabinete. Não gostaria de enviar porque o toca discos tem suspensão interna e pode danificar (está perfeita). Prefiro entregar em São Paulo, inclusive assim o comprador pode ouvir. US\$ 1.000.

- Cápsula Óptica com Preamplificador DS Audio DS-002 (120V). Praticamente nova, menos de 50 horas de uso, cápsula protegida na caixa original em alumínio. Tanto a cápsula quanto o pre-amp/equalizador dedicado em perfeito estado e funcionamento impecável. Gostei muito do som, silêncio de fundo, bom palco, timbres naturais, graves espetaculares e dinâmica idem. Vendendo por upgrade para DS003; tenho outras opções de cápsulas enquanto isso. Reviews favoráveis na imprensa; ref. preços novos EUA USD 5,5mil e USD 8,5 mil Brasil. US\$ 4.200 (mais frete/seguro).

Roberto Diniz

r_diniz@hotmail.com

(11) 98371.7000

VENDAS E TROCAS



VENDO

- Interconnect Kimber klabe Select KS-1130 XLR 1,5 M (par), high end silver pura, Número de Série 4B8467. R\$ 8.450

- Cabo Interconnect Purist Audio VENUSTAS RCA-RCA 1 mts (par); Número de Série: 10007966. R\$ 2.950

- Cabo de Força Power MAGIC REFERENCE 1,0 mts (high-end) poderoso com dinâmica que descreve o som produzido por este Power Cabo. R\$ 2.450

- Cabo de Força HARMONIX X-DC II com 1,5 mts (high-end) - R\$ 1.780

- Cabo de Força HARMONIC TECHNOLOGY FANTASY AC10.

1,5 mts - R\$ 1.650 / 1,0 mt - R\$ 1.300

Luiz Casarini

vieiraneto@icloud.com

(17) 98106.0350





VENDO / TROCO

- Par de caixas acústicas Magico Q5 em excelente estado de conservação. Cor Black Anodized. Possuem crate (caixa de madeira). Custavam aproximadamente o dobro, quando compradas novas. Aproximadamente 170kg/cada. Configuração de 1 Tweeter MBe-1 (em berílio) e quatro drivers em NanoTec, um médio de 6", um midbass de 9" e duas unidades de graves de também 9".

- Braço Kuzma Stogi de 9 polegadas. Em estado de novo. Na caixa com todos os manuais e acessórios. Com cabeamento original CARDAS terminado em ponteiros XLR (facilmente trocável para RCA caso queira).

R\$ 9.800.

Havendo real interesse posso marcar audição com o interessado. Conforme o material, posso aceitar troca. Dúvidas em PVT.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



VENDO

Caixa Dynaudio Edição Especial Twenty Five. R\$ 25.000.

André Mehmarí

estudiomonteverdi@gmail.com

VENDAS E TROCAS



VENDO

- Caixa Acústica Contour 2.8 Dynaudio.

R\$ 8.000. (embalagem original).

- Sub Dynaudio Contour 500.

R\$ 15.000.

- Pré Audiopax Model 5 com controle remoto funcionando perfeitamente.

R\$ 8.000.

Não está incluso nesses valores, o frete (a combinar).

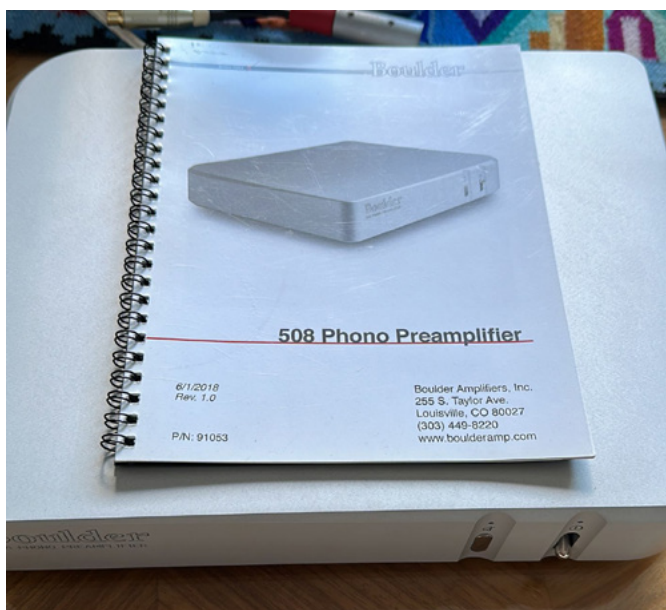
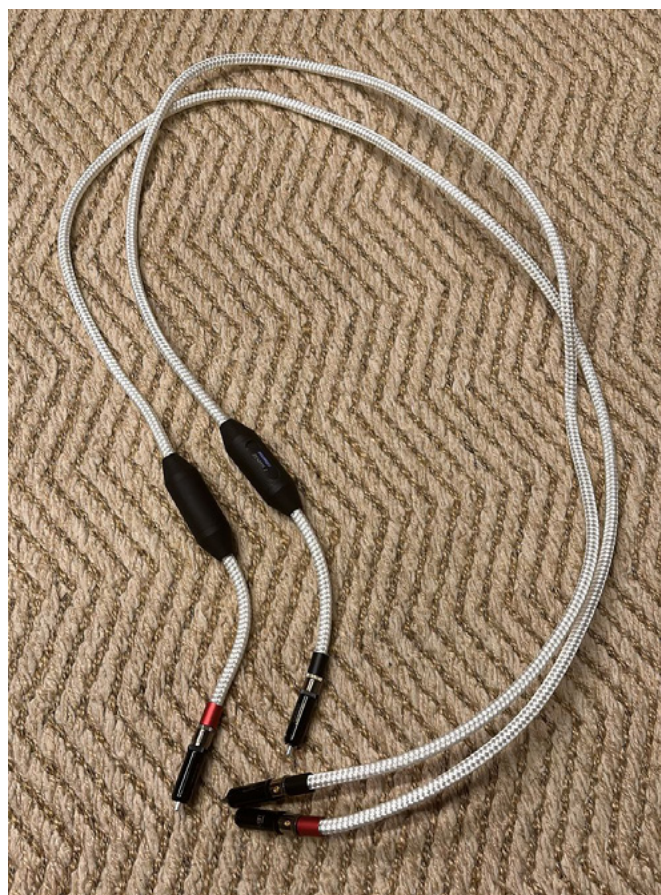
Omar Castelan

(16) 98116.5003

(16) 3014.0473

ocastellan@uol.com.br





VENDO

- Pré de phono Boulder 508 - importação oficial - Foi pré de referência da AVMag - 102 pts na revista. R\$ 24.000.
- Cabo RCA Dynamique Áudio - (1,5m) - pouco uso. Retail U\$ 2.600. R\$ 14.500. Posso parcelar no cheque, mediante consulta.

Fernando Borges

19 99111-6080

fernandopborges@uol.com.br

A proteção do seu sistema



Condicionador



Condicionador Estabilizado

Módulo Isolador



UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100